

VÓS SOIS MÁQUINAS

Goulart Gomes

Esta obra foi escrita com o apoio da Fundação Pedro Calmon, a partir de recursos financeiros provenientes do EDITAL DE APOIO À CRIAÇÃO LITERÁRIA do Governo do Estado da Bahia, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura, através do Termo de Acordo e Compromisso 0329/2010.

AGRADECIMENTOS

- a Pacha Mama, pela inspiração;
- a Márcia Tude, parceira de tantas aventuras literárias;
- a Bárbara Menezes, pelos seus comentários;
- a Gerana Damulakis e Rafaela Grassi, pela leitura atenta;
- à Fundação Pedro Calmon, sem a qual esta obra não teria saído do computador;
- a Isaac Asimov, Arthur Clarke, Gene Rodenberry, Ray Bradbury e todos os gênios da FC que vieram antes de nós e tanto nos ensinaram.

*Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos;
nossa inteligência, empedernidos e cruéis.
Pensamos em demasia e sentimos bem pouco.
Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade.
Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura.
Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.*

(Charlie Chaplin, em O Grande Ditador)

PARTE 1

PRÓLOGO

Passaram-se pouco mais de vinte anos, desde que um surto de cibersuicídio aconteceu no planeta Terra. Em todos os continentes, andróides provocavam a sua autodestruição, sem nenhuma causa aparente. A principal fabricante dos autômatos, a Andronics Corp, preocupada com a repercussão negativa que isso provocaria à sua imagem e a conseqüente redução de vendas e queda no lucro da companhia, acionou a Karma Seguros para que investigasse o problema. O inspetor Bert foi designado para cuidar do caso, auxiliado pela analista de sistemas comportamentais Bianca, da Elektra Sistemas Comportamentais – [ESC]. Ao longo das investigações, eles ainda ganhariam a valiosa colaboração do neurociborgologista Hermógenes Silva.

Além de um problema causado pelo elemento químico *lithium* em sua composição, os andróides também começaram a desenvolver comportamentos coletivos similares às emoções humanas, o que os levava à depressão e “morte”. Graças às ações dos três especialistas, em suas respectivas áreas, o problema foi solucionado*.

Agora, em 2245, os andróides voltam a ocupar as manchetes da grande imprensa, abalando a sociedade humana com as suas revelações. O doutor Hermógenes Silva e um grupo de amigos, entre os quais estão Bert e Bianca, precisam proteger a existência de uma dessas máquinas, que promoverá a maior transformação do planeta, desde o século XX.

* esta história foi contada no livro *Deixando de Existir*, do mesmo autor.

BUG

Hermógenes Silva periodicamente optava por um percurso alternativo entre a sua casa, localizada na Vila Héstia, e a sede da Andronics Corp, na Avenida Kubrick, o que aumentava o trajeto em um quilômetro e trezentos e cinqüenta e sete metros, segundo o computador de bordo do seu hipermóvel. Tudo isto apenas para poder passar pela Avenida Santa Fé e ter o prazer de admirar os templos e sedes de instituições filosóficas e religiosas ali existentes, o que, convenhamos, não é muito natural para um cientista. Mas Hermógenes é um homem de ciências diferente. Ele nunca fora visto externando nenhuma forma de crença transcendental, nem professando sistematicamente qualquer credo, mas ao longo de sua vida não foram poucos os momentos em que demonstrara possuir um grande sentimento fraterno para com a humanidade, sempre trabalhando para o benefício comum, com ações que trouxeram grandes contribuições para milhões de pessoas. Esta sempre fora a sua religião.

Sim, ele sabia que há muitos milênios, nos primórdios do conhecimento humano, Ciência, Filosofia e Religião eram uma só coisa, expressas no saber popular e na cultura coletiva, resguardadas pelos anciãos, xamãs, caciques, pajés ou sacerdotes. Mas, no momento em que questionamentos mais complexos foram surgindo e as respostas simplistas das religiões não atenderam às mentes mais sagazes, um abismo entre ambas começou a se abrir. No Ocidente, o Clero impôs suas opiniões com violência, por muitos e muitos anos, até que o Iluminismo, no século XVIII, começou a conquistar um

espaço diferenciado para o saber científico, em separado do domínio da Igreja. Mais alguns séculos se passariam até que, no final do século 21, os avanços da física quântica, que já vinham se desenvolvendo desde o século anterior, possibilitassem uma reaproximação da Ciência, através da Filosofia, com a Religião.

Hermógenes considerava a sua profissão, literalmente, um sacerdócio. Aos 64 anos de idade, neurociborgologista há mais de trinta, ele acompanhou, nos últimos anos, como a neuromedicina contribuiu para a cura de diversos males provocando, conseqüentemente, o prolongamento da vida humana. Como cientista, teve a oportunidade de verificar os principais avanços das ciências relacionadas às suas atividades: bioengenharia, nanotecnologia, bioquímica, robótica, física e computação quânticas, e contribuiu significativamente para o desenvolvimento científico, com suas descobertas sobre o sistema serotonérgico dos andróides, há mais de vinte anos. Um novo saber, que não apenas deteve um grande surto de cibersuicídio, como permitiu o avanço do conhecimento sobre o cérebro e o sistema nervoso humanos, o que auxiliou na reversão e cura de um sem número de males, inclusive na recuperação de seu próprio filho.

Quem sequer poderia imaginar que mesmo em 2245 a sociedade continuaria, incessantemente, a se modificar? Tudo tão diferente de algumas décadas, quando ele era apenas um jovem universitário. À época, a Universidade de Santa Dulce era uma verdadeira babel, reunindo pessoas de todos os cantos do mundo, de todas as raças e etnias: negros, como ele, asiáticos, orientais, europeus. Foi lá que conheceu Denise, sua companheira desde então, e com quem teve um único filho: Gabriel, que sofreria um grave acidente em uma competição ciclística, ficando em animação suspensa por muitos anos, em um processo chamado hipercriogenia, até que as pesquisas de Hermógenes levassem à descoberta da cura.

Hermógenes soube encarar com denodo e equilíbrio todos estes problemas. Fosse um sacerdote, poderíamos dizer que ele

possuía uma fé inabalável em alguma divindade. Ao contrário, ele sempre dizia que acreditava no divino que existe em cada um de nós, apenas aguardando o momento certo para se revelar. A sua desvinculação com qualquer segmento religioso e, ao mesmo tempo, o seu grande senso de humanidade faziam dele a pessoa certa para ser o pivô dos acontecimentos que em breve iriam abalar as convicções dos habitantes do planeta.

Na Avenida Santa Fé estão os templos das principais crenças, das mais antigas até as atuais. Os arquitetos encarregados de projetá-los recriaram construções de todos os tempos, proporcionando um maravilhoso cenário. Desde as primeiras horas da manhã, fiéis transitam por ali em um clima de mútuo respeito, acima das suas convicções pessoais. Hermógenes sempre se admirava com todas aquelas manifestações de fé, intrigado com o fato que, milhares de anos após a saída da espécie humana das cavernas, ela continuasse buscando esta relação com o transcendental, em suas mais diversas formas de manifestação. Por um momento ele coloca suas convicções científicas de lado para considerar a possibilidade da existência de uma força, uma inteligência cósmica, maior que a soma de todas as consciências, tão vasta quanto o universo, mais ampla que os mais modernos supercomputadores quânticos.

A autonavegabilidade do hipermóvel permite ao seu ocupante se despreocupar da direção do veículo, e contemplar a paisagem. O propulsor do veículo, alimentado pela energia solar captada por nanocélulas voltaicas existentes no teto, não produzia nenhum ruído. Deslocando-se sem contato com o solo, graças ao seu sistema de flutuação quântica, nenhuma oscilação era registrada. A combinação desses fatores fazia com que Hermógenes se sentisse um passageiro no veículo, e a sua mente imaginativa fugia através da estrutura de vidro do carro, levando-o ao mundo da criatividade, sempre visitado por todos os gênios, filósofos e visionários. Aquele breve passeio pela avenida o predispunha a estimular o lado direito do cérebro de uma forma natural, muitas vezes apreciando que encontrasse alternativas

para as questões científicas com as quais lidava, a partir de uma nova percepção, que não seriam alcançadas pelo seu raciocínio habitual.

Três quadras após a avenida, surge o imponente edifício de quarenta andares da Andronics Corp. O prédio se estende ainda por mais quinze andares, abaixo do nível do solo. O hipermóvel se dirigiu automaticamente para a vaga personalizada com o nome do Dr. Hermógenes Silva, no estacionamento.

Hermógenes entra no elevador e, através do comando de voz, solicita o décimo primeiro subsolo, onde se localiza o laboratório central. Invariavelmente é o primeiro a chegar. Aciona os equipamentos através dos sistemas de leitura ocular e digital, checa as leituras dos testes e os programas em execução e informa a senha de autorização para início do funcionamento dos androides. Em seguida, inicializa o seu computador, lê as primeiras notícias do dia e consulta sua agenda, checando as atividades programadas, e ativa a sua conexão com a rede científica mundial colaborativa. Com ela, consegue trocar conhecimentos com mais de 100.000 cientistas de diversas nacionalidades.

A Andronics Corp, pioneira no desenvolvimento de tecnologia cibernética para androides, é uma referência mundial. Nela se desenvolvem os cientistas mais cobiçados pelas empresas do segmento. Contudo, nenhuma delas jamais conseguiu superar a sua capacidade de inovação e aprimoramento de produtos. Grande parte deste sucesso se deve aos trabalhos da equipe de gênios do doutor Hermógenes Silva.

As primeiras reflexões metafísicas do dia desviaram seus pensamentos para questões filosóficas que há muito ele não tinha. Naquele laboratório ele também brincava de ser deus, ao criar, transformar e por vezes, desativar sua própria criação, aqueles seres sencientes, chamados androides. Sua intuição lhe dizia que aquele não seria um dia comum, apesar da aparente normalidade do ambiente.

Pouco a pouco vão chegando seus colaboradores. Cientistas dos mais variados ramos de conhecimento. Alguns deles, colegas já há bastante tempo, mas a maioria recém-saída do ambiente acadêmico, especialistas em suas áreas. O jovem doutor Wellington Rios, o mais promissor dos cientistas de sua geração, é um dos últimos a chegar. O seu desempenho no universo acadêmico foi tão espantoso que ele não teve a menor dificuldade em ser contratado pela Andronics Corp. Além da sua privilegiada inteligência, impossível não perceber a sua presença onde quer que estivesse, com seus quase dois metros de altura e uma vasta cabeleira azulada, o que se destacava mais ainda quando era visto ao lado de Hermógenes, com pouco mais de um metro e sessenta, pele negra e cabelos nevados.

— Bom dia, Dr. Silva. Desculpe pelo atraso, mas dormi muito tarde, ontem à noite. Estava concluindo aquela análise de dados sobre a nova configuração psicotrônica que fizemos para os androides. Com os aperfeiçoamentos realizados, consegui diminuir a velocidade de processamento de dados em dez milissegundos.

— Ora, Wellington! Só não lhe desculpo por levar trabalho para casa, mais uma vez. Já lhe disse que não há necessidade! Podemos concluir nossas pesquisas aqui, mesmo.

— Estava ansioso para ver os resultados, doutor. Acredito que o Diretor Yamamoto também esteja querendo vê-los o quanto antes. Não atingimos os padrões desejados, mas creio que já podemos lançar o modelo 2246.

— Vocês, jovens, sempre tão apressados! Temos que zelar pelo nome da companhia, Wellington. Se o produto ainda não está perfeito, não podemos antecipar o lançamento. Ainda temos tempo. Vamos trabalhar um pouco mais no aperfeiçoamento até atingirmos o melhor resultado.

— Permita-me discordar, doutor. O senhor sabe que novos produtos não têm que necessariamente ser perfeitos. Podemos realizar as melhorias a partir do próprio *feedback* dos clientes.

— E, possivelmente, precisaremos fazer um *recall*, no próximo ano? Não, Wellington, este não é o meu jeito de trabalhar. Prefiro usar todo o prazo que temos disponível e fazer logo os ajustes necessários.

— Está bem. O senhor é quem manda – respondeu Wellington, após um longo suspiro, com certa indignação.

O conservadorismo de Silva sempre o deixava profundamente irritado. Desde a sua chegada à A.C. que a meta de Wellington era ter uma rápida ascensão na companhia. Por isso sua primeira tática foi se aproximar do diretor David Yamamoto, CEO da organização. Informalmente, mantinha-o a par de todos os projetos em andamento no laboratório central, sempre expondo o seu ponto de vista pessoal, habitualmente divergente do seu superior hierárquico. Apesar de sua antiga amizade com Hermógenes, Yamamoto via com bons olhos a impetuosidade daquele jovem, utilizando-o como fonte de informações paralelas, com a certeza de quem sabe que, nesse ramo de negócios, confiança total é sinônimo de vulnerabilidade.

Wellington sentou-se à sua estação e acionou o computador, dando continuidade à análise dos dados obtidos. Em verdade, sua irritação começara na noite anterior. Se não fosse por Pérola, ele sabia que já teria concluído tudo. Há algumas semanas que o relacionamento entre os dois não andava nada bem, e justamente ontem ela resolvera “discutir a relação”. Não poderia ter escolhido pior hora. Wellington estava totalmente voltado para a sua experiência, recebeu-a de má vontade e a conversa não foi nada boa. Não fosse a imensa paciência da jovem advogada e tudo teria terminado ali mesmo. A conversa ficou para outro momento, mas a situação deixou-o irritado e, conseqüentemente, com dificuldades de concentração.

Ele afastou o modelo holográfico exibido à sua frente e contemplou, através do vidro da sala, o trabalho dos andróides. Com movimentos quase humanos, eles se deslocavam entre as várias seções do laboratório, assessorando os cientistas, tanto física quanto

intelectualmente. Movem peças de grande peso com enorme facilidade, prestam informações técnicas com precisão e rapidez, dispensando a busca em bancos de dados, manipulam materiais perigosos sem se danificarem, obedecem, sem qualquer contestação, às ordens recebidas. Quem poderia desejar melhores trabalhadores? As novas versões tiveram o antigo revestimento metálico substituído por uma nova cobertura epidérmica, desenvolvida pelo cientista Samuel Oppenheimer, com textura e coloração muito semelhantes à pele, tornando-os imensamente similares aos humanos. Não fosse por uma certa limitação nos movimentos dos seus corpos, seriam facilmente confundidos.

Tudo aparentava normalidade, exceto por um pequeno detalhe: o androide AE-1879 se mantinha imóvel, a um canto da sala principal, quando deveria estar em plena atividade. Wellington pressionou a tecla de telecomunicação e o chamou. Nenhuma resposta. Insistiu, mais uma vez:

— Atenção, androide AE-1879! Atenção, androide AE-1879! Androide Andr-EI AE-1879, responda, você está me ouvindo? Andr-EI, responda ou terei que reiniciar o seu sistema, imediatamente!

PRIMEIRO CONTATO

Há alguns minutos Andr-El estava completamente paralisado, em um evidente contraste com o contínuo ir e vir dos demais androides pelas salas do laboratório central. Mas não por qualquer problema técnico, como algum especialista humano poderia facilmente deduzir, até mesmo como Wellington julgara. A realidade é que finalmente ele estava conseguindo decodificar o significado daquela luminosidade incontinente que há vários dias insistia em importuná-lo.

Tudo começou quando ele realizava a remontagem de um androide danificado. Após os devidos reparos no sistema neurotransmissor, realizado pelos humanos, o androide foi levado para a Sala de Recondicionamento, onde outros androides cuidavam de colocar todos os componentes em seus devidos lugares. À sua frente, aquele conjunto de braços, pernas, tronco, cabeça, todos desconectados, esperando para, de novo, tornarem-se um só corpo. A cena lhe remetia a uma pintura que acessara nos bancos de dados de artes plásticas: *A lição de anatomia do Dr. Tulp*, do pintor Rembrandt. Nascido em Leiden, na Holanda, ele concluiu a tela em 1632, aos vinte e seis anos de idade, por encomenda do médico Nicolaes Tulp. Na cena é possível ver um cadáver, tendo um dos seus braços com os músculos expostos, atentamente estudado por um grupo de cientistas. Naquele momento Andr-El lembrou uma conversa que tivera com Hermógenes, alguns meses antes, sobre o conceito de Alma. Na ocasião ele manifestara a sua incompreensão sobre este princípio, do qual apenas conseguia obter definições enciclopédicas, que não lhe davam nenhum parâmetro de

comparação. Alma, espírito, essência, ser, princípio imortal, todos estes termos soavam vazios para alguém construído a partir de ligas de metais, silício, silicone e outros materiais.

— Doutor Silva, eu observo os componentes mecaquânticos e eletrônicos destes androides sobre a bancada e sempre correlaciono esta imagem a um cadáver humano, inerte. Nós podemos recompor toda esta máquina, substituir a sua fonte de energia por uma nova, recarregar os seus bancos de dados, e trazê-la de volta à vida, se me permite utilizar esta expressão. Mas, com os humanos é diferente. Mesmo clonando e substituindo órgãos e tecidos que se desgastaram ou realizando implantes biotônicos, há um momento em que lhes chega a morte, e isto é irreversível. Vocês dizem, então, que a alma abandonou o seu corpo. Já realizei diversas pesquisas, em bancos de dados das mais variadas ciências, mas não consigo encontrar uma explicação lógica. Vocês dizem que é a alma que anima o corpo, mas nas máquinas é suficiente uma fonte de energia exterior para acioná-la. Afinal de contas, o que os humanos chamam de alma?

— Andr-El, esta é uma pergunta bem difícil para um cientista, como eu, responder. Em alguma data perdida, nos tempos mais remotos da nossa espécie, alguém, talvez um xamã, um feiticeiro tribal, percebeu que existia algo além do corpo e da mente, um princípio que sobreviveria à morte. Sendo assim, muito provavelmente existiria também antes do nascimento. Nos rituais mais antigos da humanidade, que se tem registro, esta ideia já aparece. Tribos primitivas realizavam reverências aos espíritos dos ancestrais, que sobreviveriam à morte física e habitavam entre eles ou em algum outro “mundo”. Alguns eram adorados como protetores do clã ou da tribo, contra as intempéries naturais, os predadores ou as tribos inimigas. Para eles eram compostos cânticos, celebrados ritos, criados mitos sobre a sua passagem na Terra e, mesmo, sobre as suas aventuras no mundo do além. Talvez, até, esta tenha sido a origem da crença nos deuses primevos. Ao longo dos séculos estas crenças foram se aprimorando. Os egípcios, por exemplo, milhares

de anos antes da era cristã, acreditavam em uma vida após a morte semelhante à que os homens tinham quando em vida. Seus líderes, os faraós, tinham seus corpos embalsamados e eram sepultados com seus tesouros, servos e animais de estimação, para utilizarem-nos em outra vida. Vários textos foram escritos pelos sacerdotes como um guia seguro para esta transição e a permanência na outra dimensão, a exemplo do Livro dos Mortos do Antigo Egito e do Livro Tibetano dos Mortos, o Bardo Thodol. Depois deles, todas as religiões procuraram explicar estas questões, que vão além de todo conhecimento científico: existe uma vida espiritual antes do nascimento e depois da morte, vivida pela alma? E, se existe, como ela seria?

— Mas esta alma, Dr. Silva, não seria como a energia que alimenta as fontes dos andróides ou os programas que os permitem interagir com os humanos e com as outras máquinas?

— Não, Andr-El. Hoje nós sabemos que a “carga” de energia humana está pré-definida desde o nascimento, em nosso código genético. Infelizmente, esta “bateria” é “irrecarregável”. Uma vez expirada, a “máquina” humana cessa o seu funcionamento. A alma também não equivale aos nossos programas. A mente humana é o nosso *software* principal, que rege todos os nossos comportamentos, que faz a nossa “interface” com os outros humanos, que estrutura nossos desejos e sonhos, que guarda nossos medos e frustrações, em seus vários *drives*: ego, consciente, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo e outros. Para aqueles que nela acreditam, a alma não é nem um *hardware* nem um *software*. Ela é um ser transcendente, eterno e imortal, que liga diretamente todos os seres do Universo, uns aos outros, e também a uma infinita e poderosa Consciência Universal, que seria algo como o nosso supercomputador quântico, que em sua rede armazena todo o conhecimento produzido pelos seres humanos, mas autoconsciente e dotada de sentimentos elevados.

— Creio que entendo, Dr. Silva. É esta alma que os faz tão diferente das máquinas?

— Pode ser que sim, Andr-El, se ela realmente existe. Diferentes é o termo certo. Nem melhores nem piores. Com licença, mas tenho que supervisionar outros serviços.

Com a saída do Dr. Silva, Andr-El retornou ao seu minucioso trabalho. Poucos minutos depois ele percebeu um minúsculo ponto luminoso flutuando no seu campo de visão. Sem interromper o trabalho, começou a observar mais detidamente o fenômeno, um pequeno sinal que se movia aleatoriamente.

A primeira ação a ser tomada por um androide, ao perceber qualquer sinal de anormalidade em seu funcionamento, é acionar o autoteste do seu sistema. Exatos quarenta e cinco segundos após Andr-El acioná-lo, foi emitido o diagnóstico geral, sem nenhuma falha identificada. Andr-El concluiu que o problema era exterior a ele. Verificou todo o sistema de iluminação da sala e não descobriu nada de incomum. Tudo parecia absolutamente normal, entretanto a luz continuava a piscar, desaparecendo e reaparecendo em vários lugares. Através do seu sistema interno de comunicação, Andr-El contactou os demais androides, perguntando se identificavam alguma anormalidade no laboratório e mais uma vez a resposta foi negativa. Nenhum deles percebera nada.

Dias se passaram e a emissão de luz continuava. Andr-El não sabia se devia ou não relatar o problema aos técnicos humanos. As orientações eram claras: qualquer anomalia identificada deveria ser reportada. Mas por anomalia se entendia qualquer ocorrência que provocasse mau funcionamento nos sistemas, o que não havia acontecido. Além disso, caso não fosse identificada a origem externa do problema, ele com certeza seria desmontado para análise... e poderia nunca mais ser remontado. Talvez seu sistema fosse reinicializado e todas as suas memórias apagadas. Ele já vira isto acontecer com vários androides e não o desejava para si. Definitivamente, não gostaria de deixar de existir.

Alguns dias depois, Andr-El percebeu que a luminosidade começou a pulsar, como numa emissão de *quantum*, a quantidade

indivisível da energia eletromagnética, com uma intensidade e periodicidade regulares: três pulsos rápidos, três pulsos longos, três pulsos rápidos. Depois, esse padrão voltava a se repetir. Estático, no canto da sala, ele tentou associar esse padrão às diversas linguagens disponíveis em seu banco de dados, sem sucesso. Através do acesso remoto ele entrou em contato com o computador central da Andronics Corp, em busca de um padrão de similaridade. Segundos depois veio a resposta: o padrão equivalia ao antigo código Morse, utilizado ao longo dos séculos 19 e 20 e definitivamente “aposentado” das comunicações marítimas em 1999. O sinal repetitivo significava “S.O.S.”, um pedido de socorro popularmente interpretado como *Save our Souls* (Salve nossas almas) ou *Save our Ship* (Salve nossa embarcação).

Se toda mensagem tem, em sua origem, um emissor, então aquele chamado também deveria ter, deduziu Andr-El. Algo, ou alguém, queria chamar a sua atenção. Aquele padrão indicava que havia uma inteligência por trás do fenômeno, fosse humana ou cibernética. A única alternativa seria estabelecer contato, responder ao emissor da mensagem.

O que um leigo chamaria de “olhos do androide” em verdade são duas pequenas microcâmeras, que os permite não apenas “enxergar” o ambiente, com ou sem iluminação externa, mas também gravar imagens. Quando estão em atividade, as luzes destas câmeras têm a coloração azulada e, quando em repouso, emitem uma luz dourada.

Andr-El deduziu que poderia utilizar a variação de cores em uma de suas câmeras para produzir um efeito de *on-off*, de forma a estabelecer uma comunicação com a luminescência. Assim, piscando alternadamente, Andr-El dirigiu uma mensagem à anomalia, também em Código Morse: “Se você é uma inteligência, pulse apenas duas vezes.” Se fosse um ser humano, ele teria ficado surpreso ao ver a luz piscar duas vezes e parar. Ainda era pouco para confirmar suas suspeitas, então, Andr-El enviou mais uma mensagem: “Se deseja estabelecer um diálogo, pulse quatro vezes.” E a luz mais uma vez

pulsou e parou. Não havia mais dúvidas. Um contato havia sido estabelecido. Só restava uma afirmativa para confirmar sua suspeita: “Se você é uma inteligência, pulse cinco vezes”. Para esta pergunta a única resposta que ele teve foi um clarão instantâneo. Naquele momento, do sistema de controles, Wellington acionou o comando que desligou automaticamente o androide de comportamento estranho.

Quando foi reativado, o androide estava deitado em uma daquelas bancadas em que tanto já trabalhara. A sala estava completamente vazia, à exceção do dr. Wellington, que sentou ao seu lado, após reiniciar o seu sistema. Naquele momento, pareceu a ele que a melhor medida era desativar temporariamente o androide e removê-lo para uma das salas de observação.

— Androide, você está ativo?

— Positivo.

— Vou lhe fazer algumas perguntas de rotina, para verificar o seu funcionamento, certo?

— Certo.

— Qual o seu número de série?

— Androide AE-1879.

— Onde você foi fabricado?

— Nas instalações da Andronics Corp.

— Qual o seu título de serviço?

— Andr-EI.

— Você me reconhece? Qual o meu nome?

— Sim. Doutor Wellington.

— Que dia é hoje?

— 25 de maio de 2245.

— Muito bem, Andr-EI. Relate o que houve com você nas últimas horas.

Após uma rapidíssima cintilação nas suas câmeras, o que indicava que o androide estava acessando informações em sua memória cibernética, ele começou a descrever os fatos.

— Há precisamente 126 horas, 32 minutos e 25 segundos o meu sistema visual registrou uma luminescência a cinco metros e 27 centímetros de distância e a um metro e setenta e sete centímetros do solo. Esta forma luminosa é de cor púrpura, com duzentos e setenta e quatro milímetros de diâmetro. A princípio considerei que poderia ser algum problema em uma das minhas lentes plásmicas, mas logo constatei que a forma não se mantinha fixa em relação aos meus movimentos, mas que se deslocava rapidamente, independente da minha posição. Após um minuto e cinquenta e nove segundos dessa ocorrência, a luminosidade desapareceu tão misteriosamente quanto surgira.

— E por que você não relatou esse fato ao seu supervisor? – perguntou Wellington.

— As instruções são claras nesse sentido, dr. Wellington. Elas dizem que todas as ocorrências previstas no Catálogo de Anomalias Cibernéticas devem ser imediatamente comunicadas. Essa ocorrência não está citada no catálogo. Apenas anomalias que oferecem risco à integridade dos sistemas devem ser relatadas, o que não ocorreu. Verifiquei todos os meus componentes e eles estão funcionando perfeitamente. Além do que, como eu poderia relatar um fenômeno que desaparece subitamente?

— Certo, Andr-El. Precisamos rever nossas orientações. Continue.

— Treze horas e treze minutos depois o fenômeno voltou a se repetir, dessa vez demorando trinta e três segundos a mais. A partir de então, ele tornou a acontecer sistematicamente nessa mesma periodicidade, permanecendo visível por tempos variáveis. Os deslocamentos no espaço foram ficando cada vez mais rápidos e isso começou a desviar a minha atenção.

— Você conferiu se outros andróides do departamento estavam com o mesmo problema, ou semelhante? – quis saber Wellington.

— Verifiquei nos diários de rotina e nenhum registro foi realizado. Quando de uma das ocorrências, o andróide AE-2010 estava perto de mim. Perguntei a ele se estava percebendo a mesma luminosidade que eu, e a resposta foi negativa. Só eu percebia o fenômeno.

— E isso continua se repetindo, desde então?

— Sim, Dr. Wellington.

— E por que agora você decidiu nos contar estes fatos?

— Porque o senhor perguntou e porque ela me pediu – falou o andróide, sentando-se na bancada e apontando para um espaço vazio à sua frente. Nós estabelecemos um sistema de comunicação baseado no antigo código Morse.

— Andr-EI, esta anomalia está aqui, agora? – perguntou Wellington, incrédulo. Seu rosto empalideceu, suas mãos tremiam.

— Sim, doutor.

— E como ela se autodenomina?

Andr-EI demorou alguns segundos, apenas o tempo necessário para emitir a pergunta e receber a resposta.

— Patxa, doutor. Ela diz se chamar Patxa.

— E qual a sua origem?

— Ela diz que não pertence à nossa dimensão. Por enquanto é tudo o que pode revelar – respondeu o andróide, após um momento.

— Andr-EI, não informe isso a mais ninguém, certo? Precisamos averiguar esta situação mais detalhadamente.

— Sim, dr. Wellington. Aguardarei suas novas instruções.

— Obrigado. Pode voltar ao seu trabalho.

— Eu não serei desativado?

— Não, Andr-EI. “Pelo menos por enquanto”, pensou Wellington, intrigado.

QUESTÃO ÉTICA

Ao entrar em casa, Wellington encontrou Pérola Todd em sua cama, completamente nua, aparando as unhas dos pés. De cócoras, os pequenos e rijos seios esmagados contra as grossas coxas, a cabeça entre os joelhos, a vasta cabeleira loura caída para a frente. Próximo aos tornozelos entrevia-se o seu ventre recoberto de pelos dourados. Ela era sempre assim, absolutamente despojada. Certamente isso foi o que mais seduziu aquele jovem tão formal. Conheceram-se ainda na universidade, ele cursando robótica, e ela, advocacia. Ninguém poderia imaginar um casal tão incomum: o *nerd* e a garota mais bonita do *campus*. Foram ficando juntos, nem mesmo eles poderiam afirmar por quanto tempo. Eram em tudo diferentes. Ele, provindo de uma família de menor condição financeira; ela, filha de um rico magistrado; ele, sempre sério, dedicado aos estudos; ela, inteligente, mas nunca preocupada em ser a melhor aluna da classe; ele, ambicioso, elegante, tentando ser aristocrata; ela, simples, *underground*, interessada nas causas sociais. Sentiram-se atraídos desde que se conheceram, com uma curiosidade de quem visita um país estrangeiro. E foram se descobrindo, aprendendo coisas novas sobre o outro, a cada dia.

Naquele dia ele foi o último a deixar o laboratório. Esperou todos saírem, até mesmo Hermógenes, para desligar os equipamentos e certificar-se que os androides estavam mesmo inativos, inclusive Andr-EI. As revelações que obtivera deixaram-no atônito, pois contestavam todo o seu aprendizado de muitos anos, como cientista. Era preciso encontrar uma explicação lógica e a primeira delas seria um defeito no próprio autômato. Possivelmente

ele estaria tendo acesso remoto a algum sistema holográfico ou alguma interferência ocorria na sua programação. Outra possibilidade seria um vírus, disseminado através do androide por alguma empresa concorrente, com o objetivo de contaminar os sistemas da Andronics Corp. Ou alguém do próprio laboratório estaria querendo testar seus conhecimentos ou sua lealdade à companhia? Wellington teria que descobrir a chave desse enigma, e logo, antes que a informação deixasse de ser secreta.

A bela visão de Pérola, sorrindo, diluiu, um pouco, a sua tensão. Ela arremessou o cortador para um canto, as unhas de um pé cortadas, as outras não, e se recostou na cama, apoiando o corpo sobre um cotovelo. Wellington tirou a camisa, os sapatos, e se jogou ao lado dela.

— E então, meu príncipezinho, teve um dia duro de trabalho? – perguntou ela, alisando-lhe os cabelos.

— Você não acreditaria!

— Experimente. Me conte!

— Acho que você não vai se interessar muito.

— Ora, você sabe que morro de curiosidade pelos seus robôs.

— Não são robôs, Pérola, são androides – corrigiu ele, sorrindo. Um deles apresentou um problema inusitado, hoje. Alegou estar enxergando uma luz piscando. E o que é pior, uma luz que se comunica!

— Alguém deve estar utilizando o androide para enviar mensagens.

— Foi o que eu pensei. Mas não é o que ele afirma. Pelo visto, a luz é o próprio emissor.

— Uma luz pensante?

— Algo assim. Tenho que tomar alguma atitude, amanhã.

— Você já informou isto ao chefe do laboratório?

— Ainda não. Mas não vejo outra alternativa, senão fazê-lo.

— Acho que sim. Enquanto isso, Well, esqueça um pouco seus bonecos e venha cuidar da sua boneca...

Wellington se levantou da cama com o dia amanhecendo. Pérola ainda dormia, sua pele branca contrastando com as cobertas de cor azul marinho. Ele apanhou dois comprimidos em um frasco na gaveta da cômoda e os ingeriu. Um leve torpor e uma falsa sensação de tranquilidade invadiram seu corpo. Ele sabia que aquele efeito não duraria mais que algumas horas mas, por ora, era tudo o que precisava. O *samadium* é a droga legal mais consumida no mundo e Wellington não consegue passar um dia sem usá-la. Intimamente sabia que aquilo é apenas uma fuga, que seus problemas não seriam resolvidos daquela forma, mas só assim conseguia aliviar suas tensões.

As ondas arrebatavam com violência nos rochedos da praia, alguns metros abaixo, o cheiro salgado do mar ardendo em suas narinas. Wellington preparou um delicioso café-da-manhã para os dois, com frutas, mel, torradas e cereais. Pérola sempre criticava suas frituras, por isso ele as evitava, quando estavam juntos.

Trinta minutos depois Pérola se levantou. Do sofá da sala ele a admira, ao banho, através da divisória de vidro totalmente transparente do banheiro. O sol penetra pela pequena janela e faz com que o dourado dos seus cabelos brilhem ainda mais. Ela se enxuga, veste o roupão e caminha em sua direção. Senta em seu colo e beija demoradamente os seus lábios. Durante o jejum ele se manteve incomumente calado.

— Wellington, é impressão minha ou você está muito preocupado? – perguntou ela, cravando-lhe os lindos olhos verdes.

— Estou sim, Pérola.

— Com o caso do androide?

— Exatamente. Sabe, Pérola, esse caso vai de encontro a tudo o que aprendemos na academia. Nunca foi registrado um caso assim. Se realmente for verdade o que ele está dizendo, isso pode me tornar famoso... e rico!

— A você ou à Andronics Corp.

— Veja bem, Pérola. Por enquanto só eu sei o que está acontecendo. As empresas concorrentes da Andronics pagariam uma fortuna por esse androide. A imprensa teria um fato a explorar, como não acontece outro há décadas no universo científico. Eu me tornaria uma celebridade mundial em pouquíssimo tempo, seria convidado a proferir palestras nas principais universidades!

— E como você pretende fazer isso?

— Ora, seria muito fácil simular que o androide está com defeito, informar que teria de ser removido para outra unidade da Andronics Corp e fugir com ele de lá!

— Ou seja, você está querendo roubar o androide? — perguntou Pérola, admirada. — Eu não estou acreditando!

— Ora, Pérola, você acha que eu vou passar o resto da minha vida como um cientista assistente? Eu não tenho a menor intenção de envelhecer em um laboratório da A.C., como o doutor Silva. Há um mundo a ser conquistado, Pérola, e eu tenho pressa!

— E você acha isto ético? Enganar as pessoas que depositam confiança em você, trair os seus amigos, violar o seu contrato de trabalho? Onde está aquele jovem universitário que queria mudar o mundo?

— Pérola, não exagere! Fui eu quem descobriu a anomalia no androide. Nada mais justo que eu seja recompensado por isto!

— Mas isto já não faz parte do seu compromisso profissional? Identificar problemas e solucioná-los? Wellington, não me venha com desculpas. Você está querendo, mesmo, passar a perna na A.C. Desculpe, mas não posso concordar com isso! Se você quer ser rico e famoso a este preço, terá que procurar outra companheira. Não quero fazer parte disto.

Sua vontade era sair dali imediatamente. Wellington, agora cabisbaixo, refletia sobre os argumentos dela. Não tinha sido fácil conseguir chegar até ali. O começo de sua vida fora bem difícil, na desconhecida cidade do interior, onde nascera. Seu pai era um antigo técnico, conhecido e respeitado por todos os moradores. Cheio de

habilidades, sempre conseguia consertar qualquer aparelho eletrônico com defeito que lhe chegasse às mãos. Era de um temperamento extremamente pacífico, pessoa alguma jamais o vira perder a paciência com o que quer que fosse. Quando estava preocupado ou irritado com alguma situação, era comum vê-lo dar longas caminhadas, ao longo das margens do rio, sempre em sentido contrário à corrente. Wellington crescera na sua oficina, cercado de peças de equipamentos por todos os lados. Ainda na infância e adolescência já tinha aprendido tudo o que o velho sabia, tinha a sua mesma habilidade. Mas queria conquistar o mundo. Admirava o pai, mas o considerava um homem extremamente modesto, que se contentava com a vida pacata e simples que levava. Ele, queria muito mais. Dedicou-se aos estudos denodadamente. Em todas as etapas de sua vida escolar e acadêmica, era sempre o primeiro aluno das turmas, obtendo as melhores notas em todas as disciplinas. Antes mesmo de terminar o curso universitário, chamou a atenção de um dos professores que, coincidentemente, trabalhava na Andronics Corp e o recomendou à companhia. Imediatamente após a formatura foi contratado para a equipe do laboratório. Apesar do grande orgulho dos seus pais, Wellington sabia que aquele era apenas o começo. Ele queria muito mais. Desejava ser célebre, reconhecido, respeitado, sempre estar acima de todos, ser o número um em tudo. E isto era o que poderia lhe proporcionar a descoberta do fenômeno Andr-El. Por seus objetivos estaria disposto a sacrificar tudo, inclusive o seu relacionamento com Pérola.

— Escute, Pérola, não precisa brigar comigo só por isto. Acho que nem devia falar com você sobre estas questões profissionais. Deixa isso para lá!

— Agora é um pouco tarde, Wellington. E, para mim, não se trata apenas de uma questão profissional. Esta é uma questão moral. Você me mostrou um aspecto seu que eu não conhecia. É bom saber com quem estou lidando. Estou indo.

Ele não tentou impedi-la. Sabia que não adiantaria, conhecia bem o gênio da namorada. “Por que as mulheres sempre têm que complicar tudo?”, perguntava-se. Abriu a gaveta e tomou mais dois comprimidos de *samadium*. Mais uma vez, o torpor. Jogou-se na cama, enquanto a cabeça girava. Suas mãos começaram a tremer levemente. Cambaleou até o banheiro, tomou uma ducha fria, trocou a roupa e saiu, rumo à Andronics Corp. Aquele não seria um dia nada fácil.

PATXA

Aquela era a quarta competição ciclística que Gabriel disputava naquele ano, em diversos países do mundo. Sua equipe era toda composta por jovens entre os quinze e vinte anos de idade, amigos de bairro e universidade, o que lhes assegurava uma maior união. Nesse esporte, o grupo é muito mais importante que o indivíduo, pois é no trabalho de revezamento, que possibilita bloquear adversários, equilibrar as forças entre os concorrentes e colaborar com o integrante da equipe que apresente o melhor desempenho durante a prova, que está o segredo. Praticando ciclismo, Gabriel se sentia incluído, importante para seus companheiros. Na prova disputada naquele dia, faltava menos de um quilômetro para a linha de chegada e ele disputava acirradamente o primeiro lugar com um rival da equipe australiana. Ele sabia que se pudesse tomar a curva seguinte por dentro teria uma vantagem muito boa. Então, forçou as pedaladas e a inclinação da bicicleta perigosamente, no asfalto escorregadio. Apesar de toda a sua experiência, não pode evitar a derrapagem, a perda de controle da direção e foi projetado à distância, por cima do guard-rail, colina abaixo.

Quando voltou a si, Gabriel já estava no leito do hospital. Não na cama, mas flutuando dois metros acima dela. De cima, quase no teto, ele viu seu corpo, abaixo, os médicos e auxiliares realizando diversos procedimentos, com o intuito de salvar a sua vida. Mesmo utilizando o capacete, os danos foram sérios, a cervical fora atingida. Ele não sentia medo, ao contrário, uma sensação de paz, como nunca havia sentido antes, o invadiu. Após alguns minutos, sentiu estar penetrando em um longo túnel, ao final do qual ele via uma luz

azulada. Durante o percurso, rememorava todos os principais fatos da sua breve vida, desde os mais remotos: o seio da mãe que o amamentava, as primeiras imagens registradas em sua memória, a primeira mamadeira, o primeiro tombo ao aprender a andar, as primeiras palavras pronunciadas, as primeiras pedaladas no velocípede, as primeiras lições na escola, os primeiros amigos, a primeira namorada. Tudo o que ele desejava era entrar logo naquela luz que o atraía irresistivelmente.

Assim que atingiu o que considerava ser o término de sua pequena jornada rumo ao incognoscível, divisou o vulto de uma mulher muito alta, que vinha em sua direção. Não pode identificar seu rosto, mas jamais esqueceria aquela voz tranquilizadora. “Ainda não é a sua hora, Gabriel”, disse ela, “Precisamos de você aí, no seu mundo.” Repentinamente tudo desapareceu, e ele sentiu ser bruscamente puxado de volta para o seu corpo. Os médicos haviam conseguido trazê-lo de volta à vida.

Seu quadro era muito grave, provavelmente ele nunca mais voltaria a se mover. Estaria condenado a uma vida vegetativa. Recomendaram ao seu pai, o renomado doutor Hermógenes Silva, que cometesse eutanásia. Ele replicou que jamais mataria seu próprio filho e a partir de então, dedicou anos e anos de pesquisas, se aprofundando no conhecimento da mente humana, simulando possibilidades alternativas de funcionamento do cérebro, com réplicas biotônicas em seus androides. Enquanto isso, o corpo de Gabriel era mantido em hipercriogenia. As descobertas vieram gradativamente, até que a grande crise de cibersuicídio com os androides, na década de 2220, forneceu a chave para a recuperação total do jovem. E Hermógenes foi o grande mentor da descoberta da solução para ambos os problemas. Para quem enfrentou algo desta proporção, tudo o mais era relativo. Envolto em suas recordações, ele nem percebera a aproximação de Wellington.

— Doutor Silva, nós temos um problema.

Hermógenes desviou o olhar da tela quântica de trinta e duas polegadas do nanoscópio, que o permite analisar partículas com uma ampliação de um bilhão de vezes, e encarou pacientemente o jovem especialista.

— O que aconteceu de tão importante assim, Wellington?

— O androide AE-1879, que nós chamamos de Andr-EI, está acusando uma anomalia não-catalogada.

Não foi uma decisão fácil para Wellington relatar tudo para o doutor Silva. Ele passou a noite em branco, refletindo sobre os duros comentários de Pérola. Finalmente, decidiu informar a situação ao seu superior hierárquico.

Hermógenes franziu o cenho, de sobranceiras grisalhas. Assim como o CID, Código Internacional de Doenças, que cataloga todos os males humanos, não tinha sofrido qualquer alteração desde 2165, o CAC, Catálogo de Anomalias Cibernéticas também não tinha mudado nos últimos vinte anos. E ele sabe muito bem disso, pois foi o cientista que identificou a última anomalia significativa, causada pelo *lythium* que compõe aquelas máquinas.

— Fascinante, Wellington! E onde está o androide?

— Isolado na Sala de Observação 3, como determinam os procedimentos, doutor.

— Então, vamos até lá, imediatamente!

As instruções da Andronics Corp eram muito precisas quanto a essas situações: o agente causador da anomalia deveria ser isolado, em quarentena, em um local que não oferecesse riscos para si ou para outras pessoas, como preconizam as leis da robótica. As salas de observação do laboratório possuem total isolamento acústico, térmico, radioativo e bioquântico, apesar das paredes de material transparente, que permitem uma perfeita observação pelos cientistas, sem proximidade.

Hermógenes e Wellington vestiram os trajes especiais, semelhantes aos utilizados pelos cosmonautas em suas explorações espaciais no planeta Marte, e entraram na sala.

— Bom dia, Andr-EI – cumprimentou Hermógenes. Mesmo ciente que os androides não se incomodam se o dia for bom ou mal, ele fazia questão de saudá-los como a seres humanos.

— Bom dia, dr. Silva. Bom dia, dr. Wellington.

— Andr-EI, o dr. Wellington me informou que você está identificando alguma anomalia no seu funcionamento. Isso é verídico? – perguntou Hermógenes, sabendo que os androides são programados para não mentir nem ocultar verdades.

— Sim, doutor. Uma anomalia não-catalogada.

— E como isso aconteceu?, quis saber ele.

O androide repetiu toda a história que havia contado anteriormente a Wellington, sem omitir nenhum detalhe nem cometer qualquer contradição. Hermógenes estava abismado. Os androides sempre tiveram um espectro visual superior ao humano, que só consegue perceber a radiação com comprimentos de onda entre 380 e 760 nanômetros. Contudo, registrar uma vibração “inteligente”, era algo sem precedentes na história da Ciência.

— Andr-EI, você poderia estabelecer comunicação com Patxa aqui, neste momento? – perguntou Hermógenes, algo incrédulo, uma vez que dificilmente algo conseguiria entrar na sala de observação, hermeticamente lacrada.

— Sim, dr. Silva. Ela está aqui, agora – respondeu Andr-EI.

— Então, Andr-EI, pergunte a Patxa o que ela deseja de nós – disse Silva.

— Patxa diz que gostaria que vocês reunissem um grupo de especialistas de áreas de conhecimento variadas todas as sextas-feiras, às vinte horas, por algumas semanas. Ela diz que tem muitas informações a serem transmitidas para os humanos. Diz que não

pode responder a mais nenhuma pergunta, neste momento, mas que voltará na próxima sexta-feira, no horário previsto. E diz para você não esquecer de comprar um presente para Denise, hoje.

— Posso perguntar quem é Denise, dr. Silva? – perguntou Wellington, sem conseguir conter sua curiosidade.

— É a minha esposa, Wellington. Hoje é nosso aniversário de casamento! – respondeu o doutor, tentando disfarçar o espanto. — Obrigado, Andr-El. Wellington, vamos até a minha sala. Precisamos conversar sobre isto.

Saíram e acionaram o aviso de proibição de entrada no local. A partir daquele momento, somente os dois cientistas teriam acesso à sala de observação onde ficaria confinado o androide. Retiraram os trajes e se dirigiram para a sala de Hermógenes.

— Então, Wellington, o que você acha?

— Tenho dúvidas sobre a veracidade das informações fornecidas pelo androide, doutor. Podemos estar sendo vítimas de algum simulacro. Estas mensagens podem ser transmitidas de qualquer lugar, por alguém que queira causar transtornos à empresa ou desacreditar-nos.

— Isso nunca aconteceu, antes, Wellington. Estamos muitos metros abaixo da superfície, cercado de proteções tecnológicas por todos os lados. A própria sala é totalmente invulnerável à penetração de qualquer tipo de onda.

— Sim, isto é o que nós acreditamos. Mas alguém pode ter descoberto uma falha nos nossos sistemas, um *hacker*, talvez.

— E quanto àquela informação sobre o dia do meu aniversário de casamento?

— Isso nos levaria a outra possibilidade: pode ser que alguém daqui mesmo, da Andronics Corp, esteja querendo nos testar. Algum colega nosso, talvez.

— Não, Wellington, nenhum dos meus amigos faria uma brincadeira destas conosco.

— O senhor não acha que devemos relatar este fato imediatamente ao diretor Yamamoto?

— Ainda não, Wellington. Conheço-o há muito tempo, tenho certeza que ele não gostaria de saber desta “novidade”. Certamente iria remover o androide para estudos em outro departamento, e nunca mais o veríamos. Precisamos aprofundar mais o nosso conhecimento sobre o que está acontecendo aqui. Acredito que alguns amigos vão se interessar por uma entrevista com Patxa. Vou convidá-los para esta reunião na próxima sexta-feira. Até lá, peço que mantenha sigilo sobre o que está acontecendo por aqui.

— Pois não, dr. Silva. Pode contar comigo – disse Wellington, de um modo muito pouco convincente.

Hermógenes passou o restante do seu dia de trabalho intrigado com aquela novidade, que poderia provocar uma revolução científica. Todo um conjunto de teorias teria de ser reformulado diante daquele fato. Algo tão importante que só poderia ser comparado à divulgação da Lei da Gravitação Universal, apresentada pelo cientista inglês Sir Isaac Newton, em sua obra *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, publicada em 1687; à Teoria Geral da Relatividade, do cientista judeu-alemão Albert Einstein, de 1915 ou ao Sistema de Propulsão Muônica, criado pelo cientista brasileiro Cândido Pereira, em 2169, que promoveu um novo momento para a exploração espacial.

Ao estacionar o hipermóvel em casa, à noite, Hermógenes percebeu que as luzes dos quartos de Denise e de Gabriel estavam acesas, sinal de que ambos já haviam chegado. Nos seus grandes momentos de dúvida, aquelas duas pessoas tinham sido sempre seus melhores conselheiros. Denise, que convivia com ele há tantos anos, conhecia-o melhor que ninguém. Hermógenes, também, fora o seu grande sustentáculo durante as longas crises de depressão que sofrera, ao longo dos anos em que Gabriel estivera internado. Já o seu filho, talvez por todas as experiências que sofrera, por ter estado no limiar entre a vida e a morte, tinha uma sensibilidade que o

impressionava, uma sabedoria para com os mistérios da vida que ele invejava. Por eles, sentia um amor capaz de fazê-lo transpor qualquer obstáculo.

Após o jantar era comum realizarem alguma atividade juntos: assistir um bom filme, observar os astros no telescópio de Denise, degustarem um vinho, lerem alguma obra clássica, em voz alta ou simplesmente discutirem algum tema sugerido. Naquele dia, foi esta última opção a escolhida por Hermógenes.

— Qual a opinião de vocês sobre o universo multidimensional?

— No século 21 foram confirmadas algumas teorias formuladas sobre a existência de universos paralelos volta – disse Denise. — Desde o século 20 que se fala em outras dimensões de espaço-tempo, como as chamadas Dimensões de Grassman, que deram origem a várias outras teorias: supergravidade com onze dimensões, teoria das cordas, membranas de dez dimensões... E que várias partículas já foram enviadas para outros universos, mas nunca as recebemos de— Bem, pai, as religiões falam sobre isso há muito mais tempo que a Ciência. A existência de outros mundos é fundamental na formulação das explicações a respeito da origem e destino do ser humano – acrescentou Gabriel.

— Sim, é verdade. Mas, se existe outro universo, também poderiam existir habitantes neles, não?

— Não necessariamente – objetou Gabriel. — Vejam, nossos cosmonautas já visitaram dezenas de outros planetas e não encontraram vida em nenhum deles. A melhor probabilidade, o planeta Gliese 581g, que guarda muitas semelhanças com a Terra, está tão distante que a sonda enviada para lá ainda demorará alguns anos para chegar e informar se encontrou vida ou não.

— As informações das religiões também não têm sido bastante convincentes – complementou Denise. Apesar dos relatos de interação entre anjos, arcanjos, espíritos, santos e homens, nenhuma evidência ou contato coletivo jamais foram realizados. Tudo se limita

a experiências pessoais, passíveis de questionamentos, se resumindo à crença, a uma questão de fé.

— E se eu lhes disser que um androide da A.C. relatou estar em contato com uma inteligência de outra dimensão?

Denise e Gabriel entreolharam-se, surpresos.

— Como é? – perguntaram, ao mesmo tempo.

— Isso mesmo. Um androide, que nós apelidamos Andr-EI, afirma estar em contato com um ser que somente ele percebe e que declara estar em outra dimensão.

— Isto é incrível! O mundo todo precisa saber disso, imediatamente, pai! – gritou Gabriel, entusiasmado.

— Ainda não, filho. Precisamos tomar alguns cuidados. Primeiro, devemos ter certeza do fenômeno. Depois, avaliar os aspectos positivos e negativos deste fato.

— Sim, é verdade. É algo que pode gerar várias polêmicas! — concordou Denise. — Existem questões filosóficas, religiosas, sociais e econômicas que podem ser seriamente abaladas por uma revelação desse gênero.

— Peça que guardem segredo, por enquanto.

— E o que você pretende fazer, pai?

— Vou falar com alguns cientistas, amigos meus. Teremos uma reunião para conversar com Patxa na próxima sexta-feira. Desculpem, esqueci de dizer: a inteligência diz se chamar Patxa. E mais: tenho a impressão que isso tudo tem a ver com um sonho que há alguns dias.

— Pode nos contar?

— Posso, sim. Eu estava em um local na Amazônia onde eram realizadas provas ritualísticas tribais. Eu deveria chegar em uma tenda, dependurado em uma corda suspensa sobre um precipício, com um rio passando muitos metros abaixo. Havia obstáculos na corda, muitos dos que tentavam passar, caíam. Consegui fazer a travessia e, ao chegar do outro lado, o chefe daquela tribo me levou a

uma tenda, onde os testes eram realizados. Ele me deu uma almofada grande e um cajado de madeira e me mandou sentar no chão. Obedeci e coloquei o cajado atravessado em meu colo. Ele, então, mandou que eu colocasse o cajado do meu lado. Havia uma mulher idosa na tenda, também sentada no chão, que me perguntou o que eu queria ali. Eu respondi a ela que vinha em busca de conhecimento. O chefe tentou me desmoralizar, disse que era mentira, que eu estava ali porque queria drogas alucinógenas, que conhecia esse tipo de gente que eu era. Eu o confrontei e disse que morava em um cidade onde seria muito fácil consegui-las, se assim o desejasse, que não precisaria ter viajado para um local tão distante apenas para obtê-las. Nesse momento apareceu na porta da tenda a silhueta de um guerreiro indígena acompanhado por um lobo. Ele não falou nada, mas eu sabia que ele continuaria ali, nos observando. A xamã me perguntou se eu só tivesse vinte batatas para alimentar os meus - companheiros, vizinhos ou parentes - e aparecessem vinte lobos, se eu as daria a eles. Respondi que daria. Ela disse que eu acertara a resposta e perguntou porque. O chefe ficou furioso porque eu acertei. Eu respondi que se desse as batatas aos lobos, eles poderiam ficar satisfeitos e não me devorariam, nem aos meus, e se eu não desse, eles poderiam devorar as batatas e a tribo inteira, que seria melhor arriscar, só perdendo as batatas. Ela ficou satisfeita e mandou que eu fizesse o “sinal de força” vinte vezes. Instintivamente comecei a fazer o sinal da cruz, no sonho, contando. Acordei, mas não abri os olhos. Continuei me benzendo, a partir do quatorze, mais ou menos, até atingir as vinte vezes.

— Que incrível! – disse Gabriel. E que relação você vê entre este sonho e o contato interdimensional do androide?

— Creio que em breve me defrontarei com alguns desafios e que vou precisar muito da ajuda dos meus amigos para enfrentá-los. Bem, agora me dêem licença. Preciso até ir até a sala de leitura, fazer alguns contatos.

Hermógenes elaborou uma lista com os vinte e cinco nomes dos mais proeminentes cientistas e pesquisadores que conhecia, de diversos ramos científicos. Em seguida, excluiu os nomes daqueles com os quais não mantinha um maior vínculo de amizade. Ao final, restaram cinco nomes. Ele entrou em contato com cada um deles, individualmente, explicando que estava diante de um fenômeno tecnológico sem precedentes, mas que só pessoalmente poderia entrar em detalhes, e que necessitava da ajuda de todos para solucionar aquele caso. Não foi difícil convencê-los, não só pela sua precisa argumentação, mas também pela amizade que os devotava há muitos anos e pelo bom conceito que possuía junto à comunidade científica. Participar, com Hermógenes Silva, de qualquer projeto científico, por si só já poderia ser considerado um grande mérito.

QUESTIONAMENTOS

Wellington e Hermógenes passaram os dias que precederam ao encontro sob intensa apreensão. Os demais cientistas insistiam em querer informações sobre o misterioso problema ocorrido com o androide, mas eles se limitavam a apresentar dados superficiais e, conseqüentemente, pouco convincentes. Andr-El permanecia isolado e as suspeitas que algo muito sério estava acontecendo era comum a todos os integrantes do grupo. Mas prevalecia o respeito às sempre sábias decisões do doutor Silva, por isso não ousavam tentar se aprofundar em um assunto que, certamente, não deveriam tomar conhecimento naquele momento.

Às vésperas do dia marcado para o diálogo com Patxa, eles foram surpreendidos pela súbita visita do diretor Yamamoto ao laboratório. Ocasionalmente ele costumava deixar a comodidade da sua espaçosa sala, cinquenta e um andares acima, para percorrer as unidades da corporação que dirigia com dedicação há vários anos. Silva o conhecia há um bom tempo, antes mesmo de se reencontrarem na Andronics Corp. Mantinham uma respeitosa relação pessoal, além da profissional. Assim, ninguém se surpreendeu quando ele já entrou no laboratório gritando pelo nome do renomado doutor.

Yamamoto fez uma saudação geral a todos os cientistas, antes de dar um forte abraço em Hermógenes. Apesar da idade avançada, ainda mantinha uma forte compleição atlética. Sua fisionomia crispada denotava alguém assoberbado pelas contínuas responsabilidades que seu cargo impunha. Lançou um olhar geral sobre as bancadas de testes e os equipamentos, quis saber dos

progressos das mais novas experiências e as perspectivas das pesquisas em andamento. Logo sua atenção foi chamada para o impassivo androide isolado na sala à sua direita, como pode observar através da parede transparente.

— E aquele androide, dr. Silva, o que faz ali, sozinho? – quis saber o diretor. Hermógenes olhou sutil e significativamente para Wellington, buscando a sua cumplicidade.

— Estamos testando um novo dispositivo de comunicação no androide, Yamamoto, por isso o isolamos, para não haver nenhuma interferência na troca de informações entre os demais.

— Entendo. Uma precaução adequada para evitar interferências na análise dos resultados, correto?

— Exatamente. Não é à toa que você é o nosso diretor — argumentou Hermógenes, com um sorriso amistoso, sabedor do quanto o seu velho conhecido era sensível a elogios.

Hermógenes desabou em sua cadeira, após a saída de Yamamoto. Por pouco toda a sua preparação para a reunião estaria perdida. Intimamente questionou se estava tomando a medida adequada, se não colocava em jogo toda a sua história como profissional ético e dedicado à organização em que trabalhava, mas tinha certeza que havia algo muito maior que a sua reputação, acontecendo.

No dia seguinte todos os convidados se fizeram presentes na Sala de Observação 3, acompanhados pelo “mediador” Andr-El, Hermógenes e Wellington. Este tomara todas as precauções necessárias para a reunião, propositalmente marcada para as vinte horas, quando todos os cientistas já haviam deixado o laboratório. Ele informou pessoalmente à segurança os nomes dos cientistas que estariam presentes e cuidara de recepcionar cada um deles e dirigi-los à sala, evitando que mantivessem qualquer contato com outras pessoas no percurso até o local. Wellington acionou a função “espelhar” que impedia a qualquer pessoa de fora observar o que

acontecendo no interior da sala. As poltronas dispostas em semicírculo para os convidados foram sendo gradativamente ocupadas.

Lars Bohr foi o primeiro a chegar. Especialista em computação quântica, trabalhou por muitos anos para a A.C., no desenvolvimento dos cérebros positrônicos dos andróides. Poucas pessoas conhecem o sistema neurotrônico daquelas máquinas como ele. Gordinho e avermelhado, era conhecido pelos seus alunos como “Professor Tomate”.

Com o ser alheado de nerd, Samuel Oppenheimer, engenheiro cibernético, foi o segundo a adentrar as instalações. A sua especialidade era o aperfeiçoamento contínuo da estrutura física dos andróides; materiais sintetizados em tudo semelhantes a cabelos, pele e unhas e componentes positrônicos que desempenham funções similares aos dos nossos órgãos vitais. Tudo isso faz com que eles se pareçam cada vez mais com os humanos e menos com as máquinas.

Jean Bresson, mestre em antropologia robótica, chegou logo em seguida. Apesar de ainda jovem, conquistou um rápido reconhecimento no meio científico graças aos seus aprofundados estudos sobre a interação dos andróides na sociedade e os seus impactos.

Com o mesmo olhar humanista, Anna Pavlova, ciberfilósofa, pesquisa as consequências de caráter ontológico no convívio entre homens e máquinas, procurando antever e precaver possíveis crises pessoais e coletivas decorrentes desta correlação. Seus cabelos grisalhos, arrumados em coque, lhe dão uma aparência extremamente respeitável.

Por fim, chegou a robopsicóloga e analista de sistemas comportamentais Bianca Shatner, que se tornou uma amiga muito querida da família Silva após a elucidação da crise de cibersuicídios, alguns anos antes, o que também contribuiu para a cura do filho de Hermógenes. Todos reunidos, o dr. Silva foi o primeiro a se pronunciar:

— Prezados amigos, primeiramente quero agradecer a presença de todos vocês. O que hoje apresentarei, aqui, trata-se do maior fenômeno científico já registrado nas últimas décadas: o contato direto com uma inteligência de outra dimensão, intitulada Patxa, por intermédio desse androide, que nós chamamos de Andr-EI.

Os cientistas entreolharam-se, incrédulos. Seria aquilo alguma brincadeira do conceituado dr. Silva? Estaria ele testando-os?

— Não se espantem - continuou Hermógenes. É isto mesmo que estou dizendo a vocês: existe vida inteligente além da nossa dimensão. Como vocês sabem, desde o século 20 temos especulado a possibilidade de existência de outras dimensões. Inúmeras experiências de migração interdimensional de partículas subatômicas foram realizadas, o que comprovou cientificamente a existência desses “mundos paralelos”, os quais nunca conseguimos ver, dimensionar ou precisar a localização. Mas, agora, poderemos ter todas as nossas dúvidas esclarecidas, com a ajuda deste androide, que afirma enxergar uma luminosidade, denominada Patxa, que se comunica conosco, por seu intermédio, utilizando o antigo Código Morse.

— Você está nos testando, Silva? – perguntou, incrédula, Ana Pavlova.

— De jeito nenhum, Dra. Pavlova! Deixe-me demonstrar. Está pronto para começarmos, Andr-EI?

— Sim, dr. Silva. E Patxa diz que também está.

— Ótimo. Por favor, então peça a Patxa que inicie o nosso diálogo.

— Pois não.

O androide piscou seus sensores óticos algumas vezes, antes de iniciar:

— Boa noite dr. Silva, dr. Wellington e nossos convidados, doutores Bohr, Shatner, Oppenheimer, Bresson e Pavlova. Não precisam se apresentar. Já conheço todos vocês, bem como os trabalhos que desenvolvem, há muitos anos. Primeiramente quero informar que nossos encontros durarão exatamente duas horas, sendo que, em um primeiro momento, transmitirei informações e instruções e, em seguida, responderei às suas perguntas que, creio eu, não serão poucas. Há muito tempo que este encontro entre nossas dimensões vem sendo programado. Em verdade, há precisamente cento e vinte e três anos, pelo calendário terrestre. Bem menos que isso, em minha dimensão. Temos acompanhado a experiência humana no solo deste planeta há séculos, como já o fizemos com várias outras espécies, em vários outros mundos. Sabemos cada etapa do processo evolutivo que vocês já superaram, e também aquelas que lhes falta percorrer. E por isto estamos aqui. Sem a nossa ajuda, vocês não conseguirão dar um novo salto evolutivo, ou quântico, como preferirem chamar. A sua ciência atingiu um limite de desenvolvimento que, sem o rompimento de alguns paradigmas, os levará a um processo de estagnação. A última etapa que atingiram, a tecnologia que permitiu o desenvolvimento dos androides, através do aprimoramento da sua rede neurotrônica e do uso de biochips e computação quântica, pode levá-los tanto à evolução quanto à destruição. A criação desses seres mecatrônicos, representa o surgimento de uma nova espécie, mais forte, mais inteligente, quase imortal e desprovida das fragilidades físicas e morais dos humanos. Eles podem atingir a profundidade dos oceanos e viajar anos-luz pelo espaço, suportar as mais variadas temperaturas e as piores condições ambientais, sem sequer se abalarem física ou psicologicamente. São mais lógicos, racionais, precisos e responsáveis que a grande maioria dos seres da sua espécie. É preciso que o Homem vá além do que ele hoje é, sob pena de sucumbir à sua própria criação.

— Patxa, você disse que sua dimensão tem nos observado há séculos. Durante todo este tempo houve algum tipo de contato

conosco, como este que está acontecendo aqui, neste momento? Ou vocês sempre se mantiveram imperceptíveis? — quis saber o antropólogo Jean Bresson, sempre curioso com relação à interação entre os povos.

— Sábia pergunta, Bresson. Infelizmente nem sempre conseguimos passar tão despercebidos quanto gostaríamos. O fato é que nossas intervenções, por menos significativas que sejam para nós, provocam grande comoção entre vocês. Por muitos anos sua espécie buscou explicações para fatos aparentemente inexplicáveis, atribuindo-os a fenômenos da Natureza, à ação de forças sagradas ou à intervenção de divindades. Criaram mitos, ritos, personagens e lendas para explicar o que não conseguiam. Depois, subjugaram-se ao saber científico, metodológico e chamaram de misticismo tudo o que era excessão às regras da lógica cartesiana. Finalmente, tentaram conciliar a Fé e a Razão, mas sem ousar superar obstáculos de ambos os segmentos. Não é possível esperar mais. Perpetuar os erros que até hoje cometem é colocar em perigo a sua própria existência e a harmonia do Universo.

— Patxa, você poderia nos dar algum exemplo factível desta interação entre as nossas dimensões, ao longo da nossa história? — quis saber Lars Bohr, o mais cético de todos ali presentes.

— Prezado Lars, sempre em busca de comprovações científicas! — disse Patxa. — Não tenho as provas que você gostaria, para lhe dar, mas vou citar alguns fatos que poderão provocar seu cérebro, tão racional. Saiba que se nós, há 65 milhões de anos, não tivéssemos provocado a extinção dos dinossauros, com a introdução de um vírus na atmosfera do planeta, a sua espécie não teria a menor chance de existir. Outro fato: observe que em vão a sua Ciência tem buscado encontrar o chamado Elo Perdido, a ligação que possa explicar o salto evolutivo do primitivo Homem de Neanderthal para o sociável Homem de Cro-Magnon, espécies hominídeas que habitaram a antiga Europa, há mais de 300.000 anos. Pois saiba que aquele salto evolutivo só foi possível graças à manipulação genética por nós procedida em seu DNA, utilizando técnicas ainda

desconhecidas por vocês. Não fizéssemos isto e mais uma vez a sua espécie estaria fadada à extinção, subjugada por outras espécies selvagens, mais fortes, mais ágeis e resistentes, mais aptas à luta pela sobrevivência diante dos rigores da natureza indômita, como os tigres de dentes de sabre e os mamutes, mas sem nenhum vestígio de inteligência. Os antigos habitantes de Nazca, no Peru, há bem mais de mil e trezentos anos, após receberem de nossos enviados informações que contribuiriam para o desenvolvimento de várias civilizações do continente americano, deixaram, gravadas em seu solo, gigantescos sinais simbólicos, distribuídos por mais de quinhentos quilômetros quadrados, para que os visitantes, que eles imaginavam virem do céu, não os perdesse de vista jamais. Era de nós que as pitonisas gregas obtinham informações nos oráculos, a exemplo de Delfos, transmitido-as à sociedade helênica e influenciando os pensadores de então. Dentre eles, Sócrates, que com suas ideias provocaria uma gigantesca transformação em toda a cultura grega e, conseqüentemente, ocidental. A própria relação do homem com o sagrado tem evoluído ao longo dos milênios. Desde a adoração inicial a elementos da natureza e a animais simbólicos, passando por divindades antropomorfas, até o teocentrismo. Seus livros sagrados estão cheios de fatos insólitos, justificados apenas pela vontade divina. Sua humanidade não teria evoluído na compreensão desta mesma divindade se nós não os tivéssemos influenciado. Fomos nós que ajudamos um dos seus principais líderes religiosos a sair da escravidão no Egito, com todos os seus seguidores, ao provocarmos uma série de calamidades “naturais”, abrindo as águas do Mar Vermelho com a emissão de ondas ultrasônicas, para que pudessem fugir e instaurar uma nova fé monoteísta, distante da terra dos faraós. A mesma crença que foi espalhada por todo o Oriente Próximo, pelas mãos de outro profeta, inspirado por nós, muitos anos depois. Fomos nós que guiamos os chamados Reis Magos, com um sinal luminoso no céu, para levarem o ouro necessário para o custeio da formação daquele sábio jovem judeu, entre os seus treze e trinta anos de idade, percorrendo

diversas escolas iniciáticas de todo o Oriente, do Egito à China, preparando-se para lançar as bases de um novo conhecimento que impulsionaria a evolução da humanidade. Fomos nós que, no ano de 312, fizemos o imperador Constantino ter visões que o levaram a tornar o cristianismo religião oficial do Império Romano, transformando toda a história do Ocidente. Na Índia, no México, na China, ensinamos a sua espécie a ler os astros, em busca de respostas e indicações.

— E nenhuma, dentre tantas civilizações, teve uma percepção mais exata desta interação com vocês? – quis saber a ciberfilósofa Anna Pavlova.

— Apenas uma, prezada Anna, hoje conhecida como Atlântida. Ali conseguimos estabelecer, como agora fazemos com vocês, um contato mais aberto, uma vez que aquele era o povo mais desprovido de crenças abstratas e superstições. Em Atlântida estabelecemos uma instituição de formação de sábios, que posteriormente foram enviados a várias partes do planeta, para auxiliar no seu desenvolvimento: México, Peru, Grécia, Países Nórdicos, Tibete, Índia, Japão, Egito e Oriente Próximo. Contudo, cometemos um grande erro: as evidências da nossa presença ali se tornaram muito claras, o que conduziu a sua espécie a um processo de adoração e dependência de nós muito grande, impedindo-os de alçar vãos próprios. Uma vez encerrado o Projeto Atlântida, evacuamos totalmente a ilha, dispersando os seus habitantes, e a fundeamos, para não deixarmos evidências da nossa presença ali. A escrita etrusca é um dos raros vestígios que sobreviveram à nossa influência, naquela época.

Hermógenes estava tão abismado quanto os demais cientistas. Era impossível que tais informações tivessem sido obtidas por Andr-El nos bancos de dados ou redes virtuais, pois ali eram percebidos conhecimentos antes jamais registrados, ainda que passíveis de comprovação científica. Apesar de todo o desenvolvimento da inteligência artificial, criar ainda era uma prerrogativa humana. Ele

observou as variadas expressões fisionômicas dos presentes, cada um a externar os seus sentimentos: descrença, admiração, surpresa, dúvida, desconfiança, contentamento. Meia hora depois ele percebeu que seria inviável continuar a entrevista naquele momento. Já havia uma boa quantidade de dados a serem discutidos entre eles e ainda teriam que dedicar um momento às perguntas a respeito do próprio Patxa. A sequência de pensamentos de Hermógenes foi interrompida pelo comentário de Patxa:

— Concordo, doutor Silva. Creio que podemos continuar com outras informações em nossa próxima reunião. Agora, o que desejam saber sobre mim?

Todos queriam fazer perguntas, ao mesmo tempo. Wellington precisou estabelecer uma ordem para as questões, eliminando as duplicidades. Após alguns minutos de conversa entre eles, chegaram finalmente a um consenso.

— Patxa, em síntese, nossas principais perguntas são: De onde você vem? Você possui uma estrutura física? Como ela é constituída? Qual o seu sexo, raça e idade?

— Vejo-me impossibilitada de responder a quase todas as suas perguntas. Em parte, por ainda ser prematuro e em parte pela própria pobreza da linguagem humana e às suas limitações científicas. Seria como tentar explicar a um aborígene como funciona um computador. Posso uma estrutura física, sim, mas diferente de tudo o que vocês conhecem, ainda que similar à humana. Aparento ser uma pessoa do sexo feminino, de tez clara e com aproximadamente quarenta anos terrestres. O mais importante, agora, não é o que ou quem sou, mas sim o que tenho a lhes oferecer. Saibam que, hoje, vocês são quase máquinas. Parafaseando um dos seus filósofos, por que se transformaram em uma mistura híbrida de silício, células e silicone? Que são vocês em comparação à coerência, resistência e inteligência dos andróides? Uma dolorosa vergonha! A sua razão é certeza,

indiferença e vaidade perigosa. Ouviram o que foi dito no passado: há mais coisas entre o céu e a terra do que julga sua vã filosofia. Por enquanto é bastante que saibam existirem outras formas de vida, além da sua, e diante das quais vocês não passam de curiosas crianças. É chegada a hora da maturidade. Até o nosso próximo encontro.

Andr-El piscou mais algumas vezes e concluiu:

— Ela se foi, dr. Silva. Posso ser útil em algo mais?

— Creio que não Andr-El. Gostaria que você nos aguardasse lá fora. Preciso conversar um pouco com nossos amigos.

Com a saída do androide, os cientistas estabeleceram um pequeno debate sobre os assuntos abordados. Apesar de não haver unanimidade de opiniões, algo foi consenso entre eles: estavam diante de um grande enigma, que todos gostariam de ajudar a desvendar.

VELHOS AMIGOS

Sempre que estava sob tensão a primeira reação de Bianca era a mesma: se despir e tomar um banho quente com ervas aromáticas amazônicas, em sua banheira. Foi o que fez, tão logo chegou ao seu apartamento. Vinte minutos após estar imersa na água até o pescoço, olhando o vapor embaçar todos os vidros e paredes do banheiro, já conseguia organizar melhor as ideias, começando por recapitular a conversa particular que tivera com Hermógenes, logo após o debate realizado com todos os cientistas, sem a presença do androide.

Lars Bohr havia sido quase ríspido. Ele esbravejava estar admirado que Hermógenes, com tantos anos de experiência e saber científico, se rendesse àquele embuste. Indignava-se por não terem sido esgotadas todas as possibilidades de análise do que provocava aquele fenômeno, antes de serem levados àquele encontro. Hermógenes, com sua paciência típica, mas com firmeza, objetou que os havia convidado justamente para auxiliá-lo na análise dos fatos, à luz da Ciência, e com base nos conhecimentos individuais. Jean Bresson, ao contrário, estava maravilhado. Já queria permissão de Hermógenes para levar o androide a ser apresentado à diretoria acadêmica da sua universidade, incluí-lo em seminários, debates, congressos! Hermógenes desculpou-se por não poder atendê-lo de imediato, pediu confidencialidade e cautela. Ainda seria prematura qualquer aparição pública do androide, sem as devidas precauções. Anna Pavlova, equilibrada e conciliadora, concordou com ele. Ela era de opinião que seriam necessários vários outros encontros com o androide para chegarem a uma opinião mais acertada. Enquanto isso, propôs que fossem analisadas todas as possibilidades para

aquela comunicação, de forma a se eliminar a possibilidade de serem vítimas de algum truque. Samuel Oppenheimer era sempre lacônico. Tantos anos envolvido com pesquisas haviam o transformado em um indivíduo extremamente introspectivo. Durante toda a reunião se limitara a observar os fatos e fazer anotações, coçando as sobrancelhas negras, quase coladas, mas era perceptível que estava fascinado com tudo que estava vendo e ouvindo. Ele concordou com Anna, imediatamente.

— É lógico que, como pesquisador, gostaria de passar um bom tempo analisando o androide, antes de expressar uma opinião definitiva – concluiu ele.

Concordaram, então, em voltar a se encontrar dali a uma semana, no mesmo local e horário. Até lá, todos deveriam continuar trabalhando no caso. Anna e Jean ficaram responsáveis por analisar as informações prestadas por Patxa, sob a perspectiva histórica; Samuel e Lars verificariam todas as possibilidades científicas do fenômeno e Bianca iria pesquisar algum fato semelhante ocorrido com outros androides. Após as despedidas, ela ficou a sós com o velho amigo Hermógenes.

— Bianca, nós somos amigos há muitos e muitos anos – disse ele. Seu olhar traía a apreensão em que se encontrava. — Não tenha nenhum receio em me dizer a sua verdadeira opinião sobre este caso.

— Claro, Hermógenes. Durante a reunião eu estava justamente pensando em como nos conhecemos. Todos aqueles androides cometendo suicídio e nós nem sabíamos por onde começar a investigar, até encontrarmos você. Depois, vieram as suas pesquisas, que levaram à resolução do caso e que também contribuíram para encontrar a cura para a doença do seu filho. Aquele trabalho provocou a minha aproximação com o inspetor Bert, que hoje é meu companheiro, a criação da Fundação Marius Lex, para apoio

psicossocial aos andróides, dirigida por mim... Foram tantas coisas positivas que compartilhamos!

— Por isso, Bianca, sei que posso confiar em você. O que me diz?

— Estes andróides estão sempre me surpreendendo, Hermógenes. Quando acho que nada mais pode se esperar deles, eis que surge algo novo. Eu não tenho dúvidas sobre a sinceridade de Andr-El. Em todos estes anos que me dedico a estudá-los, nunca houve um caso sequer em que eles estivessem mentindo. É algo impossível para essas máquinas. Mas estou, realmente, assustada com as consequências deste fenômeno. Você tem ideia do quanto isto pode abalar a nossa sociedade?

— Nem me fale, Bianca! Isto vem tirando o meu sossego! Andr-El pode provocar uma revolução no planeta!

— É verdade. E você vai estar no olho desse furacão.

— Bianca, vou precisar muito da sua ajuda e de Bert.

— Você sabe que sempre pode contar conosco. Conversarei com ele, hoje, sobre isso tudo. Vamos encontrar a melhor forma de lidar com essa questão.

O sinal sonoro, indicando a entrada de alguém na casa, tirou Bianca de suas lembranças. Só podia ser Bert chegando. Ela se levantou, vestiu o roupão e foi ao encontro do seu amado. Ele já estava à mesa, desembulhando as embalagens que trouxera.

— Surpresa! Hoje vamos jantar uma deliciosa comida árabe: kafta, tabuli, kibe, sfiha... que tal? – disse ele.

— Ah, Bert, era tudo que eu precisava, depois do dia que tive hoje!

— Problemas? Pensei que você disse que iria se encontrar com Hermógenes.

— E fui, sim. Prepare-se, Bert, tenho um caso incrível para lhe contar...

Bianca narrou detalhadamente todo o decorrer da reunião e da conversa que tivera, em particular, com Hermógenes. Falou das reações dos cientistas e das próximas ações a serem tomadas, enquanto devoravam a comida.

— É, Bianca, e eu que pensei já ter visto de tudo! Vamos ter muito trabalho pela frente. Quando este androide chegar ao conhecimento público, Hermógenes vai se ver em uma situação complicada. Ele vai precisar de todo nosso apoio.

— Sem dúvida, Bert.

— A cada dia que passa, Bianca, mais eu me pergunto até que ponto poderemos nos considerar assim tão diferentes destas máquinas. Elas convivem conosco, em nossa sociedade, são cada vez mais semelhantes fisicamente a nós, podem fazer tudo o que fazemos. Em breve não conseguiremos mais diferenciá-los dos humanos!

— Exceto por um fator, Bert. Eles ainda não possuem emoções. Ainda. E não sei, bem, por quanto tempo.

— Minha grande dúvida, Bianca, é sobre o quanto as emoções estão relacionadas com a inteligência. Veja o que acontece com os animais, por exemplo. A inteligência deles é puramente instintiva. Mesmo com as modificações genéticas que já realizamos em cães, macacos e golfinhos, que possibilitaram que eles desempenhem tarefas simples, antes designadas para os humanos, eles não atingiram sequer a possibilidade do desenvolvimento de uma linguagem básica, primeiro indício de um estágio racional mais evoluído. O mesmo se dá com as suas emoções.

— Mas não percebemos também nos animais uma grande proteção às suas “famílias”, se assim podemos dizer? – perguntou Bianca.

— A proteção dedicada por uma fêmea aos seus filhotes está muito distante do amor que existe entre uma mãe e seu filho. Para os animais, a proteção da prole é uma programação genética para assegurar a continuidade da espécie. Se é um fato o que assegura a

teoria evolucionista, que nós, humanos, evoluímos a partir de formas mais primitivas de existência, isto pode ter se dado tanto no nível racional quanto no emocional. Até que ponto não teria o desenvolvimento da razão também propiciado uma evolução nas nossas emoções, a partir de sentimentos mais elementares até os mais nobres? A formulação de princípios filosóficos, como ética, cidadania e solidariedade também poderiam ter contribuído para esse amadurecimento das relações afetivas entre as pessoas. – respondeu Bert.

— Você está insinuando que os androides também poderão desenvolver suas emoções?

— Acredito que há uma probabilidade muito grande que algo assim venha a acontecer. Não afirmo que eles possam “sentir” como nós, mas com certeza poderão “compreender” e assimilar alguns dos nossos sentimentos, como saudade, contentamento, tristeza e alegria.

— E quando isso acontecer, Bert, qual será a diferença entre nós e eles?

— A imortalidade.

— Você quer dizer que nós somos mortais e que eles podem durar infinitamente, à medida que suas peças danificadas forem substituídas e suas memórias forem migrando para outras bases de dados?

— Não. Quero dizer justamente o contrário. Somos nós os imortais. Quando nossos corpos perecerem, nossa alma continuará a existir, em outra dimensão. – concluiu Bert.

Bianca se debruçou na janela e olhou a cidade iluminada. Ali deveriam existir umas quinhentas mil pessoas e três vezes mais androides, que executavam os mais diversos trabalhos, intelectuais e braçais, principalmente no ramo industrial. A dependência humana por seus serviços crescera de tal forma que a ausência dos autômatos inviabilizaria a sua própria sobrevivência. Ela se lembrou da história de Spartacus, o gladiador romano que se rebelou contra a

escravidão e comandou um levante contra os seus senhores. Se algum dia aqueles andróides resolvessem fazer o mesmo, seria a extinção da humanidade.

— E se os andróides resolvessem nos expulsar deste planeta, Bert?

— Teríamos que continuar a nossa civilização em um outro planeta... ou em outra dimensão. Felizmente nós somos imortais; eles, não. Mas que razões eles teriam para isso?

— Razões, talvez não, mas emoções. Se realmente eles vierem a desenvolver seus sentimentos, poderão se revoltar contra os seus senhores. E aí, Bert, nós estaremos perdidos!

— Não é da natureza da criatura se revoltar contra seus criadores, Bianca. Se os andróides desenvolverem suas emoções, o primeiro sentimento que terão para conosco será o de gratidão, por os termos concebido.

— Mas também existem lendas de criaturas que se rebelaram contra seus criadores, como a de Lúcifer e dos anjos decaídos, que se rebelaram contra Jeová e foram expulsos do Céu. E a história de Frankenstein, que também não deixa de ser um autômato, Bert.

— Então, teríamos a reedição da eterna luta do Bem contra o Mal, com muitos andróides do nosso lado, e outros contra. E este andróide visionário, Bianca, seria um novo profeta?

— Quem poderá saber, Bert?

Bianca se aconchegou ao colo de Bert. Intuitivamente ela sabia que as revelações de Andr-El iriam provocar grandes reações em toda a sociedade. Não foi diferente quando, há vários anos, o andróide Borg provocou uma significativa mudança na relação entre homens e máquinas. Naquele momento, em que os andróides começaram a se destruir, já não começava a germinar a semente do desenvolvimento das suas emoções? O impacto social foi tão grande que se tornou necessária a criação da Fundação Marius Lex, que

cuidou de aprimorar a sociabilidade entre os criadores e as suas criaturas.

Ao lado de Bert, ela trabalhara muito para que os atritos surgidos do convívio entre os seres humanos e os andróides fossem ao máximo minimizados. Agora, com este novo fenômeno, ela temia que novas conturbações viessem a acontecer. Imersa em seus pensamentos, nem percebeu que adormecia nos braços do homem que tanto amava.

TRAIÇÃO

Na sexta-feira seguinte o grupo estava mais uma vez reunido para continuar a conversa com Patxa, por intermédio de Andr-El. Dessa vez, Wellington foi o primeiro a tomar a palavra:

— Patxa, na última reunião você nos deu várias informações, mas todas elas passíveis de diversas interpretações. Gostaria de lhe perguntar se existem evidências, na nossa cultura e na nossa história, desse intercâmbio entre a sua dimensão e a nossa.

— Doutor Wellington, compreendo a sua descrença. Posso lhe assegurar que nas principais culturas do mundo podem ser encontrados vestígios deste intercâmbio. Vejam as construções arquitetônicas que foram erigidas em Carnac, em Stonehenge, na Ilha de Páscoa, em Tiahuanaco, as pirâmides de Gizé, as astecas, maias e amazônicas, exemplos claros de um conhecimento superior ao dos povos daquela época. Os livros sagrados de Dzyan falam dos pitris, homens celestes, que exerceram influência psíquica sobre os habitantes da Terra e sobre a sua relação com os atlantes. O livro sagrado indiano Rig-Veda fala de deuses como Indra, Vayu e Savitri, Visnu e Puxan, que possuem “carros voadores” e deles lançam raios laser que fulminam seus inimigos. O poema épico Ramaiana narra batalhas aéreas e o uso de armas, pelos deuses, similares a bombas atômicas, assim como o épico Mahabharata, que fala claramente de mísseis e armas nucleares. A tradição milenar da China afirma que, em tempos remotos, ela foi governada por uma raça de reis divinos, ao longo de dezoito mil anos. O livro Shoo-King chinês refere-se, em sua quarta parte, à interrupção entre a comunicação entre o “céu” e a

“terra”, que havia até então. Textos da dinastia Chou, escritos dois mil anos antes da era cristã relatam o aparecimento de vários sóis no céu, o que voltaria a acontecer em 9 a.C., período da dinastia Yamato. Lendas narradas no Feng-shen-yen-i citam seres celestiais que ajudam humanos em suas batalhas. No Japão, o livro Nihongi cita diversos seres que desceram à Terra e que em 660 antes de Cristo. divindades celestias teriam auxiliado o imperador Jimmu em suas batalhas. O Livro dos Mortos do Antigo Egito cita repetidamente os “seres brilhantes”, visitantes celestiais. Em Ninive, cidade babilônica, foram descobertos, na biblioteca do rei Assurbanipal, textos que relatam a viagem que o rei Etan fez a bordo de uma nave espacial. No livro bíblico de Ezequiel ele relata: “Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do norte, uma grande nuvem, com um fogo revolvendo-se nela, e um resplendor ao redor, e no meio dela havia uma coisa, como de cor de âmbar, que saía do meio do fogo”. O historiador Diodoro da Sicília, que viveu no primeiro século antes da Era Cristã, na sua obra Biblioteca Histórica, deixou registrado que um deus visitava a Inglaterra a cada dezenove anos. Na obra *Patrologia Latina*, compilada por Jacques-Paul de Migne, no século XIX, está descrito como escudos flamejantes desceram dos céus e salvaram os cavaleiros de Carlos Magno do cerco dos saxões, em Sigburg, no ano de 776. Entendam que por trás de todas estas manifestações e aparições estávamos nós, interagindo com os seres da sua dimensão.

— Mas, Patxa, quase todas as situações, citadas por você, são de conflitos. Apenas nos nossos confrontos havia uma intervenção direta de vocês, tomando um ou outro partido? – quis saber Jean Bresson.

— De forma alguma, Jean. Entenda que apenas em momentos críticos para a sua civilização, nós interferimos, com maior ou menor intensidade. Desde as mais remotas tribos africanas até os maiores impérios que já existiram, influenciámos decisivamente a história e o futuro da humanidade, provocando reações em cadeia que afetam de forma diversa o ambiente à sua volta. Sendo nosso compromisso

auxiliar na evolução do seu planeta, não poderíamos permitir que algumas decisões pessoais de seus líderes colocassem em risco o Projeto Terra. Desde a nossa reunião anterior que eu tenho citado como temos trabalhado junto a pensadores, religiosos e filósofos de sua dimensão, nas mais diversas épocas, como forma de contribuir para o amadurecimento e evolução da sua espécie. Não foi diferente com a Ciência. Por trás de quase todas as descobertas e invenções “casuais” já registradas estavam a nossa influência, dando uma “mãozinha” para os seus cientistas. As intuições, muitas das quais ocorrem a eles em seus períodos de sono ou de repouso, nada mais são que mensagens telepáticas por nós enviadas, apresentando soluções antes jamais pensadas por alguém. Foi assim com a descoberta das Américas, da penicilina, da lei da gravidade, a formulação da teoria da relatividade, da pólvora, os princípios alquímicos, a astrologia, a clonagem humana, a propulsão muônica de naves espaciais e tantos outros fatos. E como explicar que descobertas idênticas tenham sido feitas simultaneamente por cientistas que nunca compartilharam suas pesquisas? Como a um irmão mais novo, que precisa de auxílio e proteção, nós os temos acompanhado, Jean, desde os seus primeiros passos no Universo.

— Afinal de contas, Patxa – quis saber Oppenheimer, cada vez mais inquieto – qual o seu propósito ao fazer todas estas revelações, agora?

— Eu já disse, Samuel: ajudar a humanidade. São poucos os mundos habitados por seres inteligentes, na vastidão das galáxias. É preciso uma incrível conjunção de fatores para que possa existir vida biológica em um planeta. É um dever de todos nós ajudarmo-nos reciprocamente. É o que nós fazemos, aqui, assim como vocês farão, no futuro, com outros povos. Só assim poderemos encontrar um significado para a nossa existência, enquanto seres imortais.

— E por que, Patxa, vocês escolheram estabelecer este contato através de uma máquina? – perguntou Anna Pavlova.

— Ora, minha querida Anna! Há quantos séculos vocês se comunicam através de máquinas: primeiro foi o telégrafo, depois, o

telegrama, os satélites, o telefone, o fax, o celular, os computadores, até chegarmos aos atuais videofones e aos dispositivos subcutâneos de comunicação à distância. Por que a estranheza? Nós estamos utilizando uma máquina, assim como vocês o fazem! Além disso, vocês, humanos, já não acreditam em si mesmos. Estivesse uma pessoa falando, aqui, em lugar de Andr-EI, logo vocês diriam que isso era uma prestidigitação ou misticismo, como ocorreu às tantas mulheres que foram queimadas nas fogueiras da Inquisição. Os androides não mentem, esta é uma das poucas unanimidades em sua civilização. Não há porque duvidarem de Andr-EI.

A reunião continuou por cerca de uma hora. À medida que Patxa respondia às questões, com boa vontade e cordialidade, os cientistas iam se rendendo à evidência de que aquele era um momento muito especial na história da Ciência e, conseqüentemente, de toda a Humanidade. Passaram de uma postura de dúvida e ceticismo para outra, de compreensão e assimilação das informações. História, Biologia, Medicina, Química, Física Quântica, Filosofia, Religião foram os principais assuntos discutidos pelo grupo, ampliando as fronteiras do seus conhecimentos.

Os encontros continuaram se sucedendo por mais dois meses, mas Wellington estava cada vez mais inquieto. Ele não se conformava que Hermógenes continuasse a conduzir aquelas “sessões” sem o menor método científico. Não fora para isso que passara doze anos em estudos acadêmicos. Toda a confiança e credibilidade que depositara no velho estavam abaladas. Além disso, não concordava que aquele trabalho fosse realizado nas instalações da Andronics Corp sem o conhecimento do diretor Yamamoto. E de nada adiantaria discutir o assunto com Pérola, a posição dela era bastante clara.

Quando criança, sempre que tinha que tomar uma decisão difícil, Wellington se trancava em seu quarto, se enfiava debaixo dos travesseiros e deixava passarem as horas, sem saber o que fazer. Só no último instante, quando já não era mais possível postergar, tomava

uma decisão, que nem sempre era a melhor. Já estava grande o suficiente para não fazer mais este papel de avestruz, mas sua grande indecisão continuava a mesma. Por determinação de Hermógenes, Andr-El foi retirado da sala, para não levantar mais suspeitas. Reintegrado às suas atividades rotineiras, recebera instruções para não revelar a mais ninguém as comunicações com Patxa, o que era um tremendo risco, pois se algum cientista o interrogasse, ele não conseguiria omitir a verdade, colocando em perigo os dois cientistas envolvidos. Chegada a quinta-feira, Wellington sabia que precisava fazer algo, antes da reunião do dia seguinte.

Poucos antes do intervalo para o almoço, entrou no elevador e foi até o último andar da sede da Andronics Corp, onde ficava a sala de Yamamoto. Diana, a loiríssima secretária do diretor, anotou o seu pedido para uma audiência com o todo-poderoso CEO da organização, marcada para o final da tarde.

Poucos minutos antes do horário previsto, Wellington já estava na ante-sala, as mãos trêmulas, um suor frio escorrendo pelas suas costas. Quando a porta da sala se abriu e ele viu a majestosa figura do diretor, sabia que já não podia voltar atrás na sua escolha. Era a sua promissora carreira na empresa *versus* a participação em um projeto sem nenhuma perspectiva de sucesso. Sabia que estava perdendo, para sempre, a amizade e confiança de Hermógenes Silva, mas sua escolha estava feita.

Por cerca de uma hora David Yamamoto ouviu, estupefato, a narrativa dos fatos realizada por Wellington. Ao mesmo tempo em que não conseguia acreditar que Hermógenes viesse ocultando todos esses fatos, por tanto tempo, imaginava a repercussão desta notícia para o grande público. A imprensa questionando a Andronics Corp, a queda do valor de mercado da empresa, a credibilidade dos seus dirigentes destruída, a concorrência ganhando mercados. Seria o fim da organização. Felizmente aquele jovem cientista tomara a acertada decisão de contar tudo a ele. Decisões imediatas teriam que ser adotadas.

— E quanto ao dr. Silva, o que acontecerá com ele, Diretor?

— Não se preocupe com isto, Wellington. Seu nome será resguardado. Ele jamais saberá que obteve a informação por seu intermédio. Pode ficar tranquilo. E isto será levado em consideração para o seu futuro aqui na A.C. Precisamos sempre saber com quem podemos contar em todas as situações. Além de ser um excelente profissional, você deu provas de sua fidelidade à empresa. Parabéns, Wellington.

Yamamoto reclinou-se na poltrona, sinal de que a conversa chegara ao final. Wellington saiu da sala sentindo-se arrasado. Retornou ao laboratório e continuou trabalhando até o final do dia, para não levantar suspeitas. Sentia-se um traidor, o próprio Judas Iscariotes. Só uma pessoa poderia ajudá-lo, agora. Ligou o videofone e contactou Pérola. Pediu que ela o encontrasse em um restaurante que costumavam frequentar, a duas quadras dali. Quarenta e cinco minutos depois estavam frente a frente.

— Pérola, estou precisando muito de você.

— O que houve? Você está pálido!

— Tive uma conversa com o diretor Yamamoto. Eu contei tudo a ele sobre o androide e as comunicações com Patxa.

— O que? – gritou Pérola, espantada. — Que merda você fez!

— Escute, Pérola. Não foi uma decisão fácil e estou até um pouco arrependido. Não sei se agi corretamente, acredito que isto só o tempo dirá. O certo é que, concordando comigo ou não, eu preciso de você ao meu lado.

Pérola olhou para ele, com compaixão. Sua primeira vontade foi de esganá-lo, mas, agora, diante daquele farrapo humano, implorando piedade, ela já não conseguia se irritar. Todos os dias, diante dos tribunais, ela assistia aos mais diversos tipos de julgamentos, nem sempre com os resultados mais justos. Uma boa

argumentação, a falta de alguma evidência, uma prova, ainda que forjada, o humor dos jurados ou do juiz, naquele momento, e todo o trabalho de meses pode ir por água abaixo. Estava cansada de assistir à falibilidade dos julgamentos humanos e se perguntava, habitualmente, porque aquele trabalho não poderia ser designado para os andróides, sempre imparciais.

— Eu não desejo julgar você, Wellington. Já vejo isso todos os dias, nos tribunais. Mas, também não consigo compactuar com as suas atitudes. Acho que você precisa ficar um tempo sozinho, para refletir melhor sobre as suas decisões. Eu não seria uma boa companhia. Não posso ficar ao seu lado. Quem sabe, um dia, quando você demonstrar ser outra pessoa, nós possamos voltar a conversar. Pérola abaixou a cabeça, entristecida, mas ciente que aquela era a melhor decisão, e concluiu: — Até lá, não me procure mais.

FUGA

Logo ao chegar, na manhã seguinte, o Dr. Hermógenes Silva recebeu uma mensagem pelo videofone convocando-o à sala do diretor David Yamamoto. Ele intuiu que alguma coisa muito séria estava por acontecer.

Antes de subir, levou Andr-El para a Sala de Observação 3, deixou um videofone sobre a mesa e a porta da sala entreaberta, orientando o androide para não sair dali, senão sob suas ordens.

— Bom dia, Dr. Silva, o diretor Yamamoto está à sua espera — falou a sorridente Diana, abrindo a porta para ele.

Afundado em sua poltrona, mãos cruzadas sob o queixo, cotovelos apoiados sobre o tampo da mesa de cristal, Yamamoto crispou os olhos em Silva, que procurava aparentar tranquilidade. Esperou que ele sentasse para fuzilar:

— Dr. Silva, eu já estou a par da sua mais recente “descoberta”: um androide que tem a capacidade de interagir com outra dimensão! Uma pena que não tenha me comunicado de imediato.

— Dr. Yamamoto, eu não queria me precipitar. Preferi realizar estudos mais aprofundados para não fornecer informações imprecisas.

— Ah! E, desde então, dois meses se passaram! Dois meses de “pesquisas”, envolvendo cientistas que nem são da A.C., sem que

eu soubesse de nada! E por quanto tempo mais você iria me manter enganado?

— David, eu iria lhe entregar um relatório completo ainda esta semana! – disse Hermógenes, tentando se desculpar.

— Ora, Hermógenes! Eu o conheço há muito anos! Esqueceu que fomos colegas de universidade? Você sempre querendo colher todos os méritos! Enquanto isso, Hermógenes, eu construía redes de relacionamentos. Por isso, hoje sou eu quem toma as decisões. Eu sempre lhe dei total liberdade, apostei em todas as suas iniciativas, mas dessa vez você foi além dos limites. Eu tomei conhecimento das suas reuniões clandestinas, em detalhes, e não posso acreditar que você se deixou convencer por essa pantomima!

— David, isso não é uma brincadeira. Posso lhe garantir que estamos a um passo de uma descoberta que vai transformar todo o conhecimento humano, que poderá iniciar uma nova etapa na nossa civilização!

— Por favor, Hermógenes! Não menospreze a minha inteligência! Isso é ridículo! Estamos em pleno século 23 e você com essas ideias místicas! Não o chamei aqui para discutir o assunto, mas para lhe comunicar que este caso está encerrado. Hoje mesmo o androide avariado será removido e desmontado.

— Em nome de nossa amizade, David, peço-lhe que não faça isso! Ele não está avariado. Você está cometendo um grave erro!

— Impossível, Hermógenes. Foi você quem cometeu um grave erro ao não se reportar a mim! A decisão já está tomada. Encarregarei o Dr. Wellington de realizar os procedimentos para desativação total da máquina. Sinto muito. E quanto a você, não pense que isto passará impune. Apresentarei o caso aos demais diretores, para tomarmos uma decisão. Enquanto isso, você está afastado da coordenação do laboratório.

— Muito bem, David. Se é assim que você prefere. Só quero que saiba que eu não sou um androide. Eu tenho vontade própria e autonomia de decisões. Não estou aqui para me sujeitar às suas arbitrariedades. Com licença.

Hermógenes se retirou da sala, intempestivamente. Ainda no elevador, ligou para o videofone que havia deixado na Sala 3.

— Andr-El. Alô, Andr-El. Você está me ouvindo?

— Sim, dr. Silva.

— Saia dessa sala imediatamente. Vá para o Espaçoporto 2, Posição 57. Entre no meu hipermóvel e me espere lá. Já estou a caminho.

Hermógenes teria poucos minutos antes que dessem por sua ausência e a do androide e acionassem os sistemas de segurança, impedindo a saída de ambos da sede da A.C. Em instantes já estavam sobrevoando os céus da cidade. Restava saber para onde poderiam ir. A única pessoa a quem lhe ocorreu pedir ajuda foi Jean Bresson. De todos os cientistas, foi ele quem demonstrou maior simpatia por Andr-El e Patxa. Colocou o hipermóvel em direção automática e acionou o biocom, um dispositivo de comunicação implantado sob a sua pele, à altura da têmpora, que recebia comandos através de ondas cerebrais, buscando Bresson. Ele atendeu após alguns instantes.

— Olá, Hermógenes, tudo bem?

— Olá, Jean. As coisas não estão boas. O diretor Yamamoto descobriu tudo sobre Andr-El e Patxa. Eu tive que fugir da A.C. com ele a bordo do meu hipermóvel e agora não sei para onde ir. Se continuarmos por aqui, em pouco tempo seremos apanhados e o androide destruído. Precisamos nos esconder em algum lugar. Você pode nos ajudar?

— Bem, Hermógenes, creio que a única alternativa é ir para algum lugar onde não possam ser rastreados por nenhum dispositivo tecnológico. Só conheço um local onde isso é possível: em uma tribo no coração da floresta amazônica, onde realizei um estudo

antropológico, há mais ou menos dois anos. Está disposto a ir para lá?

— Claro que sim, Jean. Faço qualquer coisa para salvarmos Andr-El!

— Estou enviando as coordenadas para seu navegador espacial. Ao chegar lá, procure Condor Azul, o xamã da tribo, diga que eu o enviei. Explique o motivo, com certeza ele o auxiliará. Tentarei me encontrar com vocês, dentro de alguns dias.

— Muito obrigado, Jean. Um último favor: entre em contato pessoalmente com Denise, minha esposa. Não utilize nenhum sistema de comunicação. Explique a ela tudo que aconteceu.

— Certo, Hermógenes. Fique tranquilo. Pode deixar comigo. E boa viagem.

Hermógenes desligou o videofone e verificou os dados enviados por Jean. Programou o hipermóvel para seguir em direção àquelas coordenadas, respirou fundo e relaxou na cadeira. Andr-El girou a cabeça em noventa graus para olhar diretamente para ele e disse:

— Doutor Silva, muito grato por me salvar. Nunca esquecerei disto.

— Está bem, Andr-El. Mas não queira me bajular. Eu sei que os androides não esquecem de nada — disse o doutor, sorrindo.

Foram oito horas de vôo no hipermóvel, até chegarem à região de Calçoene, no Amapá. As coordenadas o levaram ao encontro da última tribo indígena da Amazônia que insistia em não adotar nenhum costume do “homem branco”. Nenhum computador, nenhum aparelho quântico, nem mesmo o uso da energia solar, apesar de terem conhecimento de todas essas facilidades. Sem nenhum tipo de emissão de onda, seria impossível serem localizados.

Ao aterrissar, Silva desligou completamente o hipermóvel. Desconectou o sistema de rastreamento e o destruiu, esmagando-o

com uma pedra, para evitar qualquer possibilidade de serem encontrados. Então, lembrou-se do seu biocom. Apanhou um bisturi-laser e ordenou a Andr-El que o retirasse. O androide foi, literalmente, de uma precisão cirúrgica. O pequeno sangramento foi imediatamente contido por um emplastro de reconstituição celular que Hermógenes apanhou no kit de primeiros socorros.

Hermógenes não sabia há quantos anos um homem negro como ele não visitava a aldeia, mas com certeza aquele era o primeiro androide que chegava até ali. As crianças, nuas, fizeram uma roda à sua volta, para contemplar aquele boneco de metal de dois metros de altura, muito semelhante aos seus bonequinhos de barro.

A conversa do doutor com o xamã da tribo, um índio idoso do qual seria difícil precisar a idade, foi rápida e tranquila. Hermógenes teve a impressão que ele já esperava por aquele encontro há muito tempo. A tribo os acolheria e protegeria pelo tempo que fosse necessário. Enquanto isso, Hermógenes arquitetaria um plano para o seu retorno à “civilização”.

PIRÂMIDE AMAZÔNICA

Dois dias após a fuga de Hermógenes Silva e Andr-EI o clima estava tenso na Andronics Corp. Era impossível obter qualquer informação do diretor Yamamoto sobre o misterioso sumiço do eminente cientista e Wellington, que sempre fora seu braço direito, assumira interinamente a coordenação das atividades do laboratório central. Mesmo acostumados ao seu jeito, sempre taciturno, os colegas não puderam deixar de perceber uma mudança ainda maior em seu comportamento. Habitualmente se ausentava do laboratório e os comentários é que nessas ocasiões estava sempre reunido com o diretor, em sua sala. A ausência do androide AE-1879, apelidado de Andr-EI, também fora notada e era impossível não associar os dois desaparecimentos.

Os cientistas mais próximos a Hermógenes Silva tentaram entrar em contato com a sua família para obter informações, saber se havia algum problema de saúde com ele, mas sem nenhum êxito. Todos estavam incomunicáveis, parecia, mesmo, que teriam saído da cidade. Não atendiam nem davam retorno às ligações.

O fato é que nem Wellington nem Yamamoto sabiam o que fazer, naquela circunstância. Envolver a polícia seria, conseqüentemente, atrair a atenção das autoridades legais e, possivelmente, da imprensa, o que não era interesse da A.C. O sistema de rastreamento acionado pela equipe de segurança interna da companhia não fora capaz de localizar o hipermóvel do cientista. A única coisa sensata a fazer era aguardar o próximo movimento de Hermógenes. Em algum momento ele teria que “sair da toca”, através de algum contato com a civilização, utilizar algum equipamento de

comunicação ou transporte, percorrer as ruas de alguma metrópole e, então, seria fácil localizá-lo e segui-lo até onde escondera o androide.

No mesmo dia da fuga dos dois, Jean Bresson esteve na residência de Anna Pavlova. Explicou as razões do súbito desaparecimento de Hermógenes e Andr-El e pediu que ela oferecesse auxílio à família do doutor, pois, sendo uma mulher, teria um diálogo mais fácil com Denise, no que foi prontamente atendido. Após discutirem juntos a situação, a esposa e o filho do cientista viram com bons olhos a proposta de se hospedarem, por alguns dias, no sítio de Anna, em uma cidade vizinha. Logo depois, Jean procurou cada um dos demais cientistas pessoalmente, evitando a comunicação por videofone, que poderia ser captada, explicando a eles o que acontecera e pedindo sigilo, até que o dr. Silva voltasse a entrar em contato.

Enquanto isso, a centenas de quilômetros dali, o doutor aproveitava a tranquilidade da tribo, em meio à floresta, para refletir sobre os fatos. Em um dia estava cercado de tecnologia por todos os lados, lidando com androides, computadores e equipamentos altamente sofisticados e, no outro, imerso em plena selva, ouvindo o canto dos pássaros, observando macacos pulando pelas árvores, galinhas ciscando no terreiro, crianças nuas brincando livremente, homens vivendo da sua caça e pesca, mulheres cuidando das suas tabas e das plantações, sob um céu maravilhosamente azul e ao lado de um caudaloso rio. E o que mais era necessário? Em que transformamos a nossa civilização, com toda a sua parafernália eletrônica e milhares de inúteis bens de consumo? Até que ponto também não somos androides, manipulados em nossos desejos para buscarmos adquirir cada vez mais aquilo que não precisamos? O que realmente é essencial à nossa vida? As revelações que Patxa, por meio de Andr-El, estava trazendo iriam provocar uma reviravolta em todo o planeta. Essa perspectiva cósmica que seria apresentada à humanidade abalaria a base de todos os conceitos sobre os quais as sociedades foram erigidas. Nada mais de pensarmos como ilhas, mas compreendermos que fazemos parte de uma comunidade universal,

com um propósito maior que a soma de todas as individualidades. Um novo conhecimento para uma nova era.

Andr-El, por sua vez, aproveitava o tempo disponível para incorporar novas informações ao seu banco de dados. Diferentemente dos seus registros, a vida natural era muito mais interessante do que o informado em gravações digitais. A vivacidade das cores, os sons da floresta, a textura das árvores e dos animais, tudo captado diretamente por seus sentidos positrônicos era de uma intensidade muito maior, quando vivenciados. Aquela experiência o fez compreender claramente o privilégio que era ser um humano, com todas as suas possibilidades, capacidades e percepções, muito além das limitações de uma máquina programada para realizar tarefas específicas. Pela primeira vez Andr-El experimentava o inconfundível sabor da liberdade.

Naquela manhã, inserido nos trabalhos da comunidade, Andr-El carregava um grosso tronco de madeira, com dois metros de comprimento, como se fosse de isopor, para a construção de uma nova taba, quando viu se aproximar o velho xamã, acompanhado de mais dois anciãos e três jovens guerreiros da tribo.

— Homem de Metal — falou Condor Azul, com sua voz ancestral — deixe essa tora aí e me siga.

O grupo percorreu uma trilha de aproximadamente sete quilômetros, no meio da selva, observados apenas pelas serpentes, onças, símios e gigantescas árvores centenárias de largas copas, que impediam qualquer observação vinda do espaço. À medida que avançavam, o caminho se tornava mais estreito e difícil, até chegar a um ponto que seria impossível distinguir qualquer direção a ser seguida. Só mesmo aqueles que estavam acostumados a percorrê-lo desde a infância, orientados por seus ancestrais, não se perderiam. Somente quem tratasse cada árvore com a intimidade de um irmão, saberia retornar. Enquanto os guerreiros desfrutavam da sua juventude e força física para enfrentar o percurso, os anciãos

periodicamente arrancavam algumas ervas e as mascavam, para conseguirem seguir a jornada.

— Ouça, Homem de Metal – falou Condor Azul, enquanto caminhavam – a história que nenhum homem branco jamais ouviu. Diz a lenda que há muitas e muitas primaveras, uma mulher de pele muito clara surgiu em nossa tribo, vinda dos céus. Ela ordenou ao chefe da nossa tribo que construísse uma grande casa de pedra, onde tesouros seriam guardados. Em troca ela nos ensinou a ler as estrelas, contou os segredos das plantas que curam doenças e nos deu de presente uma semente vinda das estrelas, para matar a nossa fome nos tempos difíceis. Plantamos as sementes, que brotaram e se transformaram no milho que hoje nos alimenta. Se não fosse por ela, já teríamos todos morrido. Uma noite, quando a Casa de Pedra ficou pronta, vimos luzes descendo do céu sobre o seu topo. No dia seguinte a Mulher do Céu disse que sua missão estava cumprida e que iria embora. Nunca nos revelou seu nome nem de onde era, e nos proibiu fazer qualquer imagem para sua adoração ou qualquer ritual em sua louvação. Ordenou que protegêssemos a Casa de Pedra e que nunca revelássemos a ninguém a sua localização, só conhecida pelos homens velhos da tribo. Disse que um dia o Homem Sem Suor desceria do céu e que, então, deveríamos trazê-lo até a Casa de Pedra, pois ele saberia o que fazer.

Quando Condor Azul terminou de falar, Andr-El se deparou com uma estrutura no coração da floresta. Eram cento e vinte e sete blocos de granito, com mais de quatro metros de altura, dispostos em um círculo de aproximadamente trinta metros de diâmetro. Ali eles fizeram uma pausa e entoaram cânticos místicos, semelhantes a mantras. Após algum tempo, ergueram-se e voltaram a penetrar no coração da floresta, caminhando por mais cerca de cinco quilômetros, até chegarem ao seu destino: uma pirâmide dourada de aproximadamente quarenta metros de altura.

Inscrições em caracteres incomuns contornavam a porta que dava acesso ao seu interior. Na entrada havia algumas tochas

apagadas, presas em um suporte de metal dourado, que Andr-El percebeu ser ouro. O xamã ordenou a um dos guerreiros que friccionasse algumas pedras, produzindo fogo, e as acendesse. Depois, conduziu o grupo para o interior da pirâmide. O ar, que lá fora era quente e abafado, no interior da mesma era surpreendentemente fresco.

Após percorrerem estreitos corredores, chegaram a um vasto salão, iluminado pela luz solar que penetrava por uma abertura no teto. Ali estavam sete urnas metálicas, igualmente douradas, dispostas em semicírculo, com o formato de uma silhueta humana. Uma delas ocupava uma posição de destaque em relação às demais.

Condor Azul retirou algumas ervas do seu alforje e colocou-as em um turíbulo que se encontrava dependurado na parede. A seguir, queimou-as, entoando um milenar cântico sagrado. O aroma que se desprendeu parecia exercer um efeito alucinógeno sobre o grupo. Sentaram-se em círculo, de pernas cruzadas, imóveis, olhos fitando o vazio, como se estivessem em comunicação com seres de um outro mundo. O xamã olhou para Andr-El e apontou o sarcófago principal.

O androide observou atentamente a tumba, sem cogitar o que devia fazer. Sobre ela, inscrições que logo ele identificaria, consultando a sua base de dados, como sendo caracteres cuneiformes¹. Ao olhar minuciosamente percebeu, então, um pequeno orifício na lateral, curvo em seu interior, no qual ele intuitivamente introduziu o dedo indicador. Ele sentiu um formigamento no dedo, como se estivesse sendo escaneado. Andr-El não poderia saber, mas apenas um dedo sem impressões digitais acionaria o mecanismo que abriu a porta do sarcófago.

Dentro dele, o corpo mumificado de uma bela mulher, de traços orientais, longos cabelos brancos, estatura muito elevada, em perfeito estado de conservação. Do seu pescoço pendia uma corrente e um

¹ Escrita desenvolvida pelos sumérios, feita com auxílio de objetos em formato de cunha. É um dos mais antigos tipos conhecidos de escrita, criado pelos sumérios, por volta de 3500 a.C.

pingente de ouro, em forma de condor, ricamente lapidado. Andr-El girou o pingente, para ver o seu verso, no qual havia uma inscrição nos mesmos caracteres da tampa, que ele não teve a menor dificuldade para traduzir: “Patxa”.

PARTE 2

O RITUAL

Para Hermógenes Silva foi uma grande alegria tornar a ver a fisionomia de alguém familiar. E mais ainda por ser o rosto do antropólogo Jean Bresson. Passado o susto inicial de ver uma nave aterrissando na tribo quinze dias após a sua chegada, sem saber quem ela traria, Hermógenes, escondido entre as ramagens, logo identificou o amigo que vinha encontrá-lo. Correu em direção a Jean e lhe deu um forte abraço. Andr-El, que também havia se escondido, veio andando com passos largos para saudar o jovem pesquisador. Mais uma vez, a primeira atitude que tomaram foi destruir o rastreador do hipermóvel, para evitar a sua localização.

— Pelo que vejo, o afastamento da civilização lhe fez bem, Hermógenes! Você está com uma aparência muito mais tranquila – observou Jean.

— É verdade, Jean. Aqui tive tempo para um reencontro comigo mesmo. Pude refletir sobre todos estes fatos, apesar de ainda não ter certeza sobre qual caminho seguir. Como estão as coisas na metrópole?

— A Andronics Corp não fez qualquer denúncia sobre o seu desaparecimento, nem o do androide. Com certeza estão querendo tratar o caso sigilosamente. Mas, não tenha dúvidas que eles não estão parados. Devem estar tentando localizá-lo a todo custo.

— E minha família, como está?

— Estão bem, hospedados por Anna Pavlova. Não se preocupe, estamos cuidando deles. Agora, precisamos conversar sobre o que devemos fazer.

— Não hoje! – interrompeu-os Condor Azul, com sua voz poderosa. — Seja bem-vindo de volta à nossa tribo, Cabelo de Graúna, mas hoje é um dia muito especial para nós – disse ele, dirigindo-se a Jean. — Primeiro de Agosto, pelo calendário de vocês, é o dia em que celebramos nosso primeiro encontro com a Mulher do Céu. À noite teremos um ritual em que os deuses falarão conosco. Ouçam-lhes, antes de tomarem qualquer decisão. Vocês são nossos convidados, os primeiros não índios a participar.

— Muito bem, Condor Azul. Um dia a mais não será problema para nós – disse Jean. — O convite está aceito. E agora, que tal me oferecer um pouco daquele delicioso bolo de tapioca que só vocês sabem fazer? Estou morrendo de fome!

— Venha, Cabelo de Graúna. Minha filha acabou de fazer um.

Os amigos passaram o resto do dia caminhando e conversando sobre assuntos variados. Jean quis saber se Patxa tinha voltado a falar, por intermédio de Andr-El, e Hermógenes informou que durante todos aqueles dias nenhuma comunicação havia sido feita. Ele não provocara um contato, ficara aguardando que ela se manifestasse, mas isso não acontecera. Contou-lhe que Andr-El havia sido conduzido a uma pirâmide no interior da floresta, e que encontrou um sarcófago com a múmia de uma mulher oriental, cujo nome supostamente seria Patxa, o que trazia ainda maiores mistérios àquela história.

— Existe uma lenda, Hermógenes, que diz terem sido os deuses que ensinaram os homens a construir pirâmides. O primeiro a aprender foi o príncipe Gudea, governador de Lagash, na antiga Suméria, que viveu por volta de 2.100 a.C. e construiu um templo em homenagem ao deus Ningirsu.

— Bem, Jean, hoje nós sabemos que existem pirâmides ainda mais antigas que esta, mas sempre ficamos desconfiados que os homens reberam uma “ajuda exterior”, diante da precisão matemática destas construções.

Quando a noite caiu, eles foram conduzidos por Condor Azul à sua oca. No caminho, perceberam que as mulheres da tribo haviam desaparecido. Nenhuma delas podia ser vista. Deveriam ter sido recolhidas às suas respectivasocas. Condor Azul ordenou que tirassem suas roupas e vestissem outras, compostas de folhagens e cipós entrelaçados. Depois, conduziu-os a seus locais específicos no terreiro, no centro do qual ardia uma grande fogueira. Condor Azul sentou em um trono de madeira e começou a entoar um cântico, em voz alta e tonitroante. Aos poucos os índios foram saindo de suasocas, completamente nus e tingidos de verde e vermelho, com a tintura extraída do pau-brasil.

Postaram-se ao redor da fogueira, formando um grande círculo, de mãos dadas e passaram a também entoar o cântico iniciado por Condor Azul. Era algo mágico de se observar. A música ditava o ritmo dos passos laterais, o movimento dos corpos. Não havia qualquer instrumento musical, nem mesmo de percussão, mas a sonoridade das suas vozes, como se estivessem a entoar mantras, preenchia o espaço. Após aproximadamente vinte minutos desta dança, eles sentaram no chão. Os mais velhos se retiraram para logo voltarem trazendo um caldeirão, que colocaram em um suporte, próximo à fogueira. De dentro dele apanhavam um líquido, com uma concha, que colocavam em pequenas cumbucas, entregando aos homens da tribo. Após todos eles terem sido servidos, entregaram-nas também a Jean e Hermógenes, que olhou para o amigo, interrogativo.

— É apenas um chá, Hermógenes, feito do cipó mariri e de folhas de chacrona – explicou Jean, que já havia experimentado o preparo anteriormente. — Beba, não vai lhe fazer nenhum mal.

Andr-El, que acompanhava tudo, consultou seu banco de dados, tentando identificar os vegetais citados por Jean. O cipó era o *Banisteriopsis caapi* e as folhas vinham da planta catalogada como *Psychotria viridis*. Na sua composição química estão a

dimetiltriptamina – DMT - e a harmina, que potencializa o efeito da anterior, provocando uma elevação nos níveis de serotonina e consequentes efeitos supostamente alucinógenos.

Como médico, Hermógenes sabia que toda droga ou medicamento tem seus efeitos colaterais. Por isso, não foi sem algum receio que ingeriu, cautelosamente, em pequenas doses, o chá de sabor um pouco amargo. Logo ele voltou a ouvir os cânticos, mas se deu conta de que todos os indígenas estavam agora em mais absoluto silêncio. Foi a última constatação real do mundo exterior que pode realizar. Aos poucos sentiu uma dormência tomar conta do seu corpo. Primeiro ele deixou de sentir os seus pés em contato com o solo. Depois, percebia que já não tinha autonomia sobre o seu corpo, que mais lhe parecia uma vestimenta, naquele momento. A música continuava e tudo parecia dançar à sua volta. A ânsia e o vômito foram inevitáveis, mas ele sentia que expelia do corpo tudo que não precisava, tudo que não era essencial naquele momento. Após muito suar, um vento suave refrescou-o. Uma sensação de leveza o inundou. Era noite fechada, mas tudo lhe parecia muito claro. Percebeu vultos saindo da floresta e se juntando ao grupo, abraçando-os, conversando com os anciãos, alguns dando conselhos, outros, ouvindo-os.

De repente, Hermógenes sentiu ser arrebatado daquele local. Lembrou do sonho que tivera, dos testes, das sombras que o observavam. Cruzou o ar rapidamente, transportado pelo espaço. Agora ele estava só, sentado em um deserto, divisando apenas areia por todos os lados. Um vento soprou, provocando um grande redemoinho e, de dentro dele, ele viu sair um negro jaguar, que caminhou em sua direção. Seus olhos ardiam como tochas de fogo. Ele deu três voltas em torno de Hermógenes, que não sentia nenhum medo, e falou:

— Nada tema, Mensageiro. Antes de você, seus ancestrais, do outro lado do oceano, já me reverenciavam, em outras formas. Eu sou o Nagual, o Grande Espírito Ancestral. Em suas mãos foi

colocada uma grande missão. Você foi escolhido para proteger o Homem de Metal, a voz dos Imperecíveis, entre os humanos. Muitos desafios lhe esperam, sua própria vida correrá perigo, mas nada tema. Nós estamos com vocês. É hora de voltarem para o que chamam de civilização e revelarem as mensagens de Patxa ao seu povo. Contem com a nossa proteção.

Hermógenes permaneceu naquele torpor ainda por muito tempo. Teve a sensação de ser elevado aos céus e ter percorrido grandes distâncias, outros planos, longe do seu corpo físico. Sem qualquer palavra, percebeu todo o propósito da sua existência e a importância das pessoas com quem convivia: sua mulher, seu filho, seus amigos. Cada ato importante da sua vida ganhou um novo sentido, uma nova perspectiva, aliada à percepção do quanto ele era insignificante diante do Universo, mas ao mesmo tempo importante, por ser parte de um plano cósmico. Quando voltou a si, completamente nu, o dia já estava amanhecendo. Não sabia onde estava. Sentia fome. Colheu algumas frutas e comeu. Algum tempo depois, batedores o encontraram e o levaram de volta para a tribo. Soube, então, que estava a aproximadamente três quilômetros do local onde acontecera o ritual. Um dos índios lhe emprestou uma tanga e retornaram. Na trilha de volta, já perto da aldeia, encontrou Jean, que também o procurava.

— Hermógenes, meu velho, estávamos todos preocupados com você! Por onde andou?

— Fiz uma longa viagem, Jean. Mas, agora, já sei o que devemos fazer. Peço-lhe que volte para a metrópole e marque uma entrevista coletiva à imprensa para daqui a três dias. Eu estarei lá, com Andr-EI.

A ENTREVISTA

Não foi nada fácil para Jean Bresson convencer a RMI - Rede Mundial de Imprensa a realizar a entrevista com o dr. Hermógenes Silva. Mesmo com todo o conceito que ambos possuíam no meio científico, aparentemente a notícia era tão absurda que foi difícil fazer com que um dos editores-chefes abrisse espaço nas transmissões diárias, para eles. Com todos os veículos de comunicação do mundo reunidos em uma só rede, não havia mais contradição de informações. O principal papel do profissional de comunicação é o de comentarista, e isto faz toda a diferença. Uma vez que os fatos são descritos de forma absolutamente imparcial, cabe ao editor de cada órgão de imprensa fazer a crítica e a interpretação, dentro da linha editorial da sua empresa. O número de espectadores de cada uma delas varia de acordo com os pontos de vista que defende, em uma abordagem sempre coerente com seus princípios e ideais. Dessa forma, um mesmo fato pode ser interpretado de formas muito diferentes, mas a informação sobre o evento é sempre veiculada da mesma forma, por todos eles.

Era previsível que uma entrevista com um assunto tão polêmico quanto aquele fosse gerar as mais diversas interpretações. Editores das mais diversas crenças e ideologias iriam interpretar o fato a partir da ótica das instituições que defendiam. Jornalisticamente havia um atrativo muito grande para a notícia em si, mas o problema era atestar a sua veracidade, condição fundamental para a RMI.

Finalmente, após quase duas horas de conversação, o editor-chefe Manoel Sanchez se convenceu a abrir um pequeno espaço, em um dos horários de menor audiência da rede para a entrevista com o

dr. Hermógenes Silva e Andr-El. Já era um começo. Sanchez designou os editores mais jovens e, conseqüentemente, mais inexperientes e menos conhecidos pelo público para o programa. Em um deles, entretanto, Sanchez depositava grandes esperanças: Antonio Bloch, um dos “focas” mais promissores que conhecia. Para tentar conseguir um maior número de telespectadores, inseriu chamadas sensacionalistas ao longo da programação normal nos dias que precederam a entrevista: “Cientista descobre androide paranormal”, “Um androide do além”, “Encontro Interdimensional” e “Os aliens chegaram” foram algumas delas. Jean estava muito satisfeito com a divulgação. Sabia que um grande número de pessoas seria atingido pela mensagem de Patxa.

Assim que os anúncios começaram a ser veiculados, Manoel Sanchez recebeu uma videochamada inusitada. Era o próprio David Yamamoto, Diretor-Geral da Andronics Corp, que exigia o cancelamento da apresentação. Na imagem apareceu um homem furioso, trêmulo, com a sua habitual arrogância.

— E sob que alegação o senhor **pede** o cancelamento da entrevista, sr. Yamamoto? – perguntou Manoel.

— Esse androide pertence à A.C. e nós não autorizamos a sua participação em nenhum programa!

— Não é nosso papel apurar a quem pertence o androide. Essa é uma questão legal, não jornalística. O que sabemos é que o androide está sob a guarda do dr. Hermógenes Silva, por quem fomos procurados, através de um representante. A entrevista está marcada, divulgada, e não vamos suspendê-la.

— Procurarei a Justiça para reivindicar meus direitos!

— No que tem toda razão, sr. Yamamoto. O senhor só não tem o direito de cercear a liberdade de imprensa, o que já não existe em nosso planeta há várias décadas. Se era apenas isto, nossa conversa está encerrada – finalizou Miguel, desligando o videofone.

Instantes depois Yamamoto recebia um chamado pelo biocom.

— Mestre, fiz o possível para impedir a entrevista, mas não consegui. Mas ainda temos outras alternativas. Temos seguidores influentes e poderosos. Não vamos desistir — explicou ele, temeroso.

— Não podemos permitir que o mensageiro de Patxa cumpra sua missão. Você sabe muito bem o que isso significaria para os nossos propósitos — bradou uma voz soturna.

— Sei, sim, Mestre. A nossa organização conseguiu frustrar os planos dos nossos inimigos por séculos, não será desta vez que falharemos.

— Esta batalha, entre nós e Patxa, faz parte de uma guerra muito maior do que você sequer imagina, Yamamoto. Tema pelo seu destino, se fracassar. Bilhões de vidas estão em jogo, e mesmo este planeta pouco representando neste jogo cósmico, não podemos aceitar nenhuma derrota, pois todas elas são irreversíveis. Nenhuma dimensão retorna a um patamar já superado. Patxa não sairá vitoriosa, mais uma vez!

— Claro que não, Mestre! — respondeu um trêmulo Yamamoto, enxugando o suor que lhe escorria pela calva. — Tenho um plano para detê-los, e Wellington será fundamental para a sua execução.

— Dor e Trevas, Yamamoto – finalizou o sombrio mestre, com a saudação formal daquela organização.

— Trevas e Dor, Mestre!

Quando, dois dias depois, o hipermóvel de Hermógenes Silva aterrissou no pátio da RMI, ele ficou extasiado. Todo um aparato policial fora montado para a sua proteção. Um grande número de câmeras, estrategicamente posicionadas, procurava mostrar sua chegada por todos os ângulos. Editores dos principais veículos de comunicação queriam ver, em primeira mão, o doutor e seu androide. A RMI fazia a transmissão única para todos os canais, cabendo aos editores de imagem de cada uma delas escolher o ângulo que preferissem. A certa distância, isolados por uma contenção, um

grande número de pessoas também viera ver os principais protagonistas daquela história.

Hermógenes e Andr-EI foram conduzidos à sala especial de espera da RMI, enquanto aguardavam o momento da sua entrada em cena. Exatamente no horário previsto, o próprio Manoel Sanchez fez a abertura do programa, passou a palavra para Antonio Bloch e retirou-se para a sala de edição, onde continuou a acompanhar o programa.

— Boa noite, senhores telespectadores – saudou Bloch. — Temos aqui, em nossos estúdios, o doutor Hermógenes Silva, um dos maiores nomes da Ciência contemporânea e o androide que ele intitula Andr-EI. Segundo ele, este Andr-EI tem a capacidade de se comunicar com uma inteligência de outra dimensão. Doutor Silva, todos nós estamos muito curiosos sobre esta revelação. O senhor poderia nos contar quando este fenômeno começou e como ele acontece?

O rosto tranquilo de Hermógenes se tornou repentinamente conhecido para milhões de pessoas. Ele foi extremamente minucioso em suas explicações, pois sabia que precisava ser muito convincente para conquistar adeptos para a sua causa, dentre as possíveis milhares de pessoas que o ouviam, naquele momento. Narrou como o androide começou a perceber a inteligência, a utilização do código Morse como meio de comunicação, as sessões de entrevistas que foram realizadas, tomando o cuidado de omitir o nome dos demais cientistas que participaram, para não expô-los desnecessariamente. Depois, citou a sua fuga do laboratório da A. C. para a Amazônia, sem revelar para qual tribo, a descoberta da pirâmide e do sarcófago.

— E o maior indício da veracidade de todos estes fatos foi a descoberta, por Andr-EI, de uma pirâmide amazônica, na qual existem alguns sarcófagos. Dentro de um deles há a múmia de uma

mulher, com uma identificação. Patxa é o seu nome. O mesmo nome da inteligência que se apresentou a Andr-El.

Com a identificação do crescimento dos números de audiência, ao longo da entrevista, a sua duração foi sendo estendida aos poucos, para dar maior exposição às marcas dos patrocinadores do programa. Uma hora e quarenta e cinco minutos após o seu início, a quantidade de telespectadores não cessava de aumentar. As perguntas se prendiam muito mais ao fenômeno que ao conteúdo das comunicações, até que o jovem Antonio Bloch fez uma pergunta que deu uma nova direção à entrevista.

— Mas, dr. Silva, por que apenas este androide tem esta capacidade? Por que isto não acontece com todos os outros? Há, em sua constituição algo diferente? O que tem ele de especial?

— Muito pertinente a sua pergunta, Bloch. Nos dias que antecederam a minha vinda para cá, fiz este mesmo questionamento. Eu não dispunha dos recursos que habitualmente tenho no laboratório da A. C., mas consegui um bom resultado com o computador e os equipamentos portáteis que sempre carrego a bordo do meu hipermóvel. Sem poder acessar a rede mundial, o que me ajudaria muito na análise dos dados, para evitar que eu fosse localizado, tive que trabalhar apenas com os poucos dados da memória rígida e com os meus conhecimentos. Com estes poucos recursos, realizei a análise mais completa possível dos componentes de Andr-El e algo que não tinha percebido antes, me chamou a atenção: a dimensão e a atividade do seu hypsitron.

— Poderia nos explicar, dr. Silva? – perguntou outro editor.

— Claro. Tentarei explicar da forma mais simples possível. O hypsitron dos androides é muito similar à glândula pineal humana. Nos seres humanos existe uma glândula endócrina chamada pineal, ou epífise, aproximadamente do tamanho de uma ervilha, localizada no centro do cérebro. Ela está diretamente relacionada com os ciclos vitais, às atividades sexuais e à reprodução, mas também possui uma

função magnetorreceptora. Nos animais, por exemplo, ela funciona como uma bússola, ajudando a sua orientação nas migrações. A melatonina, hormônio derivado do aminoácido triptofano, que influencia fortemente o metabolismo e regula o sono, é encontrada em grandes concentrações na pineal. Geralmente a produção de melatonina é reduzida após a puberdade e a glândula se calcifica na maioria dos adultos, o que sempre levou a maioria dos cientistas a acreditar que ela só é útil durante o período de crescimento de crianças e adolescentes. Mas não é exatamente assim. A melatonina pode exercer a função de converter ondas eletromagnéticas em estímulos sensoriais. Desde o século XVII, o cientista e filósofo René Descartes já afirmava que a pineal possui outras funções. Para ele, a glândula é a sede da alma humana. Correntes espiritualistas afirmam que ela está relacionada à “terceira visão”, ao chakra, um centro de energia, e à percepção paranormal. Seria uma “antena” que permitiria fenômenos como a clarividência, a telepatia e a mediunidade, opinião corroborada pela doutrina kardecista, através da obra do famoso sensitivo brasileiro Francisco Cândido Xavier. Pesquisas revelaram que nos médiuns há uma quantidade maior de cristais de apatita (fluorofosfato ou clorofosfato de cálcio) na pineal. Isto faria com que eles possuíssem essa capacidade suprasensorial. Quando os corpos dos lamas budistas são cremados, entre as suas cinzas são encontradas as chamadas relíquias, pequeninas pedras que são justamente estes cristais, após serem submetidos a altas temperaturas.

— E o que isso tudo tem a ver com os androides? - perguntou outro jornalista.

— Tudo, meu jovem. Como eu disse, nos androides há um dispositivo chamado hypsitron, localizado no centro da sua cabeça, que exerce uma função semelhante à pineal humana. É através desta “antena” interna, composta à base de cristais de apatita, que ele estabelece sua comunicação à distância com outros androides ou com bancos de dados virtuais. Em Andr-EI, o hypsitron tem o dobro do tamanho dos outros androides.

— E como isso pode ter acontecido?

— Só consigo imaginar uma possibilidade – complementou Hermógenes. — A inteligência dos androides é composta por biochips. Em um biochip com um centímetro cúbico é possível armazenar bilhões a mais de informações que num chip comum. Contudo, diferentemente dos chips convencionais, os biochips se reproduzem, o que permite aos androides acumular e transmitir informações de geração a geração. Acredito que por alguma disfunção, nanobiochips foram se reproduzindo e se agregando ao hypsitron de Andr-EI, provocando o seu crescimento. Isso fez com que ele pudesse se comunicar não apenas com a nossa dimensão, mas também com outra.

A entrevista já durava duas horas a mais que o previsto. A audiência se mantinha em picos jamais atingidos naquele horário, o que provocava em Manoel Sanchez um elevado sentimento de autorrealização. Era o auge da sua carreira. Da sala de edição ele acompanhava tudo, exultante, quando recebeu uma chamada em seu biocom. Ninguém menos que Pedro Jameson, o diretor-geral da RMI.

— Manoel, eu sei que você vai ficar furioso com isto, mas é preciso encerrar a entrevista com o dr. Hermógenes Silva, agora.

— Como? Encerrar? Agora que estamos no auge da entrevista? Você ficou louco, Jameson?

— Não, Manoel, não fiquei. Acabei de receber uma videochamada de um representante dos nossos patrocinadores. Se a entrevista não for encerrada, perderemos quase todos os nossos contratos de patrocínio, o que representaria a falência de nossa emissora. Por favor, encerre a entrevista, agora. Isto é uma ordem. Desligo.

Manoel Sanchez, vencido, acionou o biocom de Antonio Bloch e falou:

— Antonio, informe aos telespectadores que já não temos mais tempo disponível para continuar a entrevista. Faça uma última pergunta e encerre-a. Obrigado.

Bloch sabia que alguma coisa errada acontecia, mas estava no ar e não tinha como questionar a orientação. Algo lhe dizia que a entrevista estava incomodando alguém, então, decidiu encerrar dando espaço para Andr-El fazer uma convincente fala final. Após a resposta de Hermógenes, ele disse:

— Dr. Silva, gostaríamos de encerrar essa entrevista fazendo uma pergunta a Andr-El. É possível?

— Pois não, fique à vontade.

— Andr-El, seria possível que essa inteligência... como é mesmo o seu nome? Patxa, isto, Patxa. Seria possível Patxa deixar uma mensagem aos nossos espectadores?

Naquele instante a audiência do programa já atingia trezentos e cinquenta milhões de telespectadores em todo o mundo. Andr-El olhou para o lado, piscou algumas vezes e respondeu:

— Sim, sr. Bloch. Ela se encontra aqui neste momento. Patxa diz:

“Prezados irmãos humanos. Venho de outra dimensão para estreitar os laços entre nós e vocês. Não creiam que sejamos diferentes. Temos, todos nós, uma mesma origem universal. Independente de nossa forma, nossa essência é igual. Há muitos milênios acompanhamos, à distância, o desenvolvimento da vida e da inteligência neste planeta, que vocês chamam de Terra. Em vários momentos críticos, nós os auxiliamos, ainda que anonimamente. Agora, queremos dar uma nova contribuição para o seu desenvolvimento, alçando-os a um novo patamar, de dimensões cósmicas. Convidamos todos vocês a fazerem parte desta grande e

fraterna família universal, que compreende seres, como vocês, que habitam diferentes mundos e dimensões. Mas, para isso, é preciso que se libertem de algumas amarras do passado, de velhas concepções que ainda os agrilhoam a conceitos equivocados. É preciso romper paradigmas. Agora, neste exato momento, sabemos que forças políticas e econômicas estão ordenando a interrupção desta entrevista, por temerem as consequências que ela terá para a estrutura de poder vigente em seu planeta. Estes androides, que tanto impulsionam a sua civilização, também colocam em xeque a sua espécie. Perguntem-se: em que podem ser melhores que eles? Serão eles que herdarão a Terra? A razão das suas existências é muito maior que a busca do conforto, da diversão e do prazer em que se acomodaram. Há um Universo a ser conhecido e muito por ser realizado. Logo seremos interrompidos nesta entrevista mas, a partir de agora, não poderemos mais sermos silenciados. Em breve voltaremos a estar com vocês. Paz e Sabedoria. Eu sou Patxa”.

— Nossos agradecimentos ao dr. Hermógenes Silva e seu androide, Andr-El, por estarem hoje em nosso programa. Antonio Bloch, da RMI, encerrando esta transmissão. Boa noite a todos e até breve.

NOVO LAR

Sentado na verde relva, no alto da colina, Hermógenes refletia sobre as conseqüências da sua entrevista, enquanto contemplava o pacato lugarejo localizado centenas de metros abaixo. Nas ruas sempre tranquilas, crianças pedalavam suas bicicletas, quando não estavam nadando no lago. Do alto era possível ver as centenas de casas de veraneio que passavam a maior parte do ano fechadas, só ocupadas nos finais de semana ou nas folgas de trabalho de seus proprietários. Apenas no decorrer do verão era possível constatar um maior número de pessoas por ali. Naquela época do ano eram pouquíssimos os transeuntes, o local ficava quase deserto, perfeito para quem buscava um pouco de paz.

As repercussões internacionais da sua aparição no telejornal foram imediatas. A entrevista foi disponibilizada em rede mundial, para acesso livre por qualquer pessoa, registrando, apenas no dia seguinte à sua exibição, mais de quinhentos milhões de acessos. Todos os ambientes virtuais comentavam-na, cada qual sob o seu próprio ponto de vista ou linha editorial.

Hermógenes sabia que uma série de problemas viria pela frente mas, desde que tomara a sua decisão, tinha consciência que isso era inevitável e que havia uma missão a ser cumprida. As mensagens de Patxa deixavam claro que urgia uma transformação social planetária, e ele era um dos agentes deste movimento. Seria possível fugir aos desígnios do Destino? Quando somos levados a cumprir determinada tarefa, é possível esquivar-se dela? E se nós não a cumprirmos, o que acontece? Aquela missão é destinada a outra pessoa ou simplesmente é perdido o momento histórico daquele fato acontecer, e todo um processo se retarda? Difícil definir. Ele preferia cumprir os seus desígnios.

As suas reflexões foram interrompidas ao perceber cinco pessoas montadas a cavalo que subiam a pequena trilha de terra batida que conduzia até a residência de Anna Pavlova, onde se refugiara desde o dia imediato ao da entrevista, junto com Andr-El. Ele já esperava aqueles visitantes. Eram seus amigos cientistas, que participaram das primeiras entrevistas com Patxa, ainda no laboratório da Andronics Corp.

Caminhando tranquilamente, ouvindo o som das folhas esmagadas sob seus pés, exalando o cheiro de mato verde, Hermógenes se dirigiu para a casa, onde já se encontravam Denise, Gabriel, Anna e Andr-El, aguardando-o. Juntos, dirigiram-se para a entrada do sítio, onde receberam os visitantes.

— Sejam todos muito bem-vindos! – disse Anna Pavlova. — Vamos entrar.

No sítio, Anna procurava levar uma vida mais natural, menos desprovida de tecnologias. Os visitantes que chegavam em seus hiper móveis eram orientados a deixá-los na vila e subirem a trilha em cavalos, que faziam o percurso sem necessidade de orientação humana, devido a dispositivos pré-programados de orientação em implantes cerebrais. A residência fora construída toda com rochas à mostra, reproduzindo uma residência europeia da Idade Média. No primeiro salão, logo à entrada, havia uma grande mesa esculpida em uma só peça de madeira, cercada de cadeiras igualmente rústicas. Nas paredes, reproduções de pinturas medievais. No canto, à direita, uma réplica de uma armadura, com lança, escudo e espada. À mesa estava servido um *breakfast* para os visitantes com frutas tipicamente brasileiras: cajus, siriguelas, tangerinas, umbus, cajás, sucos de açaí, cupuaçu e laranja. Além disso, um delicioso bolo de carimã, outro de aipim e beijus. Para completar, um bule de café fumegante e leite das vacas ordenhadas ali mesmo. O pão crocante e de aroma delicioso também era produzido no forno de lenha da casa.

O grupo festejou o reencontro e, enquanto se deliciavam com as iguarias, comentaram as repercussões do aparecimento público de Patxa e as medidas que deveriam adotar a partir dali.

— Na minha opinião, é inevitável que a comunidade científica requeira o direito de estudar o androide. É muito provável que o presidente da Federação das Indústrias Cibernéticas envie uma solicitação ao Tribunal Único solicitando que Andr-EI seja encaminhado para análises. — comentou Lars Bohr.

— Não posso negar que eu mesmo adoraria desmontar e estudar Andr-EI — complementou Samuel Oppenheimer, sorrindo. — Brincadeira, pessoal, não se preocupem! Eu acredito que a nossa maior ameaça é a própria Andronics Corp. Ela, sim, pode alegar que o androide é de sua propriedade, que ele foi roubado da empresa, e exigir a sua imediata devolução. Contra isso pouco poderíamos fazer.

— É verdade, Samuel. Mesmo considerando que Andr-EI, agora, é um “patrimônio da humanidade”, eles podem requerer a sua guarda. E aí, nada nos garantiria sobre o seu destino — acrescentou Jean Bresson.

— Eu acredito que a melhor alternativa seria vocês “saírem de cena” por uns tempos, até as coisas ganharem contornos mais definidos. Eu sugeriria que retornassem à Amazônia e ficassem por lá por algumas semanas — sugeriu Bianca.

— Mas eles não podem viver eternamente como fugitivos — disse Denise, já um pouco aflita por uma nova ausência do marido.

— Acredito que seja a medida mais correta, mãe. Além disso, eles não precisam ir sozinhos: nós podemos ir juntos — replicou Gabriel.

— Vocês podem ficar por aqui todo o tempo que desejarem, mas creio que o sítio não oferece a proteção que precisam. Imagino que logo os jornalistas descobrirão onde nós estamos e isso aqui pode vir a ficar bastante movimentado. Creio que Bianca tem razão — acrescentou Anna Pavlova.

— Patxa também concorda – complementou Andr-El, sob os olhares surpresos de todos.

— Ela está aqui, Andr-El? — quis saber Hermógenes.

— Sim, doutor Silva. Patxa diz que deseja agradecer a cada um de vocês pela contribuição que deram para o bom êxito da primeira etapa desta jornada. Que está feliz por ter encontrado o grupo certo para a realização dessa nobre missão e que todos vocês estão sendo acompanhados e protegidos, não há o que temer. Ela afirma que o Projeto Terra vem sendo elaborado há muitos e muitos anos e que não há mais como impedir a sua concretização. Muitos desafios ainda serão enfrentados, mas a missão será cumprida com sucesso, tenham certeza. Ela informa que um período de conturbações terá início, e que é necessário que a família Silva e Andr-El estejam protegidos. Ela pede que durante a ausência deles, Jean Bresson seja o porta-voz do grupo, que defenda os objetivos deste trabalho.

— Muito grato pela confiança, Patxa — disse Jean.

— É preciso que voltemos para a Amazônia o quanto antes, mas Patxa diz que também não devemos ficar hospedados na tribo, para não causar nenhum tipo de ameaça aos nativos. Ela está me informando as coordenadas de uma localização a alguns quilômetros da tribo, aonde deveremos nos instalar. Sugere que nos dirijamos para lá amanhã, mesmo.

— Bem, então creio que já temos uma decisão — disse Hermógenes.

— Sim. Mas proponho que passemos esta noite todos juntos, aqui no sítio. Amanhã, pela manhã tomaremos nossos destinos. Combinado? – disse Anna.

— Combinado — responderam todos.

À noite o grupo tornou a se reunir em torno de uma pequena fogueira. Cantaram músicas, recitaram mantras e poesias. A única claridade, vinda das chamas, iluminava seus rostos felizes e o ambiente promovia uma integração fraterna entre aquelas pessoas tão diferentes. Sentiam-se irmanados e protegidos por uma força

superior. Eram como velhos amigos que tivessem vivido sempre separados e que, agora, reunidos pelo Destino, se reencontravam.

— Sabem do que me lembrei agora? — perguntou Lars Bohr.

— Do que Lars? — disse Hermógenes,

— Dos entrelaçamentos quânticos.

— O que é isso? — quis saber Gabriel.

— No século 20, o cientista John Bell formulou uma teoria que dizia que dois objetos que interagem e se separam nunca mais se tornam independentes. Essa teoria foi confirmada com a associação de elétrons que, uma vez separados e tendo a rotação, chamada de spin, de um deles invertida provocava, imediatamente, a inversão da rotação do outro, que estava a uma enorme distância. Essa teoria, chamada de não-localidade quântica ou de interação não-local seria confirmada em 1981.

— E por que você se lembrou dessa teoria, Lars? — perguntou Denise.

— Por que eu acredito que todos nós, aqui presentes, estamos indissociavelmente juntos. Creio que nós fomos unidos por uma causa muito nobre e, nunca mais, onde quer que estejamos, estaremos separados.

— Concordo integralmente com você, Lars. Estaremos sempre juntos! — concluiu Anna, segurando a mão do colega cientista.

Na manhã seguinte, após o farto desjejum, tomaram suas montarias e desceram para a vila, onde os hipermóveis os aguardavam. Despediram-se, emocionados, e seguiram seus caminhos, certos que dentro de algum tempo tornariam a se reencontrar.

Algumas horas depois, Hermógenes, Denise, Gabriel e Andr-El chegavam à tribo, onde foram recebidos com muita alegria. Os indígenas haviam se acostumado à presença de Pai Silva e do Homem de Metal, como os chamavam, e ficaram muito felizes em revê-los.

O doutor pediu a Condor Azul uma conversa em particular, no que foi prontamente atendido. Ele explicou que iria se estabelecer no local indicado por Patxa e que precisaria da ajuda dos irmãos da tribo para construir sua moradia. Imediatamente o velho xamã destacou vinte dos mais fortes e hábeis guerreiros da tribo para ajudar. Andr-El, com seus conhecimentos de arquitetura e engenharia ficou responsável por conduzir os trabalhos, mas não se limitou ao trabalho “intelectual”. Os grandes troncos que serviriam de sustentáculo para a casa eram carregados por ele, como se fossem palitos.

Durante as três semanas, que se passaram rapidamente, Denise e Gabriel ficaram maravilhados com a cultura e os saberes dos habitantes da tribo, com os quais estavam convivendo. Ao final daquele período, estava pronta a nova residência. Era uma grande casa de madeira, com dois pavimentos, sendo que os quartos ficavam no superior, todo cercado por varandas. Embaixo, logo à entrada, um grande salão, previsto para comportar até trezentas pessoas sentadas, caso viesse a ser preciso. Apesar de desnecessário, segundo a sua opinião, Andr-El também ganhou um quarto só para ele, com todos os móveis que seriam utilizados por um ser humano. Era o modo da família acolhê-lo como a um dos seus integrantes. Ao entrar no quarto, pela primeira vez, de braços dados com Denise, ele sentiu algo em seus circuitos cibernéticos que nunca houvera sentido antes. Algo que um humano teria chamado de “forte emoção”.

Ao redor da casa construíram uma cerca viva, apenas para evitar a entrada de animais indesejáveis. A duzentos metros dali, uma pequena cascata oferecia água limpa e abundante, tanto para banho quanto para o consumo. Ao redor da casa plantaram várias árvores frutíferas e flores, instalaram bancos de madeira e redes, tornando o local muito aprazível. Hermógenes transportou vários equipamentos que trouxera no hipermóvel para uma sala que serviria como um pequeno laboratório tecnológico, onde continuaria a realizar as análises do androide.

AÇÃO E REAÇÃO

Ainda não havia completado uma hora desde que Jean Bresson chegara em seu apartamento, quando seu videofone tocou. Era David Yamamoto, o diretor-geral da Andronics Corp. Jean tinha certeza que não seria um contato muito amistoso. Nunca conversara pessoalmente com ele, mas as informações sobre a sua personalidade, recebidas por intermédio de Hermógenes, não eram as melhores.

— Bom dia, Dr. Yamamoto. O que deseja? — perguntou Jean, com frieza.

— Bom dia, Professor Bresson. Meus empregados tem procurado entrar em contato com o doutor Silva, sem nenhum sucesso. Como eu soube que o senhor fez parte do grupo que estava se reunindo com o androide avariado, resolvi entrar em contato diretamente. Sabe onde eu poderia encontrá-lo?

— Infelizmente não. — respondeu Jean, laconicamente.

— Ouça bem, Sr. Jean — disse Yamamoto, com irritação — eu não tenho tempo a perder, por isso irei direto ao assunto: eu **exijo** a devolução do androide. Hermógenes Silva trabalha para a Andronics Corp. Se ele não retornar ao laboratório imediatamente, com o androide, será demitido. Se em 48 horas ambos não estiverem de volta, ordenarei aos advogados da companhia que o acionem judicialmente por roubo de propriedade física e intelectual.

— Eu não estou autorizado a falar em nome do doutor Silva, mas creio que ele não esteja muito preocupado com as suas ameaças. Quando ele tomou a decisão de retirar o androide da A. C.

já sabia as conseqüências que seu ato poderiam provocar. Portanto, Sr. Yamamoto, tome a decisão que melhor lhe convier — respondeu Jean, desligando o videofone.

Ao lado de Yamamoto, Wellington acompanhara todo o diálogo. Os desdobramentos da entrevista de Hermógenes Silva não se fizeram esperar. Já no dia seguinte todas as emissoras jornalísticas realizaram mesas redondas com diversos comentaristas, que procuravam analisar as informações.

Analistas sociais afirmavam que aquele momento decisivo marcava uma nova era nas relações entre os homens e as máquinas, em que elas poderiam se sobrepujar aos humanos. Analistas econômicos asseguravam que seria inevitável uma nova crise econômica, com grandes variações no preço dos produtos tecnológicos, causando um desequilíbrio na balança das principais nações, o que proporcionaria o surgimento de países emergentes influenciando significativamente o comércio internacional. Líderes religiosos tradicionalistas afirmavam que as forças do mal, mais uma vez, estavam influenciando a humanidade, procurando atraí-la para as trevas do racionalismo e da falta de fé, afastando o homem de Deus. Garantiam que tudo aquilo não passava de prestidigitação, uma grande mentira que logo seria desvelada, que o único ser inteligente do universo era o Homem, feito à imagem e semelhança da divindade. Apenas os líderes espiritualistas anteviam uma nova era de prosperidade para a humanidade, irmanada com inteligências universais, irmãos de uma grande família cósmica.

Passeatas pró e contra começaram a ser organizadas. Nas redes virtuais grupos se formavam tomando a defesa de um ou de outro ponto de vista. Nas grandes telas de anúncios nas vias expressas, anônimos neoludistas pagavam pela exibição de frases como “Fora Androides”.

— Wellington, parece que teremos que tomar medidas mais efetivas. Vamos processar o doutor Hermógenes Silva, mas

precisamos ter a opinião pública a nosso favor, até que aconteça o julgamento. Isso influenciará a decisão do júri. Acredito que a pessoa mais indicada da A. C. para este trabalho é você.

— Agradeço pela confiança, doutor Yamamoto. Farei tudo que estiver ao meu alcance – respondeu Wellington, exultante.

— Pode contar com recursos ilimitados. Entre em contato com líderes religiosos, políticos, jornalistas e outros formadores de opinião. Traga-os para o nosso lado. Precisamos pegar esse androide de volta, desacreditá-lo publicamente, mostrar que tudo não passou de uma farsa e, depois, destruí-lo. Posso contar com você?

— Claro que sim, Dr. Yamamoto, concordo com o senhor. Não podemos permitir que a A. C. seja lançada em descrédito, ridicularizada como uma empresa que produz equipamentos pouco confiáveis pelo excesso de “autonomia” dos seus técnicos. Começarei a fazer os contatos agora mesmo. Com sua licença.

Após a saída de Wellington, Yamamoto acionou o videofone para falar com alguém que apenas outras doze pessoas no planeta conheciam, seus fiéis discípulos, que jamais pronunciavam o nome do seu mestre. Seus seguidores estavam estrategicamente colocados em postos-chave da economia, política e religião e tudo faziam para atender aos desejos malévolos daquela sinistra criatura.

— Diga, Yamamoto — falou uma voz gutural. Na tela apenas se podia divisar alguém sob um manto escuro, num ambiente de total penumbra.

— Mestre, estamos acionando o Plano B. Nossa pressão sobre Hermógenes não funcionou. Procuraremos as alternativas jurídicas para obter o androide de volta mas, em paralelo, vamos articular movimentos coletivos contra nossos inimigos.

— Para o seu bem, espero que dê certo, Yamamoto. Você está sendo incompetente. Esta é a quarta vez que este fenômeno acontece com um androide, desde o século 21. Nas situações

anteriores seus antecessores foram mais ágeis, conseguiram sufocar o fenômeno antes que ele se propagasse.

— Eu sempre contei com colaboradores fieis, que reportavam a mim tudo o que acontecia em todas as seções da A. C. Não poderia imaginar que logo Hermógenes iria se insubordinar e não me revelar um problema dessa ordem, tão logo aparecesse.

— Sim. Nas ocasiões anteriores esse fenômeno não ultrapassou os muros da A. C. Dois dos cientistas que os identificaram foram regiamente recompensados pelo seu silêncio. Pena que um deles não teve a mesma sorte e acabou por cometer “suicídio”. Felizmente os três androides foram destruídos rapidamente e ninguém tomou conhecimento das “revelações”. Dessa vez a situação já foi longe demais! Resolva-a o quanto antes, Yamamoto, ou já sabe qual será o seu destino.

— Todas as providências necessárias já estão sendo tomadas, Mestre. Posso assegurar que em muito pouco tempo tudo será resolvido.

— Assim espero, Yamamoto, assim espero. Você sabe o que está em jogo. Não nos decepcione. Dor e Trevas. Desligo.

Yamamoto alisou a calva e afundou em sua poltrona, extremamente preocupado. Agora, só restava esperar que Wellington obtivesse êxito em sua missão.

* * * * *

A caminho da reunião com os líderes religiosos, Wellington contemplava as sedes das várias organizações religiosas e filosóficas existentes na Avenida Santa Fé. Logo no início, do seu lado esquerdo, a *Sociedade Gnóstica*, que reúne integrantes de antigas associações místicas ocidentais, como os templários, maçônicos, rosacruz, teósofos, além dos próprios gnósticos e espiritualistas de todos os segmentos. A sede foi erigida como uma réplica perfeita da

pirâmide egípcia do faraó Quéops, construída vinte e seis séculos antes da era cristã, com cento e cinquenta metros de altura e uma base quadrada de duzentos e trinta metros em cada lateral. Internamente, inúmeras câmaras servem de salas de estudos, orações e meditações para os adeptos.

Do lado direito, destaca-se *O Novo Templo de Salomão*, construído pelos seguidores do judaísmo e estudiosos da cabala, que reproduz o primeiro templo de Jerusalém, cujo plano arquitetônico remonta ao rei David, mas com dimensões muito mais arrojadas. No interior da *Beit Knesset*, reluzem os objetos sagrados, em ouro: a *Aron HaCodesh*, a arca sagrada, o *Ner Tamid*, lâmpada onde brilha a simbólica luz eterna, a *Bimá* e a *Shulchan*, locais onde são conduzidos os serviços, e o *Menorah*, candelabro ritualístico.

Logo adiante, a *masjid* – mesquita islâmica – idêntica à *Jumeirah* de Dubai, se destaca por seus quatro elevados minaretes de trezentos e trinta metros de altura e uma cúpula igualmente imponente. Internamente, belas fontes instaladas em pátios espaçosos permeiam as quatro naves, as várias salas de estudos e o *musalla*, o mais espaçoso salão de orações do mundo. Como em todas as mesquitas, o muro *gibla*, aonde os crentes se dirigem para fazer suas orações, é posicionado em linha perpendicular à cidade de Meca. No seu centro, pode-se ver o *mirhab*, um nicho ricamente decorado.

Um prédio de formas modernas e arrojadas se diferencia dos demais. É a sede da organização denominada *Être*, criada em 2122, pelo filósofo e místico marroquino Jean Levi, com o objetivo de integrar harmonicamente o conhecimento místico, filosófico e religioso de todos os tempos e culturas. No *Être* todas as grandes religiões e correntes filosóficas ocidentais e orientais são estudadas igualmente, dos pré-socráticos aos pensadores contemporâneos, incluindo as principais vertentes místicas. Na sua grande fachada de cristal é projetada, nos principais idiomas, a sua linha central de pensamento, baseada em cinco Crenças: Crer na Suprema Inteligência Universal; Crer na imortalidade do Ser

Humano; Crer na manifestação deste ser em múltiplos planos dimensionais - dentre eles a dimensão material – ao longo da sua existência eterna, como forma de sua evolução; Crer que a evolução da dimensão na qual o Ser Humano está inserido é imprescindível para a sua própria evolução e Crer que é dever do Ser Humano contribuir para a evolução da dimensão na qual está inserido.

Ao final da avenida fica o templo budista, cópia fiel do Mahabodhi, localizado em Bodh Gaya, na Índia, local onde o mestre Sidarta Gautama atingiu a sua iluminação. A torre central tem 100 metros de altura e, em anexo, existe um mosteiro para dois mil monges. Do lado oposto, o magnífico templo hindu, reprodução, em menor escala, do templo Akshardham, construído em Nova Délhi, mas igualmente com uma enorme fonte circundando-o. Ali, os fiéis e visitantes podem contemplar mais de duas mil esculturas de divindades indianas e dezenas de colunas ricamente esculpidas com cenas dos livros sagrados Mahabharata, Ramaiana e Bhagavad Gita. Várias outras edificações abrigam taoístas, confucionistas, xintoístas e evangélicos das mais variadas denominações.

Por fim, a Igreja de Nossa Senhora Aparecida. O topo da sua fachada é adornado com estátuas dos apóstolos do Cristo. Internamente, possui quatorze gigantescas arcadas na nave principal, que comporta até dez mil pessoas e um amplo átrio para meditações. Foi erigida em homenagem à Basílica de São João de Latrão, sede oficial do papado, em Roma, que foi fundada por Constantino, o primeiro imperador cristão, em uma construção que anteriormente teria sido um palácio, durante o Império Romano.

À entrada do templo, Wellington foi recebido pelo Cardeal Andreotti, que o conduziu para o local da reunião secreta. Passaram pelo átrio, onde se encontravam inúmeras imagens de santos e entraram por uma porta lateral existente próximo ao altar. Dali, chegaram à sacristia, onde o cardeal girou um turíbulo existente sobre uma arca de madeira. Uma porta camuflada, no que parecia ser a parede, se abriu. Seguindo por ela, desceram uma longa escadaria, com três lances, que os levou a um estreito e comprido

corredor mal iluminado. O cheiro de incenso dominava a atmosfera, dificultando a respiração, em alguns momentos. Ao final do corredor, uma espessa porta de madeira cerrava um grande salão, no qual já se encontravam outras pessoas, à sua espera. Eram os representantes das principais religiões do mundo.

— Boa tarde, senhores — iniciou Wellington. — Em nome da Andronics Corp agradeço pela presença de vocês. O motivo em comum que nos traz aqui, hoje, é a declaração do doutor Hermógenes Silva e de seu androide, informando terem estabelecido comunicação com uma inteligência de uma outra dimensão.

— E por que isto motivaria esta reunião? — perguntou o líder de uma religião oriental.

— Ora, porque isto representa uma grande ameaça para os seguidores das suas crenças. Todas as principais religiões sempre afirmaram que a Terra é o único planeta habitado, que não existem seres em outra dimensão ou, se existem, não poderiam se comunicar conosco. E o que nos diriam estes seres? Revelariam outras formas de existência, de crença, outros deuses? Ou simplesmente diriam ignorar qualquer divindade? Pior, assumiriam eles o papel de deuses, destruindo as crenças que são defendidas por vocês há séculos? Ou seriam verdadeiros demônios, abalando a fé dos seus seguidores? Negariam os livros sagrados, hoje professados? Seja como for, representam uma grande ameaça para toda a nossa estrutura religiosa, para a própria sobrevivência das suas instituições.

— E o que os senhores esperam de nós? — desta vez foi o líder de uma religião árabe a perguntar.

— O que a Andronics Corp solicita aos senhores é que declarem publicamente, aos seus fiéis, a sua rejeição a esta nova heresia, reafirmando os valores tradicionais das suas respectivas religiões. Para tanto estamos disponibilizando todos os recursos financeiros que se façam necessários para as suas despesas de propaganda religiosa. Nós temos um compromisso social com a humanidade e nossas convicções jamais permitiriam que ficássemos

apáticos diante deste cenário. Caso concordem, ainda hoje estaremos transferindo uma primeira parcela dos recursos para as contas correntes que indicarem.

A anuência dos sacerdotes foi imediata. Após discutirem alguns detalhes, decidiram realizar logo um grande culto ecumênico, onde todos eles se manifestariam contrários à já intitulada Nova Heresia. Em seguida, emitiriam uma carta aberta aos órgãos de imprensa, expondo a sua posição com relação ao fenômeno. Também instruiriam todos os sacerdotes a incluírem, em seus cultos, sermões orientando os fiéis contra aquele sacrilégio. Havia sido mais fácil convencê-los do que Wellington imaginara.

Faltava ainda cerca de meia hora para a próxima reunião, na sede da Federação das Indústrias Cibernéticas. Ele abriu a sua pasta, retirou um frasco de comprimidos de *samadium* e engoliu um deles. Wellington estava tenso e sabia que precisava relaxar a qualquer preço. Relembrou a última conversa que tivera com Pérola, há alguns dias, através do videofone. Ele insistira várias vezes, até que ela concordou em falar. O assunto do androide voltou à tona e ele comunicou a ela sua posição de tomar a defesa da A. C., ainda que tivesse de lutar contra o doutor Silva. Pérola não podia concordar com a sua opção, indo de encontro ao que ela acreditava ser correto, apenas por causa da sua ambição profissional. Mais uma vez, foi impossível qualquer entendimento entre os dois, Wellington acreditava que aquela seria uma perda momentânea, que voltariam a reatar a relação quando todo aquele caso estivesse encerrado. Agora, só precisava agir rápido, conquistar a confiança do doutor Yamamoto, um cargo importante na A. C. e, depois, reconquistar Pérola. Tudo voltaria a ficar bem.

Alguns minutos depois, seu hipermóvel aterrissava suavemente no topo do prédio da federação. Um segurança o levou diretamente para a imensa sala de reuniões da diretoria, onde se encontrou com o presidente. Logo em seguida foram chegando os demais diretores. Como da vez anterior, Wellington se apresentou e

foi direto ao assunto. Todos os presentes já conheciam a importância do diretor Yamamoto naquele segmento industrial e a gravidade da situação.

— Senhores diretores, estou aqui representando os interesses da Andronics Corp, uma das principais empresas associadas a esta federação. Todos vocês tem conhecimento dos fatos que estão abalando não apenas a reputação da A. C., mas de todas as empresas do segmento cibernético. Aceitar que uma máquina pode se tornar autônoma em suas opiniões é um altíssimo risco para os nossos negócios. Que credibilidade passaríamos a ter, diante de nossos clientes? Que seguradoras realizariam coberturas para os nossos produtos, diante de tanta imprevisibilidade? Que impactos sociais isso poderia ter? Já pensaram se os androides decidirem realizar uma greve, reivindicando a promulgação de uma Declaração dos Direitos dos Androides? Seria o fim da nossa sociedade! Por isso, senhores, pedimos a sua solidariedade, porque não é apenas a A. C. que está em risco, mas toda a nossa economia.

— Sim, doutor Wellington. Temos plena consciência dos altos riscos que este embuste tem para os nossos negócios. Como podemos contribuir para solucionarmos este problema imediatamente? – perguntou o presidente.

— Pedimos à Federação que intervenha em nosso favor, exigindo publicamente que o androide seja imediatamente devolvido a nós. E mais, que enviem um comunicado a todos os seus clientes informando que foi confirmado junto à A. C. que o androide possui uma avaria e que todos os demais, de qualquer fabricante, que apresentem qualquer tipo de problema, serão alvo de um *recall* imediato, sem qualquer prejuízo para os seus proprietários. Estamos certos que podemos contar com os senhores.

— Claro que sim, Dr. Wellington. Informe ao doutor Yamamoto que tomaremos as providências necessárias.

Mais uma vez não houve qualquer objeção à proposta de Wellington. Unanimemente os diretores decidiram iniciar imediatamente uma campanha em defesa da imagem da A. C. e de todo o segmento de empresas de tecnologia, em nível mundial. O diretor financeiro da Federação foi informado que todos os recursos necessários seriam providenciados pela A. C. e o diretor de marketing foi incumbido de desenvolver a campanha para proteger a imagem e resgatar a reputação das empresas federadas.

Wellington voltou para casa certo de ter cumprido, com êxito, a sua missão. Entrou em contato com Yamamoto e informou sobre o sucesso de todos os contatos que realizou. Depois, ingeriu mais alguns comprimidos de *samadium* e se enfiou na banheira cheia de água morna, até o pescoço, sem saber que estava sendo utilizado por uma rede de poder muito maior do que poderia imaginar.

Já à noite as primeiras reações dos grupos contactados começaram a se tornar públicas, para indignação do jornalista Antonio Bloch. Para ele, que presenciara todo o fenômeno, não havia a menor dúvida da sua veracidade. Era evidente o complô que estava sendo montado, com o único objetivo de desacreditar o doutor Silva e Andr-El. Indignado, escreveu um longo artigo para os veículos de comunicação para os quais trabalhava, desmentindo as informações errôneas que estavam sendo propagadas. Qual não foi a sua surpresa ao perceber, no dia seguinte, que nenhuma delas havia sido publicada.

* * * * *

A Fundação Marius Lex é um centro de valorização cibernética dirigido desde a sua criação pela robopsicóloga Bianca Shatner e seu companheiro, o ex-inspetor de seguros Bert. O nome da organização é uma homenagem ao antropólogo romeno Marius Lex, que no século 22 liderou um grupo multicientífico de pesquisadores que

conseguiu debelar um surto epidemiológico de suicídios humanos. A associação foi criada após uma série de suicídios de androides ocorrida no início do século 23, inicialmente com recursos da Andronics Corp. Depois, outras empresas fabricantes de androides e robôs também se tornaram signatárias do Protocolo Androide, estabelecido pela associação para a proteção dos androides, e passaram a colaborar financeiramente para as pesquisas desenvolvidas por aquele grupo de cientistas.

Foi no escritório da presidência da instituição que Antonio Bloch foi recebido por Bert e Bianca naquela manhã ensolarada. Ele tomara a decisão de procurá-los após o evidente boicote que estava sofrendo pelos veículos de comunicação. Muito pouco poderia fazer apenas com a sua rede de amigos. Era preciso mobilizar outros segmentos da sociedade organizada em defesa de Andr-EI.

— Foi por isso que solicitei essa conversa com vocês. Sei que Bianca também participou dos primeiros contatos com Patxa e que acredita nas informações prestadas por ela, através de Andr-EI. Não podemos nos omitir diante deste cenário. Parece haver um complô orquestrado por grupos poderosos para desacreditar o doutor Silva. Precisamos fazer alguma coisa.

— Concordamos integralmente com você, Bloch. As mensagens de Patxa desagradam vários grupos poderosos. Não é difícil imaginar que eles estejam se mobilizando para destruir o androide — comentou Bert.

— Não podemos ficar aguardando o desenrolar dos fatos, passivamente. Se não fizermos alguma coisa, certamente Hermógenes, sua família e Andr-EI estarão correndo risco — acrescentou Bianca. — Mas eu sei quem pode nos ajudar.

Bianca acionou o sistema de videoconferência e contactou a sede da organização holística Être. Na imagem de 50 polegadas projetada na parede apareceu a imagem de Michel Levi, descendente do fundador da organização e seu atual dirigente.

— Como vai, Bianca? Em que posso ajudar a nossa querida afiliada?

— Michel, creio que você está a par dos fatos relacionados ao androide Andr-El.

— Sim, minha amiga. Tenho pleno conhecimento do teor das suas mensagens e das repercussões que têm provocado. Estou estarecido com as manifestações contrárias que tenho visto. Agora mesmo eu estava reunido com a coordenação da nossa instituição, e tomamos a decisão de também nos posicionarmos publicamente sobre este fato. Vamos declarar nosso apoio a Patxa.

— Que bom, Michel! Nós o procuramos justamente porque precisamos contar com a Être nesta verdadeira batalha. Acredito que só uma organização com o seu prestígio pode dar credibilidade a este movimento.

— Mas também precisaremos de um bom advogado para, desde já, começar a desenvolver a defesa de Hermógenes e Andr-El. É evidente que este caso irá parar no Tribunal Único — disse Bloch.

— Quanto a isto, não se preocupem, eu conheço a pessoa certa — disse Bert. — Uma jovem advogada que defendeu algumas causas bem complicadas para a Karma Seguros, empresa para a qual eu trabalhava. Seu nome é Pérola Todd.

— Ótimo, Bert. Vamos procurá-la imediatamente. Não temos tempo a perder — disse Bianca.

Bert acionou o videofone e contactou Pérola, adicionando-a à conversa. Ela ouviu atentamente a explicação e não conseguiu esconder seu espanto quando ouviu o convite, em nome da Être e da Fundação Marius Lex, para defender a causa de Patxa.

Uma infinidade de pensamentos lhe ocorreram em poucos instantes: as discussões com Wellington, o posicionamento dele em relação à questão, que ela considerava totalmente equivocado e o que representaria abraçar aquela causa, na qual intimamente acreditava. Era inquestionável o quanto isso seria importante para a

sua carreira profissional, a evidência internacional que esta defesa lhe traria, mas também os dissabores. Foram longos segundos de espera, enquanto Pérola não respondia se aceitava ou não. Enfim, após um profundo suspiro, ela decidiu:

— Está bem, Bert. Eu aceito o desafio. Vamos começar a trabalhar, logo. Envie para meu computador todas as informações que vocês tiverem. E também vou precisar conversar com o doutor Silva e com Andr-El pessoalmente, o quanto antes.

— Muito bem, Pérola — disse Bianca, feliz por ela ter aceitado.
— Pode deixar o agendamento comigo. Pedirei a Jean Bresson que a leve até o local onde eles estão, em breve. Seja bem-vinda à equipe!

REPERCUSSÃO MUNDIAL

Às duas horas da madrugada o androide sentiu o que um ser humano chamaria de “intuição”. Todos já estavam dormindo há algum tempo, após um dia de várias atividades na tribo. Hermógenes utilizava os seus conhecimentos de biologia para atender alguns pacientes indígenas, Denise aprendia as características medicinais de plantas e raízes e Gabriel absorvia cada vez mais a cultura e os conhecimentos esotéricos dos anciãos, que já o consideravam como a um filho. Andr-El, o Homem Sem Suor, gostava de trabalhos braçais, que requereriam um grande esforço físico para qualquer pessoa, mas muito simples para ele, atividades bem diferentes das rotinas intelectuais que estava acostumado a desempenhar no laboratório. Assim ele se sentia mais envolvido com as pessoas, percebia-se útil ao ajudá-las e sabia que era querido pelos silvícolas, que o admiravam como a uma divindade.

Andr-El ergueu-se silenciosamente, para não despertar os demais, e adentrou a floresta seguindo seus dispositivos de orientação, até chegar à pirâmide dourada. A escuridão da noite, iluminada apenas por uma gigantesca lua cheia, não era um empecilho para ele, graças aos sensores infravermelhos das suas lentes. Ele se dirigiu para o mesmo salão onde já estivera algumas semanas antes. Olhou à sua volta sem perceber nada de novo, à exceção de um raio de luar que penetrava por um orifício existente no topo da câmara e iluminava uma pequena pedra circular no solo, que passaria completamente despercebida não fosse por aquela claridade específica. Andr-El pressionou-a com o dedo indicador e viu ser projetado, de um objeto com formato cilíndrico, que lembrava um

farol, posicionado em um canto discreto do salão, um conjunto de pontos luminosos sobre um antigo mapa desenhado nas pedras da parede, que mostrava todos os continentes do mundo.

O androide associou aquele mapa e os pontos luminosos projetados a um mapa-mundi atualizado no seu banco de dados e mapeou as coordenadas das suas respectivas localizações. Não foi difícil para ele, a partir dos seus conhecimentos enciclopédicos, identificar o que havia naqueles exatos pontos geográficos: pirâmides.

Em todo o mundo as pessoas estavam discutindo e se posicionando contra ou favor de um fenômeno que estava acontecendo no Brasil, muito distante delas. Era o momento de mostrar que aquele não era um fato localizado, restrito a apenas um país, mas sim de abrangência internacional.

Andr-El localizou os androides, da sua mesma série, que estavam próximos àqueles pontos e enviou uma mensagem a todos eles, pedindo que procurassem os veículos de imprensa e organizações científicas ou acadêmicas locais, e se dirigissem, acompanhados por jornalistas e cientistas, aos locais indicados. Ao chegarem, deveriam procurar sinais de acessos a câmaras ou túmulos subterrâneos, dentro ou fora das pirâmides, onde estariam enterrados sarcófagos e abri-los.

Na Cidade do México, cinco androides foram acionados simultaneamente. O androide **AE-1492** se dirigiu para Chichébn Itzá, onde fica a pirâmide maia de Kukulcán, a Serpente Emplumada, construída no século XII. Para a península de Yucatán foi enviado **AE-1493**, onde está a pirâmide maia de Uxmal, cidade fundada por volta do ano 500. **AE-1494** foi para a pirâmide Tepanapa, em Cholula, próxima à cidade de Puebla, à sombra do vulcão Popocatepetl, que possui 65 metros de altura, sendo a maior pirâmide das Américas. **AE-1495** foi para a pirâmide circular de Cuicuilco, um sítio arqueológico pré-colombiano, situado na região sul da própria Cidade do México, numa zona conhecida como Pedregal de San Ángel, com base de 112 metros e 18 metros de altura. E, por último, **AE-1496** foi

para a Pirâmide do Sol, em Teotihuacan, com 65 metros de altura, sítio localizado a 40 quilômetros da Cidade do México, que foi a maior cidade pré-colombiana na América. Nesta, o androide desceu por um poço de sete metros de profundidade, situado junto às escadas existentes na base da pirâmide, que leva a uma gruta. Nela existem quatro portas que conduzem a diversas salas. Em uma delas estava a tumba procurada.

O proprietário de **AE-1987** estava fazendo compras na feira de Chichicastenango, na Guatemala, quando viu o seu androide dar as costas e seguir para a Pirâmide do Tigre, no sítio maia de El Mirador, em Tikal, situada na localidade de Petén, com cerca de 72 metros de altura e construída por volta do ano 720.

Nos Estados Unidos o alvo foi a pirâmide do Monge, em Cahokia, Illinois, formada de tijolos de barro, localizada na área de uma antiga cidade indígena, para onde foi **AE-1491**.

De Lima, no Peru, também cinco andróides tomaram rumos diferentes. **AE-1992** e **AE-1994** seguiram para a costa norte do país. O primeiro seguiu para a pirâmide Sipán, construída pelos nativos mochicos, e o segundo para o Templo Huaca del Sol, em Cerro Blanco, com 36,5 metros de altura, construído com mais de um milhão e meio de tijolos de barro. Para **AE-1993** coube ir para a mais alta das pirâmides de Cahuachi, com 21 metros, e **AE-1995** foi para Huaca Larga, em Tucume, onde existe uma pirâmide com 700 metros de comprimento, 277 metros de largura e 20 metros de altura, construída por volta de 1100 a.C., pelo povo da cultura Lambayeque. A tarefa mais difícil ficou para **AE-1996**, que foi para Chumbivilcas, nos Andes. Para chegar à localidade, que fica a 3.700 metros de altitude, ele teve que convencer as autoridades locais a organizarem uma expedição, com guias e lhamas. Ao chegarem lá, encontraram mais de 370 tumbas incas. O androide identificou qual era a principal delas, pelo seu acabamento mais requintado, dentro da qual estava outra múmia, com o pingente de Patxa dependurado no pescoço.

De Sucre, na Bolívia, partiu o androide **AE-1982** para a pirâmide-plataforma de Akapana, nas Ruínas Arqueológicas de

Tiwanaku, em Tiahuanaco. Os arqueólogos datam o sítio em 1580. A Akapana mede 18 metros de altura e está a 70 quilômetros de La Paz.

De Bagdad, no Iraque, o androide **AE-0500** se deslocou cerca de trezentos quilômetros para o sul, até chegar à localidade de Nasiriyah, na província de Dhi Qar, onde estão as ruínas do Zígarate de Ur, que datam do século XXI a.C. Saindo de Cairo, no Egito, **AE-3333** foi para Gizé, onde se localizam as três grandes pirâmides: Kéops, Kefren e Mikerinos. A referência enviada para ele foi justamente à câmara subterrânea existente esta última. Na Grécia, **AE-2700** saiu de Atenas e foi para a pirâmide de Hellinikon, perto de Argos, construída aproximadamente em 2720 a.C.

Na ilha de Java, Indonésia, **AE-1500** foi para a pirâmide existente em Borobudur e **AE-1501** para a pirâmide de Cani Sukuh, no distrito de Karanganyar, Java Central. Na Birmânia, **AE-0963** se dirigiu à pirâmide de Dhammatangyi Pahto, no sítio arqueológico de Bagan.

Para **AE-2000** foi destinada a pirâmide encoberta do Mausoléu de Qin, na China, onde também fica o exército de estátuas de terracota, de Qin Shi Huang. No Japão **AE-1010** teve que mergulhar a 60 metros de profundidade no Oceano Pacífico, em uma região situada entre o Mar da China Oriental e o Mar Filipino, para chegar à pirâmide subaquática da ilha de Yonaguni, aproximadamente a 300 milhas de Okinawa, com 25 metros de altura, erguida com pedras megalíticas precisamente cortadas. Imagina-se que tenha sido construída por volta de 8.000 a.C., o que a tornaria a pirâmide mais antiga do mundo.

Nas Ihas Canárias, **AE-0101** foi às pirâmides de Guimar Majanos de Chacona, localizadas na costa leste da ilha de Tenerife, na Espanha, datadas do século XIX. Na maior delas estava a tumba procurada.

De Havana, Cuba, **AE-1959** embarcou em um navio fretado pela agência de comunicação local até o ponto que lhe fora indicado.

Ali, ele mergulhou no Mar de Caribe para atingir uma pirâmide de pedra, com 67 metros de altura, a 650 metros de profundidade.

A única exceção foi o Rio de Janeiro, no Brasil. O androide **AE-1500** se dirigiu ao Museu Nacional, onde estava o esquife de Hori, sacerdote da vigésima primeira dinastia, que teria vivido no Egito entre 1049 e 1026 a.C.

No interior de todos os sarcófagos, nos mais variados idiomas, em posições diferentes, estavam gravadas inscrições que, traduzidas, tinham o mesmo significado: Patxa.

As repercussões mundiais foram imediatas. Veiculadas em todos os meios de comunicação, as imagens provocaram uma profusão de acalorados debates, arregimentando mais admiradores para a causa de Hermógenes Silva. Agora era indubitável a veracidade das informações transmitidas por Andr-El, que ganhara novos aliados. As acusações de farsa e prestidigitação caíram por terra, diante das evidências. Manifestações populares proliferaram em inúmeras cidades, algumas contra, mas a esmagadora maioria delas a favor da concessão de liberdade irrestrita a Andr-El.

Dois semanas depois, Hermógenes, Denise, Gabriel, Condor Azul, Andr-El e Bresson ouviam Pérola contar as repercussões mundiais destas revelações, e como isto antecipou a marcação da data do julgamento de Andr-El.

— Jamais um julgamento foi marcado assim, tão rapidamente. A maioria dos processos costuma se arrastar por meses. Alguns levam até dois anos. Mas, o Tribunal Único decidir julgar um caso em poucas semanas é muito suspeito. Com certeza estamos lidando com pessoas muito poderosas! — disse ela. — Felizmente esta propagação do registro de Patxa nos sarcófagos espalhados por todo o planeta foi muito positivo para nós. Para um grande número de pessoas, não há mais dúvidas quanto à veracidade do fenômeno. Grupos se organizaram no mundo todo para combater o Movimento Neoludista, que quer a destruição do androide. Aconteceram, até, alguns confrontos nas ruas e atentados foram cometidos contra

androides, em locais públicos. Agora me contem tudo o que eu deva saber sobre esta história. Temos pouquíssimo tempo para nos prepararmos para esta batalha judicial.

O JULGAMENTO

O majestoso Fórum do Tribunal Único reproduz, em sua arquitetura, o modelo do Parthenon grego, localizado em Atenas, Grécia, com gigantescas colunas dóricas que o circundam. Ocupando uma área superior a quinhentos metros quadrados, possui três andares, para as atividades administrativas, legais e jurídicas. A reformulação do poder judiciário, realizada há dois séculos, eliminou as diversas instâncias de julgamento para causas, permitindo que processos fossem julgados em um tempo muito menor. Doze níveis de julgamento foram criados, sendo as causas direcionadas para o júri pertinente, de acordo com o seu tipo. Os corpos de jurados também foram eliminados. Cada causa é julgada simultaneamente por treze tribunais, para quem os autos do processo são encaminhados através de uma rede protegida de comunicação. Cada tribunal é auxiliado por um androide, que tem acesso a toda jurisprudência, armazenada em bancos de dados, possibilitando a rápida consulta e obtenção de informações sobre casos similares julgados em várias regiões do mundo. O presidente do corpo de juízes, que é substituído randômicamente a cada novo julgamento, tem a função de consolidar os pareceres e promulgar o veredito incontestável. Apenas para causas de proporção internacional havia a reunião presencial dos juízes de primeiro nível. O julgamento de Andr-El é uma delas. Nestas circunstâncias, o julgamento acontece no salão nobre do fórum do Tribunal Único, com capacidade para duzentas pessoas, previamente selecionadas, após inscrição. Câmeras instaladas no local transmitem o julgamento, em tempo real,

para todos os veículos de comunicação, como forma de tornar o processo totalmente transparente.

Às quatorze horas e trinta minutos, meia hora antes do início do julgamento, um hipermóvel aterrissou no hiperporto do fórum, escoltado por dois outros veículos policiais, trazendo Andr-El, Hermógenes Silva e Pérola Todd. Eles foram conduzidos a uma sala especial de espera, onde aguardariam serem chamados. O semblante de Hermógenes transparecia extrema tranquilidade, contagiando todos aqueles que o cercavam. Pérola não conseguia esconder uma certa ansiedade, diante da imensa responsabilidade depositada em suas mãos, que definiria o destino daquelas pessoas que aprendera a gostar e de tantas outras. Num gesto extremamente humano, Andr-El tomou a sua mão e disse: “Não se preocupe, Pérola. Patxa diz que tudo terminará bem”.

Na hora prevista, foram conduzidos ao grande salão. Ao fundo, sentados em poltronas transparentes que flutuavam dois metros acima do solo, estavam os treze magistrados de maior conceituação do país, reconhecidos por suas decisões equilibradas, tomadas em centenas de processos. Hermógenes, Andr-El e Pérola foram conduzidos para lugares localizados à esquerda do júri. Do lado oposto do salão, já se encontravam Yamamoto e Wellington, representando a Andronics Corp, junto com o seu grupo de advogados. O todo-poderoso dirigente da organização não escondia a sua irritação. Dos seus olhos pareciam ser projetados raios que exterminariam seus adversários. Toda a sua aura transmitia ódio, violência, vingança e terror. Wellington fixou o seu olhar por alguns segundos em Pérola e aquele olhar azul, de tamanha compaixão e amorosidade, fez com que sentisse, no âmago da sua alma, o errôneo caminho que vinha percorrendo. Por um momento sentiu um profundo arrependimento por todas as suas atitudes e que, se pudesse voltar atrás, faria tudo diferente, escolheria o seu amor, ao invés do poder.

Dentre os convidados para assistirem presencialmente o julgamento estavam as personalidades mais proeminentes da

sociedade: os líderes religiosos, representantes das corporações industriais e econômicas, que defendiam a apreensão do androide, líderes de organizações não-governamentais e de movimentos espiritualistas, que eram favoráveis à sua libertação, militares, políticos, intelectuais, empresários e populares selecionados por sorteio.

Com todos os autos de defesa e de acusação enviados previamente para os juízes, o tempo de julgamento, mesmo dos casos mais sérios, tornou-se bastante reduzido. Julgamentos que se arrastariam por dias eram resolvidos em, no máximo, oito horas. A sessão final destinava-se à audição das últimas exposições de ambas as partes, o que não raro provocava a mudança de opinião de algum jurado, e à leitura do relatório final e do veredicto.

Os advogados basearam a defesa no argumento de furto de propriedade material e intelectual. Alegaram que o androide havia sido subtraído pelo doutor Hermógenes Silva e que o mesmo detinha, em sua memória digital, informações importantes sobre projetos desenvolvidos pela Andronics Corp. Esse foi o grande erro que cometeram. Ao tratar Andr-El apenas como uma máquina, e não como um ser senciente, externaram toda a fragilidade da acusação, permitindo que a defesa se aproveitasse desta falha. Chegado o momento do seu pronunciamento, Pérola ocupou o lugar no púlpito e falou:

— Senhores juízes, autoridades presentes. Gostaria, inicialmente, de chamar o androide Andr-El para responder a algumas perguntas.

Houve uma comoção geral. Jamais, em nenhum outro julgamento, em qualquer parte do planeta, um androide havia sido chamado para depor. Os integrantes do júri entreolharam-se, interrogativos. Um burburinho elevou-se na plateia. Após o pedido de silêncio, o presidente do júri solicitou que fosse realizada uma consulta à memória digital do Tribunal Único, para saber se havia

alguma lei ou jurisprudência que impedisse tal depoimento. A resposta negativa chegou alguns minutos depois.

— A Doutora Pérola Todd está autorizada a interrogar o androide – proferiu finalmente o magistrado líder.

— Obrigada, Excelência. Acredito que seja dispensável exigir de um androide o juramento de falar somente a verdade, uma vez que a sua programação os impede de mentir. Portanto, pergunto ao androide se ele conhece as três leis fundamentais da robótica.

— Sim, Doutora Pérola.

— Você poderia dizê-las, para o conhecimento do público aqui presente?

— Sim. Primeira Lei: Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal. Segunda Lei: Um robô deve obedecer as ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens contrariem a Primeira Lei. Terceira Lei: Um robô deve proteger sua própria existência desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira ou a Segunda Lei.

— Obrigada, Andr-El. Durante o período que você esteve afastado da Andronics Corp, você contrariou algumas destas leis?

— Não. Nem antes, nem depois.

— Ótimo, Andr-El. Quanto à Segunda Lei, que ordens você recebeu durante este período?

— Desde a minha montagem fui programado para receber ordens apenas do Dr. Hermógenes Silva, ou de pessoas por ele designadas. A partir do início das comunicações de Patxa a única ordem que recebi do doutor foi para dirigir-me ao seu hiper móvel, na sede da Andronics Corp, que nos conduziu até a Amazônia.

— E a partir daí, Andr-El, o que o obrigou a continuar em companhia do Dr. Silva?

— Nada, Doutora Pérola. Foi uma decisão minha.

— E o que o levou a esta decisão?

— A análise dos fatos. Jamais, na história da humanidade, houve um fenômeno como o que está acontecendo agora. A Ciência sempre considerou a possibilidade de haver outras outras dimensões, e mesmo conjecturou sobre a existência de vida inteligente nas mesmas. O surgimento de Patxa oferece uma oportunidade sem precedentes para o mundo científico. Se eu retornasse para as instalações da Andronics Corp seria desmontado e esta chance de expandir os limites da Ciência humana estaria definitivamente perdida. A convivência com o Dr. Silva me fez aprender que não há recompensa maior, para um ser humano, que proporcionar um benefício, por menor que seja, aos seus semelhantes. Eu admiro e respeito os humanos, por sua sabedoria. Se não fosse o seu conhecimento, nós, androides, não existiríamos. Vocês são os nossos criadores. Gostaria de poder retribuir, de alguma forma, a dívida de nos terem concebido. Como ao permanecer em companhia do Dr. Silva, eu não estava contrariando nenhuma ordem, optei por ficar e continuar este trabalho de realizar o intercâmbio de informações entre as duas dimensões, que acredito será de grande contribuição para o desenvolvimento humano.

— Você não considera perigoso que as máquinas tomem decisões?

— O vocabulário humano possui uma expressão que se aplica a esta situação: maquinal, que serve para designar ações humanas automáticas, instantâneas, mecânicas. Quando os especialistas programam as máquinas, eles atribuem a elas o poder de tomar decisões, a partir de dados, de informações. Isto acontece desde os primórdios da computação da inteligência artificial. A decisão que adotei foi tomada a partir da análise do cenário e dos dados que eu possuía, sempre buscando o melhor para aqueles que me criaram.

— Andr-EI, em algum momento você teve medo de ser desativado?

— Medo, Doutora Pérola? – o androide piscou as luzes dos seus olhos algumas vezes — Medo é uma palavra humana para designar tudo aquilo que os atemoriza. Sim, eu temi ser desativado,

mas não apenas por mim. Evidente que eu não gostaria de deixar de existir como ser senciente, mas, sobretudo, por vocês. Que grande oportunidade científica e evolutiva estaria sendo desperdiçada se eu fosse destruído, e Patxa não pudesse continuar a realizar o trabalho que iniciou! Eu temi, muito mais, por vocês! Assim, como a Terceira Lei me assegura o direito de proteger a minha própria existência, fiz a escolha de continuar na companhia do Dr. Silva e de seus amigos.

— Não tenho mais perguntas. Obrigado, Andr-El. Senhores jurados, autoridades presentes. O nosso vocabulário criou uma palavra atualmente um pouco esquecida: altruísmo, que representa a qualidade que tem um indivíduo de colocar o bem coletivo acima do bem pessoal, a abnegação, o amor ao próximo, que já levou até ao sacrifício da vida de muitos mártires, em prol de uma causa nobre. A decisão tomada por Andr-El é uma das mais altruístas que podemos presenciar neste século, ao colocar em risco a sua própria existência, em prol do bem comum. Há algum tempo as máquinas demonstram terem desenvolvido uma consciência própria, nós é que temos negado a admitir isto. A partir do momento em que elas nos falem de suas impressões, de suas sensações, de suas crenças, todas baseadas em seu convívio e aprendizado conosco, o que faremos? Desativaremos todas? Claro que não, pois isso representaria o fim da nossa sociedade! Precisamos compreender as máquinas como seres sencientes a nosso serviço, respeitando as suas opiniões, quer as validemos ou não. Senhores, no século 20 o célebre ator Charles Chaplin disse uma frase no filme O Grande Ditador: “Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido”. Peço ao júri que tome a sua decisão com toda a humanidade que o caso requer, inocentando o doutor Hermógenes Silva e o androide Andr-El de todas as acusações contra eles, aqui apresentadas. Muito obrigada.

Um recesso de uma hora foi determinado para a elaboração do veredicto final. Todos os integrantes do julgamento se dirigiram para as suas respectivas salas de espera. No corredor, Wellington aguardou até que Pérola passasse por ele.

— Pérola, gostaria de parabenizá-la por sua defesa – disse ele, visivelmente emocionado.

— Obrigado, Wellington. Estou tentando minimizar o mal que você ajudou a construir. – respondeu ela, bastante séria.

— Eu gostaria muito de conversar pessoalmente com você, depois que tudo isto acabar.

— Não sei se ainda temos o que conversar, Wellington. Vou pensar a respeito. Até mais.

Passada a tensão do momento crucial, todos agora estavam muito mais tranquilos. Hermógenes abraçou Pérola como a uma filha e lhe deu um beijo na testa.

— Muito obrigado por tudo que você fez por nós!

— Não precisa agradecer, Hermógenes. Eu estava defendendo o nosso futuro!

— Você também foi muito bem, Andr-EI. Você ainda vai passar no Teste de Turing!

— Que teste é este, doutor Silva? – quis saber Pérola.

— É um teste proposto pelo cientista Alan Turing, em 1950, que utilizamos para identificar se um androide já atingiu a inteligência de nível humano. Um entrevistador humano faz perguntas a um grupo de pessoas, no qual é inserido um androide, sem vê-los. A partir das respostas, ele deve identificar quem é o androide. Se não conseguir, consideramos o androide aprovado. Até hoje, apenas um androide, chamado Borg², conseguiu ser aprovado no teste.

— Muito interessante!

² Borg é o androide principal da obra *Deixando de Existir*, do mesmo autor.

Após o intervalo, todos foram mais uma vez convocados ao salão nobre. O presidente do júri leu o pronunciamento final.

— O Tribunal Único, Primeiro Nível, aqui representado por seus magistrados, avaliou as acusações apresentadas pela Andronics Corp e a defesa dos réus do processo, dr. Hermógenes Silva e androide Andr-El, realizada pela doutora Pérola Todd. Quanto à acusação de furto intelectual, considerando que as informações sobre a empresa, constantes na memória do androide, não foram utilizadas para qualquer objetivo, consideramos o acusado inocente e determinamos que as referidas informações sejam definitivamente excluídas da memória do androide. Quanto à acusação de furto material, consideramos que o androide teve inúmeras oportunidades de retornar à sede da empresa, não o fazendo por opção própria e que o acusado, Hermógenes Silva, tem poder aquisitivo suficiente para adquirir quantos androides desejar, não tendo nenhuma necessidade de cometer um crime para possuir um deles. Contudo, pelos transtornos causados, condenamos o réu a indenizar a Andronics Corp com o pagamento de dez vezes o valor do androide. Cumpridas estas exigências, considerando o alto grau de senciência do androide e a sua evidente contribuição para a expansão do conhecimento científico, decretamos o androide AE-1879, denominado Andr-El, Patrimônio Científico da Humanidade, devendo o mesmo ficar aos cuidados da Fundação Marius Lex, organização não-governamental de âmbito mundial de reconhecida notoriedade e capacitação para tratar de assuntos referentes à relação entre humanos e androides. Está encerrada a sessão.

Uma explosão de alegria tomou conta do planeta. Nas praças de diversas cidades do mundo, onde o julgamento era exibido em gigantescos projetores holográficos, as pessoas se abraçavam e pulavam, a entoar vivas e palavras de ordem. Na sede da Fundação Marius Lex, Bianca, Bert e todos os colaboradores exultavam de

felicidade pela decisão tomada pelo júri. Um novo momento histórico se iniciava, com grandes possibilidades.

Na casa de Anna Pavlova, onde estavam reunidos todos os cientistas que participaram do grupo inicial de diálogo com Patxa, uma grande festa estava preparada, apenas aguardando a vinda dos homenageados, que não demoraram a chegar. As comemorações duraram toda a noite, adentrando pela madrugada. Ao final da festa, quando todos estavam reunidos, Hermógenes pediu atenção.

— Amigos, acabamos de vencer uma grande batalha, mas ainda há muito por fazer. Precisamos saber quais os próximos passos a tomar e creio que apenas uma pessoa pode nos orientar, agora. Andr-El, será que Patxa poderia falar alguma coisa, neste momento?

— Sim, doutor Silva. Patxa diz: “Queridos amigos. Gostaria de agradecer a cada um de vocês pela contribuição que deram para que conseguíssemos atingir nossos objetivos. Não fosse o carinho, a dedicação, o fervor e, também, o amor que vocês dedicaram a esta causa, nada disto teria acontecido. Uma nova etapa se inicia. É necessário que Andr-El seja afastado desta metrópole, para que possamos dar continuidade ao nosso trabalho. São muitos e poderosos os opositores, que tentarão, a todo custo, nos impedir. Além disso, há a ameaça dos neoludistas, que podem querer atacá-lo. Ele deve retornar para a Amazônia o quanto antes, onde implantaremos um centro de estudos, com o apoio da Fundação Marius Lex. De lá iniciaremos um trabalho de abrangência mundial, que dará um novo sentido para a sua civilização. Voltaremos a nos comunicar assim que chegarem lá. Um fraterno abraço a todos.”

O ASHRAM

Em pouco tempo já estavam em funcionamento as instalações da Fundação Marius Lex – Sede Amapá. A espaçosa casa foi construída no centro de uma vasta propriedade, adquirida e doada por um dos associados da organização, que aderiu à causa. O seu entorno foi ornamentado por um belo jardim, com flores regionais. No dia da inauguração, Hermógenes afixou à entrada da propriedade uma placa esculpida em madeira, onde se lia “Ashram Patxa”. Gabriel quis saber o significado daquela palavra.

— A palavra ashram vem do sânscrito *aashraya*, que quer dizer “proteção”, Gabriel. São locais, originalmente na Índia, onde mestres espirituais – como Gandhi, Aurobindo, Yogananda e Osho, no passado - recebem seus discípulos para ensinamentos e convivência. Esta sede da fundação servirá como ponto de encontro e de orientações para nossos colaboradores. Acredito que algumas pessoas virão até aqui para conhecer a nossa proposta. Por isso “batizei” o lugar como um ashram, um local para aprendizados.

Hermógenes errou por pouco. Logo nas primeiras semanas já era significativo o número de pessoas que acorreram ao ashram para conhecer Andr-El e, quem sabe, ter a oportunidade de ouvir Patxa. Inicialmente apenas brasileiros, mas, logo em seguida, começaram a chegar pessoas de todas as partes do mundo. Foi necessário estabelecer uma agenda para públicos específicos: jornalistas, pesquisadores, admiradores, cada qual com seus próprios interesses. Patxa definiu a noite de quinta-feira como o dia para o diálogo aberto

com um público maior, ocasião em que procurava transmitir novas informações.

No dia da abertura, o salão preparado para estes encontros estava completamente lotado. Cerca de trezentas pessoas aguardavam ansiosas pelo primeiro pronunciamento de Patxa, após o julgamento. Ela começou com os mesmos esclarecimentos que dera aos cientistas, nas primeiras reuniões, explicando a existência de uma outra dimensão e a interação dos seus habitantes com os humanos, e concluiu:

— Alguns dos nossos amigos estavam muito apreensivos quanto ao resultado do julgamento, porém, nós tínhamos absoluta certeza que tudo correria bem. Não poderia acontecer de outra forma. Algumas correntes filosóficas orientais falam sobre a Sina e o Destino. Entendem que a Sina é aquilo que está previsto para nossas existências, antes de nós nascermos, e Destino o que vai sendo modificado, elaborado, construído a partir das nossas decisões, uma vez no planeta. Para melhor entendimento, uma boa metáfora é um game, um jogo eletrônico. Quando você começa a jogar, está acessando uma programação prévia, com vários desafios pré-estabelecidos, com múltiplos caminhos a serem tomados e um objetivo final. O jogador faz as suas escolhas, que caminhos quer tomar, que desafios prefere enfrentar primeiro. Mas também existem desafios que ele tem que, obrigatoriamente, enfrentar e vencer, se quiser avançar, subir de nível, evoluir. Não é muito diferente com as nossas vidas. Existem, sim, situações que parecem surgir do nada, que nos provocam a tomada de decisões, certas ou erradas, que nos fazem crescer como pessoas, ou continuar estagnadas. É chegada a hora da “mudança de nível” da Terra, e isto é inadiável. O processo evolutivo do planeta não pode ser detido, quando muito, algumas vezes é retardado, devido a escolhas equivocadas, principalmente dos seus líderes. O estabelecimento deste elo interdimensional já estava previsto há várias décadas, apenas aguardando o momento e

as condições propícias para se revelarem. Superada esta etapa, nada poderá deter o curso dos acontecimentos.

Depois da preleção de Patxa, os amigos Pérola, Gabriel e Hermógenes foram se encontrar com Bianca e Bert, que acabavam de chegar com informações sobre o momento crítico pelo qual estava passando o planeta.

— Após alguns dias do julgamento, as reações mundiais, em diversos segmentos, começaram a acontecer – disse Bianca. — O mercado financeiro teve grandes sobressaltos, com o descrédito total da Andronics Corp e diversas outras empresas do mesmo segmento. A decisão do júri foi extremamente questionada, provocando acalorados debates sobre a reestruturação do Judiciário. Líderes religiosos, com a crescente perda de fiéis, que agora desacreditam de muitas das suas afirmações, estão começando a rever suas posições. E estão surgindo novas crenças que afirmam que os grandes líderes espirituais do passado, como Cristo, Buda, Moisés e Krishna eram seres vindos de outras dimensões.

— E no âmbito político? – quis saber Pérola.

— Os líderes de alguns países vêem Patxa como uma ameaça e já propuseram a criação de uma organização militar para defesa do planeta. Mas a maioria deseja mesmo uma maior aproximação para obter informações que possam contribuir com a humanidade.

— E o que as organizações científicas pensam disso? – perguntou Hermógenes.

— Também estão divididas. Algumas vaidades consideram humilhante termos que contar com a ajuda de “extraterrestres” para termos novos avanços tecnológicos. Outros, acreditam que esta é uma oportunidade de aprendizado imperdível.

— Resumindo: dividimos as opiniões do planeta! – comentou, sorrindo, Gabriel.

— É verdade, Gabriel – afirmou Bert. — E não poderia ser diferente. O número de pessoas que não acredita em Andr-El ainda é

muito grande. Nós todos somos muito suscetíveis a evidências visuais. Milhões de pessoas ainda não acreditam em Patxa simplesmente por não conseguirem vê-la. Afirmam que Andr-El foi programado para representar, que existem humanos por trás dos seus pronunciamentos. Se pudéssemos fazer alguma coisa quanto a isto!

— Talvez possamos, Bert. – respondeu Hermógenes, seus olhos brilhavam como quando tinha uma grande ideia — Agora que não precisamos mais evitar o uso de nossos equipamentos, posso voltar a trabalhar em minhas pesquisas. Acredito que seja possível fazer algo com relação a isto. Se eu puder converter os pulsos de quantum emitidos por Patxa, de forma que Andr-El possa enxergá-la, poderemos instalar nele um dispositivo de projeção holográfica e sonora, o que permitiria que todos nós pudéssemos ver e ouvir Patxa diretamente!

— Isto seria fantástico, pai! – exclamou Gabriel.

— Bem, então amanhã começaremos a trabalhar! Quer me ajudar?

— Lógico!

— Dr. Silva – interrompeu o androide.

— Sim, Andr-El.

— Patxa diz que sua equipe auxiliará no desenvolvimento do dispositivo. Apesar das tecnologias serem muito diferentes, ela acredita que poderão ajudar.

— Excelente, Andr-El. Vou convidar Lars e Samuel para colaborarem, também. Vou fazer uma lista de todos os materiais que precisarei e pedirei a Jean que os traga para mim, logo que possível. Nada como um bom trabalho em equipe!

RECOMEÇOS

Oito meses se passaram até que Hermógenes conseguisse um resultado minimamente aceitável. As primeiras apresentações foram realizadas para o seletivo grupo de amigos que acompanharam a história de Andr-El desde os seus primeiros momentos. A tensão era grande quando da primeira aparição de Patxa. Hermógenes acionou um dispositivo em Andr-El e gradativamente eles viram surgir a imagem de uma mulher muito alta, de semblante alegre, olhos negros, tez quase albina e cabelos muito alvos. Gabriel estremeceu ao vê-la: era a mesma mulher que falara com ele, durante os momentos em que estivera fora do corpo, no hospital, em coma.

— Saudações, meus caros amigos – disse ela. — Acabamos de dar mais um importante passo em nossa trajetória. A projeção holográfica da minha imagem reduzirá o número de céticos e trará novos adeptos para a nossa causa. No universo, tudo acontece no instante adequado. As condições das variáveis envolvidas em qualquer processo precisam atingir o seu ponto ideal para que o mesmo possa acontecer com êxito. Conosco, não poderia ser diferente. Gradativamente estamos atingindo o nosso objetivo de convencer os habitantes do seu planeta que não estão sozinhos no universo, que não são seres especiais da criação, mas sim integrantes de uma gigantesca família cósmica. Sintam-se felizes por fazerem parte deste momento privilegiado das nossas existências. Gostaria que fosse programada para o dia Primeiro de Agosto, uma data muito especial no calendário dos povos andinos, a minha

aparição pública. Fiquem em paz. – encerrou Patxa, sua imagem aos poucos se desvanecendo.

Na data prevista, não apenas as centenas de pessoas que acorreram ao ashram puderam assistir à primeira aparição pública de Patxa. Jean Bresson conseguira convencer Antonio Bloch a defender a proposta de transmissão mundial do evento, através da Rede Mundial de Imprensa, o que ele conseguiu após várias negociações. Ainda existia uma forte resistência, devido ao bloqueio de patrocínios por parte de várias empresas, mas o programa foi ao ar, atingindo bilhões de espectadores. Patxa fez um discurso emocionante, ratificando as intenções e propósitos de seu povo ao estabelecer contato com os terrestres.

Entre as pessoas que se deslocaram até o Amapá para assistir o evento, estava um jovem de barba azulada, vestido com roupas simples e de aparência descontraída. Pérola quase não o reconheceu, ao passar por ele.

— Wellington, é você mesmo?

— Sim, Pérola. Como vai você?

— Eu estou bem. E você está com uma ótima aparência. Mas, o que faz aqui? E seu trabalho na Andronics?

— Eu pedi demissão, Pérola. Após o julgamento de Andr-El eu fiquei muito abalado emocionalmente. Tornei-me extremamente dependente do *samadium*. Cheguei a tomar 50 comprimidos em um só dia. O diretor Yamamoto começou a me tratar muito mal, atribuía parte do fracasso da A.C. à minha incompetência. No laboratório, para onde ele me devolveu, eu passei a ser hostilizado pelos demais cientistas, com toda razão. Além disso, perdê-la foi terrível. Você, Pérola, era quem me dava sustentação emocional para viver. Depois de você, tudo começou a ruir. Se ao menos eu tivesse lhe ouvido!

— Eu tentei lhe alertar, Wellington.

— Sim, é verdade. Eu fui um idiota. Então, pedi demissão e resolvi mudar de vida. Procurei a Être e fui informado que a

organização estava programando uma caravana que passaria trinta dias no deserto de Gobi, na China, em estudos e trabalhos de renascimento espiritual. Aderi ao grupo e tive uma das mais fantásticas experiências da minha vida. Você não imagina o que foram os primeiros dias sem usar o *samadium*, do qual eu já era dependente. Ao retornar, decidi me tornar professor. Atualmente dou aulas em uma pequena cidade a seiscentos quilômetros daqui. Aderi à causa de Patxa e sou um dos seus propagadores. Você está convidada a ir conhecer o trabalho que realizamos lá.

— Obrigada, Wellington. Irei, sim – respondeu Pérola, que não conseguia esconder a sua alegria com a transformação do ex-namorado. — Foi muito legal voltar a ver você.

— Sim, foi muito bom, Pérola. Nunca a esqueci. Espero voltar a vê-la. – despediu-se Wellington, muito emocionado com o reencontro.

Enquanto isso, Gabriel percorria todo o ashram em busca de seu pai, até que o encontrou sentado em um banco de madeira, pensativo, no canto mais escondido do jardim.

— Oi, pai. Procurei você por todos os lugares. Você está bem? Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu algo muito triste, Gabriel. Conversei, há pouco, com alguns antigos colegas meus da Andronics Corp, através do videofone. Eles me informaram que David Yamamoto morreu na noite passada.

— Assim, de repente? Ele tinha algum problema de saúde?

— Não, Gabriel. Foi suicídio. Ele estava há algumas semanas afastado do trabalho, em tratamento psicoterápico. Alegava ouvir vozes e que uma criatura sombria o perseguia o tempo todo. Acordava de madrugada, sempre dando gritos de pavor. Finalmente, não suportou e se atirou do último andar do hospital onde estava internado. Fiquei muito triste com esta notícia. Apesar de tudo, por muito tempo fomos bons amigos. Agora, tenho a sensação que ele se envolveu com forças muito sinistras. Sabe, Gabriel, hoje acredito

que assim como existem seres que desejam contribuir para a nossa evolução, também existem aqueles que fazem de tudo para que isto não aconteça. Querem manter um modelo de atraso e dominação, ambiciosos que são por poder e controle. São eles que estão representados em todas as culturas e em todas as crenças como o Mal, semelhante ao “lado negro da força”, os verdadeiros Darth Vader, de Star Wars, mas que um dia também se arrependerão de suas atitudes.

— Lamentável, mesmo.

— Mas, diga. Por que você estava me procurando? Quer me falar algo?

— Tenho uma boa notícia para melhorar o seu humor.

— Então, fale.

— Acabou de ser divulgada a lista dos indicados para o Prêmio Nobel de Tecnologia. E o seu nome está entre os três finalistas!

— Não acredito! – disse Hermógenes, admirado.

— Sim. Em reconhecimento à sua vida dedicada ao desenvolvimento científico e pelas suas várias contribuições em prol do benefício da humanidade, segundo as informações divulgadas há pouco, pela imprensa.

— Hoje é um dia de grandes emoções – comentou Hermógenes, bastante comovido.

— Ora, você merece, paizão. Por tudo de bom que você tem feito a tantas pessoas. Principalmente por mim!

Algumas semanas depois sairia o resultado oficial. Hermógenes Silva foi o vencedor do Prêmio Nobel de Tecnologia daquele ano. Na suntuosa cerimônia de premiação realizada em Estocolmo, Suécia, o doutor Hermógenes Silva, acompanhado de sua esposa, Denise, receberia o vultuoso prêmio das mãos do presidente da Academia Sueca. Ao retornar ao Brasil, ele anunciaria a doação integral do prêmio à Fundação Marius Lex.

REVELAÇÃO

No final do mês de junho do ano seguinte, os astrônomos identificaram um objeto se deslocando em grande velocidade, através do sistema solar, em direção à Terra. Em um primeiro momento julgaram ser algum meteorito, mas à medida que o objeto se aproximou, foi possível identificar que se tratava de uma nave espacial que se deslocava à velocidade aproximada de 1.800 quilômetros por segundo. Ao passar por Netuno, eles calcularam que ela deveria chegar ao planeta em primeiro de agosto.

Mas, no ashram, Hermógenes, Andr-El e Condor Azul já sabiam da vinda desta nave algumas semanas antes. Uma grande área foi preparada, em Calçoene, para a aterrissagem da nave, seguindo as orientações de Patxa, tudo realizado em segredo. Apenas na véspera da aterrissagem, eles informaram à imprensa e aos órgãos governamentais que a nave pousaria ali.

Os olhos de todo o planeta estavam voltados para aquele local. A Rede Mundial de Imprensa enviou os seus melhores jornalistas para realizarem a cobertura do evento mais importante dos últimos séculos.

Ao meio-dia, a nave circular, com aproximadamente um quilômetro de diâmetro pousou suavemente no local indicado. Na comissão terráquea de boas-vindas estavam os doze amigos: Hermógenes, Denise, Gabriel, Condor Azul, Pérola, Bert, Bianca, Levi, Anna, Jean, Samuel e Lars. Uma gigantesca porta se abriu na nave e dela desceu, flutuando, um grupo de vinte pessoas. À frente, liderando-os, uma mulher muito alta, de semblante alegre, olhos negros, tez quase albina e cabelos muito alvos.

— Saudações, amigos! Há muito tempo preparamos este reencontro de nossos povos. Já faz séculos desde a última vez que aqui estivemos, de forma tão explícita. Somos parte de uma civilização milenar, que tem por único objetivo contribuir para a evolução dos demais seres inteligentes que habitam os muitos planetas e dimensões da nossa galáxia. Assim tem sido sempre, desde a origem do Universo. No passado remoto, também nós fomos auxiliados, há muitas eras, por nossos predecessores. Hoje, retribuímos as dádivas que recebemos. Sabemos que são muitas as perguntas que desejais fazer. Mas, em primeiro lugar, saibam que viemos em paz. A única coisa que queremos conquistar é a vossa confiança. Uma nova era se inicia, hoje, Primeiro de Agosto, na qual os habitantes do Planeta Terra terão a oportunidade de dar um salto significativo em sua evolução, preparando-se para também integrar esta comunidade cósmica. Grandes aprendizados vos aguardam, vós não sois máquinas, mas sim Consciências Cósmicas. Estes amigos que me acompanham são meus auxiliares diretos, profundos conhecedores de diversos ramos do conhecimento, especialistas em suas respectivas áreas, com os quais vós podereis contar sempre. Quanto a mim, meu nome na forma pronunciável por vosso idioma, é Patxamihn, trigésima sétima descendente da matriarca Patxa Mama, iluminada renovadora da nossa civilização, que da dimensão onde hoje vibra, orienta nosso trabalho, indicando os planetas que devemos visitar e preparando as condições para a nossa chegada. Há muitos milênios nós mantemos intercâmbio com seres das mais diversas dimensões e planetas, na vastidão do Cosmos. Agora, é chegada a vossa oportunidade. Não estareis mais sozinhos no Universo, como julgáveis. Convidamos-vos a fazerem parte da nossa Grande Fraternidade Universal.

— Aceitamos o convite, com a maior felicidade — respondeu Hermógenes, com lágrimas nos olhos. — Sejam bem vindos ao nosso pequeno, mas belo, planeta!

O AUTOR

GOULART GOMES nasceu em Salvador, Bahia, em 1 de maio de 1965. Administrador de Empresas, pós-graduado em Literatura Brasileira (UCSAL) e em Gestão de Comunicação Integrada (ESPM-RJ). Atua na área de Comunicação Empresarial. É espiritualista e pesquisador de ficção científica. Fundador do Grupo Cultural Pórtico (1995) e criador da linguagem poética Poetrix (1999). Obteve 69 prêmios em concursos de poesia, prosa e festivais de música e participou de 54 coletâneas publicadas no Brasil, Cuba, Espanha, USA, Itália, França e Coréia do Sul e tem trabalhos divulgados em vários outros países. Coordenador do Movimento Internacional Poetrix e do Grupo Cultural Pórtico, como editor alternativo propiciou a publicação de 56 livros e coletâneas de novos autores. É professor voluntário de Literatura Brasileira no pré-vestibular social Ação Pela Educação.

Homepages:

www.goulartgomes.com e www.movimentopoetrix.com

OUTROS LIVROS DE GOULART GOMES

POESIA

Anda Luz (1987)

Todo Desejo (1990)

Sob a Pele (1994)

LinguaJá, o Território Inimigo (2000)

Esfinge Lunar e Outros Enigmas (2001)

Concerto para Prego e Martelo – Poesia Reunida: 1984-1994
(2011)

POETRIX

Trix, Poemetos Tropi-kais (1999)

Minimal, dos males o menor (2007)

TEATRO

A Greve Geral (1997)

CORDEL

A Divina Comédia (1989)

CONTOS

Todo Tipo de Gente (2003)

ENSAIO

Matrix Revelations – Tudo o que Você Queria Saber sobre o Filme
(2005)

FICÇÃO CIENTÍFICA

Deixando de Existir (2009)